

**A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA DE KATARINA REAL
(1927-2006): COLECIONANDO MARACATUS EM RECIFE**

Clarisse Quintanilha Kubrusly

Programa de Pós-graduação em
Sociologia e Antropologia, (PPGSA),
do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais,
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Orientador: Dr. José Reginaldo Gonçalves.

Rio de Janeiro, dezembro de 2007.

A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA DE KATARINA REAL: COLECIONANDO MARACATUS EM RECIFE

Clarisse Quintanilha Kubrusly

Dissertação submetida ao corpo do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal Do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Sociologia com concentração em Antropologia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Márcia Contins (UERJ)

Prof. Dra. Maria Laura Cavalcanti (PPGSA-IFCS-UFRJ)

Prof. Dr. José Reginaldo Gonçalves (PPGSA-IFCS-UFRJ)
(orientador)

Rio de Janeiro, dezembro de 2007.

*

KUBRUSLY, Clarisse Q.

Reflexão antropológica sobre a “experiência etnográfica” de Katarina Real com os Maracatus em Recife./ Clarisse Q. Kubrusly. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2007.

140 p.

Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS.

1. Antropologia 2.Experiência etnográfica . 3. Maracatus.

4.Tese (Mestrado –UFRJ/IFCS).

A Experiência etnográfica de Katarina Real (1927-2006): Colecionando os maracatus em Recife.

*

Resumo:

O objetivo desta dissertação consiste em apresentar uma primeira reflexão do meu “trabalho de campo” sobre a produção etnográfica de Katarina Real com alguns dos maracatus de baque virado em Recife. Com o intuito de realizar um contraponto à visão apresentada pela autora, estabeleci um diálogo com os atuais “maracatus” que mantêm os mesmos nomes e se consideram de alguma forma, as “mesmas” antigas nações de maracatu (Estrela Brilhante, Porto Rico do Oriente e Leão Coroado) que Katarina pesquisara nas décadas de 60 e 70 e 90. Considerando que as representações etnográficas não são apenas o resultado de uma “observação”, mas principalmente, de “alianças”, “tocas”, “mediações” estabelecidas entre “etnógrafos” e “nativos”, busquei apresentar parte dessas “negociações” e “contextos” que permitiram uma “real” aproximação entre Katarina Real, a Comissão Pernambucana de Folclore (CPF) e os maracatus de baque virado. Ao mesmo tempo em que a minha pesquisa se filia ao que foi chamado de “movimento reflexivo” na antropologia, olhando para a “experiência etnográfica” de uma pessoa ímpar, também realiza um “trabalho de campo”, entrevistando e conhecendo pessoas (integrantes de maracatus-nação) que possam, com seus depoimentos, complexificar algumas questões apresentadas: como o papel que os “museus” ocupam no imaginário maracatuzeiro. Acredito que, dessa forma, diferentes vozes e opiniões são incentivadas a dialogarem, ampliando ainda mais o debate sobre os limites do conhecimento etnográfico e sobre os maracatus nação em Recife.

Abstract

The aim of this work consists of presenting a first reflection of my fieldwork on the Katarina Real ethnographic experience with some of the maracatus in Recife. To carry out a counterpoint to the vision presented by the author, I established a dialogue with current maracatus that keeps the “same” names and consider itself in some way, the “same” old maracatus (Estrela Brilhante, Porto Rico do Oriente and Leão Coroado) studied by Katarina in the decades of 60 and 70 and 90. Considering that the ethnographic representations are not only the result of an “observation”, but mainly, of “alliances”, “shifts”, established between “ethnographers” and “natives”, I aimed to present part of these “negotiations” and “contexts” that have allowed one “real” approach between Katarina Real, the Comissão Pernambucana de Folclore (CPF), and some maracatus. At the same time that my research is affiliated to what was called “reflective movement” in the anthropology, by looking to the “collection” of an uneven person, also carries out a “fieldwork”, interviewing and knowing people (from maracatus) that may, with its statements, turn more complex some presented questions: as the role that the “museums” occupy in the maracatu cosmology. I believe that, in this way, different voices and opinions are stimulated to dialogue, extending even more the debate about the limits of the ethnographic knowledge and about the maracatus nation in Recife.

Agradecimentos

Este trabalho cuja autoria recebe minha assinatura é fruto de inúmeras parcerias que se formaram e se transformaram num Recife entre Rios.

Agradeço aos meus pais, Ricardo Kubrusly e Elisabeth Quintanilha que sempre me estimularam a ser Clara Alice através do espelho, onde “contradições” e “sonhos” não apenas são possíveis, mas “reais”. Ao meu Irmão Gabriel pela existência e companheirismo.

No Rio de Janeiro; ao meu orientador José Reginaldo Gonçalves e ao PPGSA pelo respeito e pela confiança. A Suiá Omim Arruda e a Pedro Segreto Moura, pela amizade e interlocução neste trabalho. Aos professores do mestrado com os quais tive a sorte e o prazer de estudar: Emerson Giumbelle, Gláucia Villas Boas, Marco Antônio Gonçalves, Maria Laura Cavalcanti, Peter Fry e Rosilene Alvim. Aos colegas de estudos variados: Aline Valentim, Tiago Albuquerque, Isabela de Castro, Chicote, Milena Sá, Caca Pitrez, Clara Porto, Rita Gama, Elisa Herkenhoff, Eleonora Moura, Patricia de Oliveira, André Luiz Nunes, Luiz Guilherme Braga, Zé Luiz Soares, e Mário Miranda.

Em Recife; agradeço à família Ascelrad Villar: Maria, Gustavo, Mariá e Thomas pela semente de amizade plantada no quintal das frutas. Ao professor Roberto Benjamin e a José Fernando na CPF. Ao escritor de Olinda, Olímpio Bonald e à sua mulher Zenaide Pedrosa. Ao grande artista de Olinda, Silvio Botelho. À Silvia Brasileiro na FJN. Ao querido professor de etnomusicologia Carlos Sandroni, aos etnomusicólogos, Climério de Oliveira, Sérgio Gaia Bahia, Anita Freitas, Virginia e Cristina Barbosa.

Agradeço especialmente aos mestres e maracatuzeiros do baque virado: Afonso Gomez de Aguiar Filho, Elda Ivo Viana, Maria Marivalda dos Santos, Olga Santana Batista, Maurício Soares, Walter de França, Bruno Uchôa, Shacon Viana, Rogério Batista, Gilmar Batista, Ulisses e Cláudio da Rabeca. Aos amigos Marcelo Lyra e Cláudio Santana pelas fotos e companheirismo em Pernambuco. Aos queridos amigos da cidade entre rios, Joana Veloso, Siba Veloso, Cleonice Veloso, Newtinho Jr, Gilsinho e Uiatan. E por fim, agradeço a Dona Joventina pelo mistério e aprendizado.

*“Os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro.
É o sussurro o que me impressiona.”*
(Lispector, C.)

À música e ao piano da vó Luiza (1918 – 2007)

Sumário:

Prólogo / 09

Um Recife entre Rios: Entrada no Campo / 17

Parte II / 23

Capítulo I:

De Katherine Royal Cate a Katarina Real / 28

A família Beltrão: um sobrenome para Katherine em Recife / 33

Katherine Cate no movimento folclórico: uma “gringa” invade o encontro nacionalista / 37

Katarina Real e as “capelinhas” recifenses: re-inventando a Comissão Pernambucana de Folclore / 41

O choque: um estranhamento cultural e a volta aos EUA / 51

Capítulo II:

Katarina Real e “os africanos” do Recife / 56

Eudes Chagas e a nação Porto Rico do Oriente / 58

De Luiz de França a Afonso Aguiar: como salvar o Leão Coroado da fogueira? / 72

Capítulo III:

Dona Joventina: a calunga do Estrela Brilhante / 84

Dona Joventina: o presente de “mestre Cangarussu” para Katarina Real / 89

Dona Joventina: “Iansã Gigan”, a protetora da nação Estrela Brilhante do Alto José do Pinho / 101

Dona Joventina: o “pé de vidro” da boneca roubada / 109

Considerações finais / 115

Índice de siglas e abreviaturas / 120

Glossário / 121

Bibliografia /131

Anexos /139

Prólogo

*

...Era um caminho de uma única curva infinita e instável, com nomes, passagens, casas e portas. Era uma feira mercado leilão, sem começo nem fim, onde se comercializavam afetos, cheiros, sons e sentidos. Era um cortejo com Reis, Rainhas, Damas do Palácio e Bonecas de madeira. Era um panteão africano na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do bairro de Sto. Antônio na Zona Portuária de um Recife antigo. Era um baque virado de tremer a terra, um cheiro de incenso doce e um gosto de cuscuz com leite na boca. Era um séqüito real nas redondezas e no interior do mercado São José, onde a cidade do Recife e suas “seitas” continuam sendo feitas e re-feitas emaranhadas em uma “mesma”, porém variada história... (Claqk)

*

O objetivo desta dissertação consiste em colocar em diálogo a produção etnográfica de Katherine Royal Cate (1927-2006) sobre as “nações africanas” do Recife com os atuais “maracatus” que mantêm os mesmos nomes e se consideram, de alguma forma, as “mesmas” antigas nações que a autora pesquisou nas décadas de 60 e 70.

Meu encontro com o “maracatu” inicia-se no Rio de Janeiro, em 1999, quando comecei a fazer parte do Rio Maracatu¹. Estabeleci então um vínculo com a cidade do Recife e com os maracatus de baque virado que se estende até hoje. Em Pernambuco, duas manifestações carnavalescas distintas são denominadas “maracatu”: o maracatu de “baque solto”, ou “de orquestra”, ou “de trombone” mais conhecido como “maracatu rural”² e associado à Zona da

¹ O Rio Maracatu é um grupo, que desde 1997, realiza um “bloco de rua” inspirado no “maracatu de baque virado” e em ritmos cariocas (samba e jongo). A partir de 2005, também apresenta uma formação mais “Pop” denominada “Lapada” que conta com a utilização de guitarra, violão, flauta e bateria em shows de palco. Os ensaios e oficinas são realizados na Fundação Progresso (Lapa RJ). O grupo mantém um diálogo com alguns dos atuais maracatus nação do Recife (principalmente o Estrela Brilhante, o Porto Rico do Oriente e o Leão Coroado). Ver site: www.riomaracatu.com.

² A nomenclatura associada ao interior do estado, hoje categoria nativa, foi proposta por Katarina Real em 1966 e é criticada por Guerra Peixe no prefácio da segunda edição de seu livro em 1981: “A senhora Katarina Cate; que ignorou por completo os designativos que os próprios populares usam para o tipo de maracatu que chamam Maracatu de orquestra ou maracatu de trombone (...) Se o povo criou denominação para uma coisa certa, não há

Mata. E o “maracatu nação”³ ou de “baque virado” presente principalmente em bairros de baixa renda do grande Recife.

Desde o final do século XIX, intelectuais como Pereira da Costa (1908), Mário de Andrade (1959), Mario Sette (1938), Ascenso Ferreira (1951), entre outros, encenavam uma “retórica da perda”, profetizando o fim dos maracatus nação vistos por estes autores como “autênticas” tradições “afro-brasileiras” e sob a ameaça de uma “modernidade” homogeneizante e avassaladora. (GONÇALVES, 2002) Para esses intelectuais, os maracatus de baque virado deveriam ser a todo custo preservados, resgatados e até re-construídos.

Em meados do século XX, o maestro pernambucano Guerra Peixe (1955) e a pesquisadora norte-americana Katarina Real (1967) chamaram mais uma vez a atenção para os maracatus de maneira saudosista, referindo-se a um passado perdido e ao risco do seu desaparecimento, principalmente porque na década de 60 muitas nações deixaram de sair às ruas com a morte de seus dirigentes. No entanto, a partir dos anos 80, os maracatus vêm se multiplicando em suas

razão para substituí-la por palavra que só é usada por intelectual.” (GUERRA PEIXE, 1981: 14). Segundo Siba Veloso, mestre do maracatu Estrela Brilhante de Nazaré da Mata: “Maracatu de baque solto é uma tradição popular da região da Zona da Mata Norte de Pernambuco que representa uma nação guerreira em movimento. Entre vários personagens, o Caboclo de Lança se destaca como sua principal marca visual, seu “chapéu” (longa cabeleira colorida), o “surrão” (chocalhos de ferro nas costas), a “lança” pontuda e a “manta” colorida bordada em lantejoulas que veste sobre o corpo. Realizam movimentos coreográficos embalados pelo ritmo do “terno” (a pequena orquestra de percussão e metais). Nos meses que antecedem o carnaval acontecem os “ensaios” e as “sambadas” nas quais ocorrem as disputas entre poetas de dois grupos rivais onde a poesia rimada é o ponto central das atenções e uma de suas particularidades mais marcantes” (Siba, 2007); (texto enviado por e-mail).

³ Os “maracatus nação” ou maracatus de “baque virado” também referidos como “nações africanas” são uma manifestação carnavalesca da cidade do Recife que tem como mito de origem as Instituições dos Reis do Congo ou Instituições Mestras, associada às Irmandades que prestavam assistência aos negros nos bairros portuários do Recife antigo (Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos bairros de Santo Antônio e São José). As narrativas históricas sobre os *terreiros* e “afro-descendentes” em Recife se remetem ao Mercado São José, ao Pátio do Terço e às casas dos sacerdotes da “seita” e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Atualmente as nações de maracatu realizam suas “saídas” (desfiles nas ruas) com uma grandiosa Corte Real (personagens: Rei, Rainha, Princesa, Dama do Paço, Calungas, Baianas Ricas, Vassalos, Caboclos de Lança ou Reiamar, Escravos e Catirinas ou Baianas etc.) De suas “sedes” e *terreiros* saem para as ruas acompanhados do soar de um inteno “baque virado” executado por um conjunto musical percussivo (instrumentos: alfaias ou bombos, gonguê, caixas, mineiros e abês). Ostentam seus vínculos com alguma religião “afro” de Recife (o *Xangô*, *Catimbó* e *Jurema*) e se dizem “nações” devido à alegada descendência “africana”. **Muitos maracatus e agremiações carnavalescas recebem auxílio da prefeitura da cidade para desfilarem no carnaval. As agremiações carnavalescas que recebem esse auxílio são obrigadas a participar do Desfile Oficial promovido pela Federação Carnavalesca, sob a pena de serem expropriados e doados para um órgão de preservação histórica caso deixem de desfilarem por três anos consecutivos.** (todos os grifos desta dissertação são meus).

diversas abordagens, recriações e apropriações. As “antigas”⁴ nações de maracatu voltam a sair nas ruas com novos integrantes e em lugares distintos e, de algum modo, consideram-se os “mesmos” maracatus que seus nomes representam. Novos grupos de caráter mais lúdico e sem um compromisso religioso também não param de surgir para tocar e dançar ao som do baque virado em Pernambuco, no Brasil e no mundo.

O primeiro maracatu nação que conheci foi o Estrela Brilhante, localizado no Alto José do Pinho, cujas “calungas”⁵ ou “bonecas” são Dona Joventina e Dona Erundina. Visitei o Museu do Homem do Nordeste (MHN), em 2001 e 2004, e uma boneca de um antigo maracatu Estrela Brilhante despertou minha curiosidade, pois tinha sido trazida de volta ao Brasil, doada pela pesquisadora norte-americana, Katarina Real, em 1996. Assim, a boneca Joventina serviu de inspiração para a investigação sobre a trajetória de Katherine Royal Cate com os maracatus de baque virado em Recife e desencadeou as questões desenvolvidas nessa dissertação. A boneca Joventina era um universo de intercessão entre a trajetória da pesquisadora e o maracatu Estrela Brilhante com o qual eu mantinha contato em Recife.

Como teria a pesquisadora estrangeira adquirido essa boneca de um antigo maracatu nação Estrela Brilhante? Que tipo de inserção e visibilidade detinha em Pernambuco e porque doou a calunga para o Museu do Homem do Nordeste (MHN)? O que pensariam os integrantes dos atuais maracatus sobre calungas em museus? Essas são algumas das questões iniciais que me fizeram trilhar o caminho por onde circulam pesquisadores, *mestres*, *rainhas*, *bonecas de madeira*, *deuses* e *ancestrais*.

Mitologias, evocações litúrgicas, práticas, crenças, além de calungas, estandartes, sombrinhas, coroas e cetros compõem parte e substância de uma cosmologia *maracatuzeira* que é

⁴ Muitas nações de maracatu (Elefante, Estrela Brilhante, Porto Rico entre outras) pararam de sair às ruas com a morte de seus dirigentes, voltando a desfilar anos mais tarde. Na nomenclatura nativa, ao falar dessa primeira fase que lhes confere uma autenticidade baseada em critérios da antigüidade e do reconhecimento de poderosas *Yalorixás*, *Oluos* e *Babalorixás*, adiciona-se um “antigo” antes do nome do maracatu e o nome do falecido no final, como por exemplo: o antigo maracatu nação Elefante de Dona Santa; ou o antigo maracatu Porto Rico do Oriente do finado Eudes, ou o antigo maracatu Estrela Brilhante de mestre Cosme, etc.

⁵ O termo designa, nesse trabalho, as bonecas dos maracatus nação, esculpidas em madeira e às quais são atribuídos poderes mágico-religiosos. Desfilam nas cortes dos maracatus carregadas pela “dama do paço”. Ver Glossário desta dissertação.

incansavelmente refeita a cada passo-encontro-despedida. Os maracatus se apresentam como o produto de “trocas” que envolvem, em uma mesma “teia”, agentes e objetos diferenciados. Compreendo o maracatu como um “entangled object”, como um “objeto entrelaçado”, construído por meio de diversas relações, ou seja, por diferentes apropriações de idéias, ações e objetos materiais, trazidos e postos em contato pelos envolvidos com a questão. (THOMAS, N; 1991) Estou interessada em olhar de maneira antropológica o caráter simbólico da vida social e da própria produção intelectual, contribuindo, assim, para uma compreensão mais profunda do fenômeno histórico do maracatu de baque virado.

Uma verdadeira efervescência envolveu Katarina Real em uma série de ações e reações dirigidas às antigas nações de baque virado do Recife. Katarina estabeleceu “vínculos de alma” com alguns mestres e rainhas de maracatus, tais como: a rainha Dona Santa⁶ da nação Elefante; Dona Assunção⁷, a viúva de Seu Cosme⁸, da antiga nação Estrela Brilhante; Eudes Chagas⁹ do maracatu nação Porto Rico do Oriente; Luiz de França¹⁰ do maracatu nação Leão Coroado e Seu Veludinho¹¹, o centenário batuqueiro que participou de algumas nações até meados da década de 60 (Elefante, Estrela Brilhante e Leão Coroado). Como em um mercado de bens intangíveis, Katarina e seus interlocutores do maracatu de baque virado misturavam-se e modificavam-se a cada encontro estabelecendo trocas de “dons” e “contra-dons” quase “obrigatórios”, “vínculos” que perduraram décadas. (MAUSS, 2003).

⁶ Maria Júlia do Nascimento (1886 ? – 1962) conhecida como “Dona Santa” ou “Santinha” foi uma poderosa *yalorixá* que se tornou a rainha do maracatu nação Elefante.

⁷ Dona Maria Assunção foi a derradeira esposa do Seu Cosme, (fundador do Estrela Brilhante de Recife), que levou adiante as obrigações no *Estado* de *catimbó* do falecido marido (1955-1965).

⁸ Cosme Damião Tavares (1878-1955), natural de Igarassu, foi o fundador do Estrela Brilhante de Campo Grande, em Recife, em 1906.

⁹ Eudes Chagas (1921-1978) nasceu em Olinda e foi para Recife ainda menino. Era *babalorixá* no bairro do Pina onde exerceu o sacerdócio até sua morte (1978). Com a colaboração de Katarina Real, foi coroado o Rei do Maracatu nação Porto Rico do Oriente, em 1967.

¹⁰ Luiz de França dos Santos (1901-1997) era filho de Laureano Manuel dos Santos (o fundador do Leão Coroado). Cresceu no Bairro de São José, “espécie de gueto de escravos libertos, local onde aconteciam cultos africanos”. Os padrinhos de santo de Seu Luiz foram: Eustachio Gomes de Almeida e Dona Santa. (AMORIM in: Continente documento n.43/2006.). Seu Luiz foi membro da Irmandade de São Benedito da igreja de São Gonçalo do bairro da Boa Vista e da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos do bairro de Santo Antônio. Tido como um dos últimos *oluos* de Recife foi o mestre do maracatu Leão Coroado até sua morte, em 1997.

¹¹ João Batista de Jesus (seu Veludinho) foi batuqueiro das nações Estrela Brilhante, Elefante e Leão Coroado. Na década de 60, já tinha mais de cem anos e ainda tocava o bombo mestre maior, mais grave e mais pesado.

Alguns autores como Clifford (1988), Stewart (1993), Pomian (1984), Jakins (2002), Gonçalves (2002), entre outros, querem mostrar que o ato de “coleccionar” ou as “coleções” que são expressas pelas etnografias, pelos romances, pelos filmes e, mais notavelmente, pelos museus, criam a ilusão da representação adequada do mundo, na qual os fragmentos deslocados falam por um todo perdido. As coleções expõem e realizam mediações. Primeiramente, os objetos são deslocados de seus contextos originais, transformados em símbolos abstratos, tornando-se metonímias da “cultura” e de suas diversas possibilidades. Em seguida, os processos de organização, exposição e reclassificação entram em ação. Esses autores chamam atenção para o processo do colecionamento como um lugar de construção de identidade e subjetividade por excelência, sublinhando o papel fundamental de determinados intelectuais na colaboração, constituição e seleção dos “fatos”. Meu trabalho busca ressaltar o processo de colecionamento em que Katherine Royal Cate se torna Katarina Real, uma especialista na Arte Folk de Pernambuco: como é que a autora constrói sua “autoridade etnográfica” acompanhando os “últimos mestres africanos” dos maracatus nação no Recife durante aproximadamente quatro décadas (60-90).

Assim como poemas, textos variados e hipóteses, as etnografias só podem ser julgadas depois que alguém as cria. As representações etnográficas têm autor e, então, o que antes parecia apenas tecnicamente difícil, colocar “eles”, os “nativos”, em “nossos” livros, filmes e exposições, tornou-se tarefa delicada em termos políticos, morais e epistemológicos. (GEERTZ, 2002:171). As etnografias são o resultado não apenas de um processo de observação (que nunca é imparcial), mas também, de alianças que se estabelecem entre pesquisadores e pesquisados e que efetuam uma aproximação “real” entre ambos. Além disso, a repercussão e os usos de tais produções etnográficas dão seqüência ao diálogo ou embate, entre perspectivas e cosmologias distintas. O diálogo é expresso nas indignações, intrigas, aceitações e negações dos argumentos e dados apresentados pelas etnografias. Mas a dedicação e curiosidade dos pesquisadores em tentarem “captar o espírito nativo” da “vida de um grupo” e, neste caso, da relação de Katarina Real com os “últimos africanos” do maracatu em Recife, consistem também em uma “auto-ilusão” de que isto seria possível. Contudo, “o espírito nativo” e a “vida de um grupo” são construções concebidas no embate em que pessoas se observam e se interpretam mutuamente e continuamente em um caminho onde o tempo-espaço-matéria questiona em diálogos. (SILVA, 2006: 183-184)

Ao mesmo tempo em que a minha pesquisa se filia ao que foi chamado de “movimento reflexivo” na antropologia, olhando para a “experiência etnográfica” de uma pessoa ímpar, também realiza um “trabalho de campo”, entrevistando e conhecendo pessoas (integrantes de maracatus-nação) que possam, com seus depoimentos, complexar algumas questões apresentadas. Acredito que, dessa forma, diferentes vozes e opiniões são incentivadas a dialogarem, ampliando ainda mais o debate sobre os maracatus de baque virado. Minha pesquisa pretende chamar atenção para um embate de “crenças” e certas contradições implicadas em determinadas políticas de preservação estabelecidas no encontro entre Katarina Real e os maracatus. É a partir do meu encontro com intelectuais amigos de Katarina Real e com alguns maracatuzeiros de nações, que hoje saem nas ruas com os “mesmos” nomes das antigas nações pesquisadas pela autora, que eu exponho com cuidado de iniciante esse trabalho-diálogo etnográfico de “baque virado”.

Em primeiro lugar, apresento uma justificativa metodológica: *Um Recife entre Rios* descreve minha entrada nesse campo de pesquisa através do maracatu Estrela Brilhante e da boneca Joventina. Exponho em que consistiu a metodologia etnográfica utilizada, para que os leitores possam mapear de onde e como retirei o material discutido. Apresento minhas opções e ações desenvolvidas durante os seis meses (final de janeiro até o início de agosto de 2006) em que morei em Casa Forte, Recife. Na parte II, relato uma tarde de pesquisa em março de 2007, quando visitei a exposição em homenagem à Katarina Real, organizada no Museu do Homem do Nordeste (MHN).

No capítulo I (*De Katherine Royal Cate à Katarina Real*) discuto como Katherine Royal, a jovem pesquisadora dos EUA, tornou-se Katarina Real, a “folclorista abasileirada”¹². Realizo uma leitura de sua atuação junto à Comissão Pernambucana de Folclore (CPF) até 1968. Quero mostrar como a pesquisadora foi se inserindo em círculos de reciprocidades na capital pernambucana chegando a ocupar o cargo de Secretária Geral da CPF e de presidente da Comissão Organizadora do Carnaval (COC) ligada à Federação Carnavalesca. Katarina estabeleceu uma verdadeira ponte entre as agremiações carnavalescas e as políticas ligadas ao incentivo da cultura popular em Pernambuco. Pretendo mostrar como a colecionadora foi criando vínculos com uma alta classe letrada e ao mesmo tempo acompanhando maracatus e clubes carnavalescos nos

¹² Katarina Real é assim apresentada no “Dicionário dos Folcloristas Brasileiros” de Mário Souto Maior (1999).

subúrbios da cidade, tornando-se uma verdadeira “mediadora” que estabeleceu um intenso diálogo entre a CPF, a COC, as políticas estaduais e algumas das agremiações, clubes e troças que compõem o carnaval da cidade.

Dedico o capítulo II (*Katarina Real e “os africanos” do Recife*) para pensar o envolvimento de Katarina com seus interlocutores privilegiados do maracatu, “os últimos africanos” *afilhados* de Dona Santa: Eudes Chagas e Luiz de França. Com o primeiro, Katarina fundou a nação Porto Rico do Oriente. Com o segundo, manteve uma forte relação de amizade e compadrio e em companhia de Roberto Benjamin¹³ e da CPF, ajudou a “salvar” o Leão Coroado da fogueira. Seu Luis de França dizia que “ia botar fogo no maracatu” para garantir a devida “reclusão”. Dos antigos maracatus que Katarina acompanhou, o Leão Coroado foi o único que não “recolheu” e não passou por nenhuma instituição ligada à construção e preservação de um patrimônio cultural. Graças a uma preocupação da CPF, Luiz de França aceitou realizar a transferência do maracatu para o *babalorixá* Afonso Aguiar. Dessa forma, Katarina Real e Roberto Benjamin foram fundamentais na transferência de zeladores do maracatu fundado em 1863, que foi premiado pela lei estadual de patrimônio vivo em 2006.

No terceiro e último capítulo (*Dona Joventina: a calunga do Estrela Brilhante*), apresento as polêmicas biografias da boneca do maracatu Estrela Brilhante. A boneca Joventina ficou nos EUA durante 30 anos (1965-1996) sob a posse da pesquisadora antes de ser doada (1996) ao acervo do MHN. Além disso, hoje existem duas nações de nome Estrela Brilhante que, de formas distintas, reivindicam a posse da mesma calunga. Discuto as três versões recolhidas sobre as biografias de Dona Joventina, sublinhando um embate de crenças no que se refere ao papel que os “museus” ocupam no imaginário das senhoras dos maracatus de nome Estrela Brilhante (Dona Marivalda¹⁴ e Dona Olga¹⁵) e da pesquisadora Katarina Real.

¹³ Roberto Emerson Câmara Benjamin nasceu em 1943, em Recife. Bacharel em Jornalismo e em Direito, é professor aposentado da UFRPE e é o atual presidente da Comissão Pernambucana de Folclore.

¹⁴ Maria Marivalda dos Santos, nascida em 1953, é a atual rainha do maracatu nação Estrela Brilhante do Alto José do Pinho em Recife.

¹⁵ Olga Santana Batista, nascida em 1939 é conhecida como Dona Olga. Filha da falecida rainha Dona Mariú, Olga é a matriarca da família que há gerações mantém o maracatu nação Estrela Brilhante em Igarassu.

Procurei saber o que pensam os atuais maracatuzeiros sobre Katarina Real. O que pensam sobre o papel dos museus e do MHN? Por isso fui conversar com Dona Marivalda e Maurício Soares¹⁶ no Estrela Brilhante de Recife, com Dona Olga no Estrela Brilhante de Igarassú, com o mestre Afonso Aguiar¹⁷ no Leão Coroado e com Dona Elda¹⁸ no Porto Rico do Oriente. Esses conhecedores do baque virado de hoje, em conjunto com os professores Roberto Benjamin e Olímpio Bonald¹⁹, o Bonequeiro Sílvio Botelho²⁰, o secretário da Comissão de folclore Zé Fernando²¹, Silvia Brasileiro²² da FUNDAJ, entre outros, foram todos fundamentais para o diálogo proposto na metodologia etnográfica desta pesquisa que pretende refletir sobre a relação entre Katarina Real e os maracatus nação em Pernambuco.

*

¹⁶ Maurício Soares da Silva dança de “Baiana Rica” no Estrela Brilhante do Alto José do Pinho; foi meu professor de dança e é meu principal interlocutor além de Dona Marivalda, no que se refere às práticas desse maracatu. Além disso, é uma espécie de guia espiritual e recebe uma entidade em sua casa (“uma *Pombajira*”) que dá consultas todas as segundas feiras, atendendo parte da comunidade da Mangabeira e do Alto José do Pinho.

¹⁷ Afonso Gomes de Aguiar Filho nasceu em Campina do Barreto, Recife, em 15 03-1948. Seu pai tinha um peji em casa. Ao se mudarem para Águas Compridas, Olinda, em 1955, abriu um ilé (terreiro) assumido por Afonso com a morte do Pai há 19 anos. Quando passou a tomar conta do Leão Coroado em 1996, o maracatu foi transferido para o bairro de Afonso no qual foi comprado o terreno, em 1997.

¹⁸ Elda Ivo Viana é a atual Rainha do Maracatu nação Porto Rico do Oriente localizado no bairro do Pina, em Recife.

¹⁹ Olímpio Bonald (1932-) é escritor, membro da Academia Pernambucana de Letras, morador do bairro novo de Olinda e casado com Zenaide Pedrosa. Olímpio Bonald é apresentado na Wikipédia como “historiador, ensaísta, folclorista, cronista, poeta e pintor brasileiro.”

²⁰ Sílvio Botelho é bonequeiro, fabrica bonecos gigantes em Olinda. Reside na “Cidade Alta”, no sítio histórico da antiga colônia holandesa.

²¹ José Fernando é o assistente de Roberto Benjamin na Comissão Pernambucana de Folclore.

²² Silvia Brasileiro é a responsável pela coordenadoria do departamento educativo do MHN-FJN.

Um Recife entre Rios: Entrada no Campo

Disposta a redescobrir a trajetória de Katarina Real em Recife, fui passar o primeiro semestre de 2006 na capital pernambucana. O primeiro lugar em que procurei um contato com a pesquisadora foi no MHN-FJN. Para minha decepção, fazia quase dois anos que o museu estava fechado²³ por motivo de reforma e manutenção. Conseqüentemente não revi a exposição que, desde 1962²⁴, apresenta os objetos e indumentárias do antigo maracatu nação Elefante de Dona Santa; nem pude rever a calunga da antiga nação Estrela Brilhante, Dona Joventina.

Minha última visita a esse museu tinha ocorrido, sem qualquer propósito de pesquisa, em 2004²⁵. Joventina estava em companhia das outras três calungas do Elefante (Dona Emília, Dona Leopoldina e Dom Henrique), que lá permaneciam imóveis desde o início da década de 60. No caso da nação Elefante, foi a própria Dona Santa quem disse que ninguém usaria sua coroa e que a nação não deveria sair às ruas após a sua morte e que seu desejo era doar o maracatu para o MHN. Os adereços do maracatu Elefante expostos no MHN contribuíram para a mitificação da figura de Dona Santa, que foi uma sacerdotisa insubstituível, uma rainha *yalorixá* que não deixou herdeiros. Já a boneca do maracatu Estrela Brilhante, Dona Joventina, falava mais de Katarina Real do que do Estrela Brilhante por ela estudado.

Visitei a Comissão Pernambucana de Folclore (CPF) inúmeras vezes. Roberto Benjamin e Zé Fernando me disponibilizaram o material sobre Katarina²⁶. A autora tinha enviado pelo correio,

²³ No primeiro semestre de 2006, a FJN estava em obras; desde o final de 2004, encontra-se fechada. A biblioteca tinha sido reestruturada em outra sala, com um acervo reduzido. No acervo de iconografia, existem muitas fotos, doadas pela autora, sobre o carnaval (PE) em diversas épocas e localidades. Nessa minha primeira ida à FJN, não consegui nada além de ver algumas fotos. Nenhum documento e nem o contato de Katarina Real, que eu sabia ter estado em Recife pela última vez no ano de 2003.

²⁴ Em 1962, a poderosa *yalorixá* e rainha do maracatu Nação Elefante (cujo registro da fundação data de 1800) faleceu deixando oficialmente registrado que seu maracatu deveria ser recolhido pela Federação Carnavalesca e que seu desejo era que fosse para o MHN. Atendendo a seu pedido, o pesquisador Waldemar Valente levou o acervo do maracatu para o MHN.

²⁵ Em junho de 2004 estive em Recife para a reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Visitei pela terceira vez o Museu do Homem do Nordeste que expunha a calunga Joventina na seção sobre o maracatu nação Elefante. Foi nessa viagem que resolvi unir a relação que vinha estabelecendo com o Maracatu Estrela Brilhante de Marivalda, desde 2001 e meus estudos de antropologia na UFRJ.

²⁶ Roberto Benjamin, o atual responsável pela CPF, disse que a amiga folclorista, Katarina Real, estava enviando sua documentação para ele. Roberto suspeitava que ela quisesse que ele escrevesse sua biografia. Então estava especialmente preocupado em saber do que tratava a minha pesquisa. Eu deixei bem claro que essa não era a minha

nos últimos anos, muitos documentos; como sua correspondência com Renato Almeida²⁷ e com a Fundação Joaquim Nabuco, além de recibos, fotos, etc. Esse material estava amontoado, sem nenhum tipo de classificação, na sede da CPF. Durante os primeiros meses de trabalho de campo, passei diversas manhãs e tardes organizando papéis e assistindo a gravações acompanhada de Benjamin e Zé Fernando. Eles gentilmente me deram o telefone de Katarina, avisaram a ela de minha existência e curiosidade. Também me alertaram para o fato de que ela se encontrava gravemente enferma. Devo, assim, diversas informações e dados às horas de pesquisa na Rua da Aurora, atrás do Cine São Luiz, às margens do Rio Capibaribe, onde fica o escritório da CPF.

Para rever alguns *maracatuzeiros* do Estrela Brilhante de Recife, freqüentei o “Traga a Vasilha”²⁸ quase todas as sextas-feiras. O evento reúne batuqueiros e integrantes de diferentes maracatus-nação além de percussionistas, turistas e outros para tocar na Rua da Moeda do Recife Antigo. O “Traga a Vasilha” é um ótimo local para tentar entender a “rivalidade” entre os participantes de diferentes maracatus-nação. Lá encontrei vários conhecidos do Estrela Brilhante do Alto José do Pinho (Mestre Walter²⁹, Bruno Uchôa³⁰, Maurício Soares e outros). Também pude ser mais uma vez apresentada a Dona Olga de Igarassu. Conversamos sobre a pesquisa e ela me disse, lá mesmo, no meio da Rua da Moeda, que uma antiga calunga do seu maracatu

intenção. Que não estava me propondo a escrever a biografia de Katarina e que achava que ele deveria escrevê-la. Contudo, me baseava em dados biográficos para pensar sua inserção em Recife e principalmente junto aos maracatus. Por isso estava muito motivada em ajudar a catalogar e organizar o material e me ofereci para trabalhar de graça desde que fosse no acervo que me interessava.

²⁷ Renato Almeida, foi o grande articulador do “movimento folclórico nacional” (Comissão Nacional de Folclore CNF); era ligado ao seguimento carioca do movimento modernista; ingressou como escriturário no Ministério das Relações exteriores, em 1927, indicado por seu amigo Ronald de Carvalho. Subiu na burocracia do Itamaraty e 20 anos depois já estava como chefe do Serviço de Informações. Em 1946, a convenção internacional que criou a UNESCO definiu que cada um de seus países membros deveria criar “Comissões Nacionais ou Organismos Nacionais de cooperação que atuarão (...) com capacidade consultiva para as respectivas delegações junto à Conferência Geral e funcionarão como agentes de ligação em todos os assuntos que a eles se refiram” (Boletim do IBECC 1 (1):13 apud VILHENA 1997). O Brasil foi o primeiro país a atender a essa exigência, instituindo por decreto-lei junto ao Ministério das Relações Exteriores, o Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (IBECC). Sobre Renato Almeida, ver (VILHENA, 1997 : 94-97).

²⁸ O “Traga a Vasilha” é um evento que ocorre desde 2000. Idealizado e produzido por Bruno Uchoa, integrante do Estrela Brilhante de Recife, desde 1995. O “Traga a Vasilha” consiste em um encontro semanal de “batuqueiros” (aqueles que tocam os instrumentos da orquestra dos maracatus nação) que ocorre quase todas às sextas-feiras na Rua da Moeda, no bairro do Recife. O evento conta com a participação de integrantes de diferentes maracatus, percussionistas em geral, assim como, turistas e pessoas que simplesmente possuam instrumentos de percussão e queiram tocar.

²⁹ Walter Ferreira de França, morador do córrego do Cotó. Conhecido como “mestre Walter” ou simplesmente Walter. Secretário do Maracatu Estrela Brilhante e mestre do batuque.

³⁰ Idealizador e produtor do Traga a Vasilha, Bruno Uchôa de Miranda é integrante do Estrela Brilhante de Recife desde 1995 e mora no Casa Forte, bairro de classe média, vizinho do Alto José do Pinho.

chamava-se Joventina e que há muitos anos tinha sido roubada. Também falou que o nome verdadeiro “Estrela Brilhante” era o dela e que o outro pegou o nome de seu maracatu e o nome da boneca roubada.

Percebi que efetivamente a existência de dois maracatus com o mesmo nome causava algum tipo de revolta e disputa. Dona Olga afirmou que lhe roubaram não apenas o nome do maracatu, mas também a boneca Joventina, que acreditava ser a mesma trazida dos EUA por Katarina Real. Fiquei muito curiosa imaginando como cada nação Estrela Brilhante de hoje e a própria Katarina justificavam e contavam a história da boneca Joventina.

A escultura de madeira escura, - provavelmente ébano, de aproximadamente 65 cm de altura - que está no MHN, suscita acusações e reivindicações de algumas naturezas. Em primeiro lugar, quem teria roubado a boneca de um maracatu em tempos remotos na zona pesqueira de Igarassu? Em segundo, como a boneca foi parar nas mãos de Katarina Real? Em terceiro, será que Katarina também reconhecia seus poderes mágicos e se comunicava com Joventina? Ou seria a boneca apenas mais um objeto valioso de sua coleção carnavalesca? Ouvi dizer que Katarina conversava com Joventina e que ela (a boneca) lhe pediu em sonho para voltar ao Brasil.

Outra questão importante é pensar como “seres *encantados*”, “*ancestrais africanos*”, representados por uma boneca esculpida em madeira são deslocados e ressignificados como “objeto de arte popular”, como um “objeto de coleção”. Para os integrantes dos maracatus que hoje reivindicam a posse da escultura, Joventina é vista como detendo forças “totais”, cosmológicas e práticas. Joventina é compreendida como uma “entidade espiritual”, ora um *mestre do estado*, ora um *orixá*, ou um *egum*, ou até uma *preta velha*, mas de todo modo, um verdadeiro sujeito de ação.

A trajetória da boneca Joventina é marcada por reclassificações que lhe conferem a riqueza de concentrar possibilidades de crenças, igualmente verdadeiras e válidas, direcionadas a um único objeto específico. Assim, podemos ouvir distintas narrativas biográficas sobre a boneca Joventina, pois a mesma calunga estabelece relações e desejos com os diferentes sujeitos envolvidos nas histórias dos maracatus que se denominam Estrela Brilhante. A rica profusão de informações

apresentadas (capítulo III) sobre a boneca Joventina revelou-se interessante e profícua para a pesquisa.

Do ponto de vista dos “*maracatuzeiros*”, quando uma calunga de maracatu ou objetos pessoais de rainhas e mestres consagrados são “*recolhidos*” por museus, ocorre uma espécie de “morte” para a nação. O tipo de eternização e de preservação que o museu propõe inviabiliza a qualidade de ‘agência espiritual’ que o objeto até então exercia. “Uma vez no museu para sempre nele”. Os atuais mestres de maracatu que dialogaram nesse trabalho (Dona Olga, Dona Marivalda e Afonso Aguiar) enfatizam o sujeito espiritual da boneca, sua qualidade de ação e de realização. Embora suas explicações sejam da ordem do intangível, não deixam de sublinhar sua madeira escura, detalhes da escultura, ornamentos, vestimentas e outras minúcias materiais.

Para Katarina Real, ambos os sentidos de ‘objeto’ e ‘sujeito’ também parecem conviver em tal boneca de forma indissociável, embora sua experiência acabe priorizando o aspecto material da escultura “mágica”. Em sua perspectiva, o museu é um local que garante um determinado tipo de preservação daquilo que é material, do objeto propriamente dito. Além disso, informa e divulga ao grande público sobre a importância de tal sujeito-objeto de valor “mágico, artístico e cultural” trazendo uma pretensão de “vida eterna” à boneca. Para uns a “morte”, para outros a “vida eterna”. Ambas as idéias, em princípio antagônicas, falam do mesmo evento: da presença de ‘objetos-sujeitos’, ou seja, objetos que representam entidades espirituais poderosas, tais como as calungas de maracatu expostas no MHN. (uma “morte”, como definiu dona Olga, associada ao fim dos desfiles e das práticas rituais dirigidas à boneca pela nação de maracatu; e uma espécie de “vida eterna” “objetificada”, criada pela divulgação de um rótulo estante proposto por Katarina Real, que foi a doadora da calunga ao museu).

O atual Estrela Brilhante do Alto José do Pinho possui uma outra estatueta com o mesmo nome que foi esculpida em madeira escura nos anos 80. A nova Joventina passa boa parte do ano na casa da rainha Marivalda em companhia de Dona Erundina, a segunda calunga da nação. Já o Estrela Brilhante de Igarassu possui Dona Isabel como calunga protetora, que fica guardada na casa de Dona Olga. Esta última afirma que a sua Joventina foi roubada, mas não explicita detalhes e datas e nem menciona a existência de uma outra Joventina mais pequenina, que está exposta no

Museu do Sítio Histórico de Igarassu ao lado da Igreja de São Cosme e Damião. Assim, mais uma escultura de Dona Joventina entra em cena. Quem sabe não teria sido essa a calunga roubada de Igarassu? Esta outra boneca, ainda mais antiga, está montada numa fruteira da antiga Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos desse mesmo município e teria a possível data de 1835 (a data esteve, mas não está mais na etiqueta do museu; e esta informação foi dada por Katarina Real, 1998).

Até onde pude verificar, existem três bonecas de madeira, três esculturas de Joventinas, que de algum modo estão envolvidas numa mesma história de encantamento e proteção direcionada a um maracatu de nome Estrela Brilhante. Recolhi narrativas sobre uma boneca de maracatu que de algum modo misterioso se subdivide e se reproduz. Mas qual e como? Qual maracatu Estrela Brilhante? E como a cosmologia destes três universos, narrados aqui a partir da perspectiva de diferentes mulheres - Katarina Real, Marivalda dos Santos e Olga Batista - relacionam-se com a antiga boneca de madeira que hoje está temporariamente na reserva técnica do MHN-FJN? Dona Joventina estabelece esferas de ‘reciprocidades’ com os grupos de maneiras diferenciadas, possibilitando, assim, que cada qual conte uma diferente e igualmente possível história a seu respeito.

Durante os dias de carnaval, acompanhei o Maracatu Estrela Brilhante de Marivalda com o qual mantenho contato estreito desde 2001. Desfilei com essa nação em 2001, 2002, 2004,. Em 2006, a contragosto da rainha e de Maurício, não quis dançar e me limitei a acompanhar a saída das calungas (Joventina e Erundina) do *centro*³¹ e a assisti-las na passarela como fiz com os outros maracatus de baque virado. Estava interessada em assistir aos desfiles dos maracatus em geral, tanto o Desfile Oficial da Comissão Organizadora do Carnaval, na Avenida Dantas Barreto que ocorre no sábado, quanto a Noite dos Tambores Silenciosos, no Pátio do Terço que acontece na segunda-feira de carnaval. Neste último evento, fui surpreendida por um acidente em campo³², que Maurício, em expressão humorística, atribuiu a uma vingança de Dona Joventina dizendo: “Tá

³¹ Terreiro *Ilê Omyñ Ogunté*, do *babalorixá* Jorge José Ribeiro (Jorge de Ogunté), localizado na Bomba do Hemetério. Casa junto a qual Marivalda realiza as suas obrigações religiosas para guardar e proteger o maracatu.

³² Fui violentamente assaltada o que me impediu de assistir na íntegra ao desfile da Noite dos Tambores Silenciosos. O curioso é que lendo o meu diário de campo, debocho de mim mesma ao correr de um arrastão que parecia iminente na noite anterior, próximo à localidade em que fui abordada por uma ‘gangue’ de jovens da região no dia seguinte.

vendo, você não quis dançar no Estrela esse ano, Dona Joventina castiga”. Mas afinal, por que e qual Joventina deveria se vingar de mim?

Durante os meses em Recife tive a oportunidade de entrevistar e conversar mais detalhadamente, tanto com Dona Olga e alguns parentes em Igarassu, quanto com Marivalda e outros do Alto José do Pinho. Também entrevistei Dona Elda do maracatu Porto Rico do Oriente, mestre Afonso Aguiar do maracatu Leão Coroado, os professores Olimpio Bonald, Roberto Benjamin e Silvia Brasileiro, além do bonequeiro de Olinda, Sílvio Botelho. Tive acesso a um rico material do acervo da CPF. Zé Fernando tinha filmado diversas palestras de Katarina Real na FJN, assim como a cerimônia de doação de Dona Joventina para o MHN. A boneca Joventina se apresentava aos meus olhos como um alvo de concentração de histórias de magia e de obrigação, que circulavam por entre esferas do “sagrado” (DURKHEIM, 1996).

O que teria feito Katarina devolver Dona Joventina que durante três décadas lhe fez companhia em sua casa nos EUA? Como teria sido a trajetória dessa boneca que hoje permite tamanha profusão de significados? A boneca passa de ‘totem roubado’ de um maracatu muito antigo em Igarassu à protagonista e protetora do antigo Estrela Brilhante de Campo Grande. Em seguida e em forma de presente - um presente mágico e obrigatório - passa a compor a coleção de Katarina Real. Trinta anos mais tarde, é novamente re-classificada como objeto etnográfico da exposição sobre maracatu de baque virado na coleção do MHN-FJN. Nesse meio tempo é replicada e passa a assumir a função de protetora do maracatu do Alto José do Pinho. Na pesquisa em busca de Katarina Real e sua relação com o antigo Estrela Brilhante do Recife, Joventina rouba a cena e fala com diferentes vozes.

No início da minha estada no nordeste, tentei estabelecer um contato direto com Katarina Real. Ela sabia da minha existência, pois Roberto Benjamin e Olímpio Bonald já a tinham avisado a respeito da jovem pesquisadora carioca que andava curiosa a fuxicar sobre sua vida. Só consegui falar com Katarina Real duas vezes, ao telefone, no final de abril. Combinamos que íamos nos comunicar por cartas, pois a autora não utilizava e-mail. Enviei-lhe uma longa carta na qual pedia para ela me contar sobre sua experiência com os maracatus e com Joventina. Não obtive resposta. Ao voltar da Reunião Brasileira de Antropologia (25 ABA) em Goiás, liguei mais uma vez para

saber da autora e recebi a notícia de que ela tinha falecido no dia 06 de junho de 2006. No dia 06 de julho, considero ter ocorrido grande encontro ecumênico, pois rezaram missa em igreja católica para homenagear a antropóloga protestante de família e “catimbozeira” de coração. Infelizmente eu, Olímpio Bonald e Zenaide Pedrosa, sua esposa, nos confundimos e chegamos para a missa com um dia de atraso.

A partir dessa fatalidade, a morte de meu objeto de pesquisa, uma carga dramática ainda maior pontuou as narrativas de meus informantes que eram fortemente ligados à Katarina Real. Num piscar de olhos todos queriam homenageá-la e escrever sobre a pesquisadora tão querida e valorizada no círculo de estudos de folclore em Pernambuco. Fui então convidada oficialmente para uma reunião da CPF que ocorreria na Academia Pernambucana de Letras (APL) com o objetivo de discutir a exposição que estavam planejando para homenagear Katarina. Participei apenas dessa primeira reunião e de conversas informais sobre a homenagem, pois minha permanência em Recife estava no final e logo voltei para o Rio de Janeiro.

II

A exposição realizada pela CPF em parceria com a FJN - “*Katarina Real outros carnavais*”- foi inaugurada em fevereiro de 2007 (de 03-02 a 30-03-2007), na sala Waldemar Valente (FJN-MHN), sob a curadoria de Rita de Cássia³³ e Roberto Benjamin, com textos de ambos e de Olímpio Bonald. Na pequena sala, ao lado do prédio principal do museu que ainda se encontrava fechado pelas obras, foi instalada a homenagem à pesquisadora, que me permitiu finalmente um encontro com Dona Joventina.

Conversei com Sílvia Brasileiro sobre meus planos de realizar uma visita em companhia das pessoas que participaram da pesquisa³⁴. Ela se mostrou interessada, mas um pouco receosa pela visita das rainhas dos diferentes maracatus, com medo que possíveis desentendimentos

³³ Rita de Cássia Araújo é a historiadora que está à frente da diretoria de documentação da Fundação Joaquim Nabuco.

³⁴ Meus interlocutores diretos: Marivalda dos Santos, Maurício Soares, Olga Santana Batista e seu neto Rogério, Olímpio Bonald e Zenaide Pedrosa, Silvio Botelho, Roberto Benjamin e Zé Fernando.

ocorressem dentro do museu. Meu desencontro³⁵ com Olga impediu que a senhora de Igarassu chegasse ao MHN. Assim, o temido enfrentamento de Marivalda com Olga não aconteceu.

Foi por meio de Sílvia Brasileiro e do pretexto da visita à exposição que consegui retornar às instalações do MHN-FNJ. Silvia também me permitiu entrar na área de restauração, local onde as peças de maior delicadeza são reparadas e armazenadas. As bonecas do maracatu de Dona Santa estavam guardadas num armário trancado por um cadeado. Um dos funcionários abriu para eu olhar de perto as centenárias calungas, mas, não pude tocá-las. Dona Joventina esteve guardada nesse mesmo local, só que na ocasião especial, reinava na sala da exposição.

Na entrada três grandes estandartes, o do Bloco Amante das Flores fundado em 1919, o do maracatu Almirante do Forte fundado em 1929 e o do maracatu Porto Rico do Oriente fundado, com a colaboração de Katarina, em 1967. No interior da sala, um caderninho de anotações expunha as dificuldades de Katarina com a língua portuguesa, num misto de inglês com um português muito particular, cheio de gírias pernambucanas. Nas laterais, dois manequins vestiam um “caboclo de lança” e um “urso” de carnaval. Nas paredes, fotos e notícias de jornais ampliadas. No centro, rodeada pela própria exposição de que fazia parte, Dona Joventina, protegida por um vidro, ocupava lugar de destaque. Minha visita com Dona Marivalda e Maurício, foi registrada por um amigo fotógrafo³⁶ cujo ensaio, editado por nós, segue em anexo. Em seguida, outras pessoas também passaram pelo museu, mas não tive condições de realizar um registro detalhado.

³⁵ Muito difícil articular esse tipo de encontro; eu não dispunha de nenhum auxílio para trazer Dona Olga de Igarassu até o MHN em Casa Forte. Olga me disse que queria ir e que iria por conta própria a Recife. Fiquei de encontrá-la na “parada do ônibus” de Igarassu, no Parque 13 de Maio, às 13:00 h. Eu também tinha marcado com todos os outros, às 14:30, no museu em Casa Forte. Fui então buscar Dona Olga e Rogério, mas eles não chegaram até 14:30. Não sabendo o que fazer, deixei um bilhete com o “fiteiro” da “parada de ônibus” para quem descrevi a senhora e seu neto; o bilhete os orientava a pegarem um táxi e se dirigirem ao museu que eu pagaria tudo. Infelizmente o desencontro impossibilitou que Olga Batista fosse visitar, pela primeira vez na vida, o MHN. Ainda estou devendo a Olga essa visita. Na próxima vez devo marcar tudo com mais antecedência e nunca na hora do almoço. Cheguei ao museu e Marivalda e Maurício já estavam me esperando a mais de uma hora conversando com os funcionários do local.

³⁶ Marcelo Lyra é fotógrafo em Recife e me auxiliou na entrevista com Dona Olga, em Julho de 2006 e no registro dessa visita em 2007. Segue em anexo uma edição realizada por mim e por ele com fotos da exposição e com a música “Obaxirê”, homenagem a *Oba*, gravada pelo maracatu de Marivalda (faixa 10 do CD do maracatu Estrela Brilhante do Recife)

Não tinha grandes pretensões com a visita, além de colocar em contato as pessoas que tinham me contado como suas vidas se ligavam a Katarina ou a Joventina. Minha primeira idéia era de que ali, informalmente, ocorreria um debate entre as diferentes histórias que eu havia ouvido e registrado ao pesquisar Katarina Real e os maracatus. Todos que eu convidei, com exceção de Dona Olga e de Zenaide Pedrosa, passaram pelo museu durante a tarde combinada. Mas não aconteceu exatamente um encontro de todos com todos como eu imaginara. O que efetivamente ocorreu foram turnos de conversas bastante descontraídas e muito ricas para o meu campo. Tirei algumas dúvidas, confirmei informações e, de alguma forma, eu mesma pude socializar as distintas narrativas que compõem essa pesquisa nas conversas que estabeleci ao rever a mesma exposição com cada pessoa que chegava.

Encontrei Marivalda e Maurício esperando para entrar na sala da exposição. Durante a visita, Marivalda repetiu inúmeras vezes que “Katarina não sabia de nada”. Que vestiu Joventina como uma *Oxum* (vestido amarelo e colar de contas amarelas), mas que ela era de *Iansã*. Que não importava que estivesse escrito na reportagem exibida na parede que a boneca Joventina era ligada a um “mestre espiritual” ou *vudum*, pois Katarina tinha lhe vestido de *Oxum* e a sua Joventina que protege o Estrela Brilhante do Alto José do Pinho era uma antiga princesa africana, filha de *Iansã Gigan*. Também disse que queria ver o que Dona Olga teria a dizer se tivesse ido à exposição, já que a matriarca de Igarassu nega a existência desse maracatu de Seu Cosme e acusa Marivalda de estar à frente do maracatu que plagiou ou roubou o nome da sua nação.

Marivalda não nega a história de Katarina, ao contrário, dá continuidade ao maracatu de Cosme Damião e Dona Assunção, que na versão da pesquisadora teria acabado em 1965. Essas histórias divergem em um determinado ponto crucial para os argumentos que ambas apresentam. Para Katarina, o maracatu acabou e só então ela foi presenteada com Dona Joventina. Não se considerava tendo nenhuma culpa nem motivos para arrependimentos nessa história, já que foi a entidade espiritual, o *mestre do estado*, quem teria tomado qualquer decisão. Para Marivalda e em decorrência de uma série de fatos que serão discutidos no desenrolar do terceiro capítulo dessa dissertação, ela herdou o maracatu fundado por Cosme. Então, a nação Estrela Brilhante não só não teria acabado como coube a ela lidar com uma série de *demandas*³⁷ que tinham sido

³⁷ Sobre a categoria, “*demanda*”; ver o estudo de (MAGGIE, 2001).

acumuladas para que realmente pudesse levar adiante o maracatu nação Estrela Brilhante. O grande ponto de discordância se refere ao fim do maracatu e ao destino de Dona Joventina.

Marivalda acha que a calunga deveria ter sido entregue a ela, já que se considera responsável pelo mesmo maracatu que Katarina estudou. De todo modo, essa é uma questão que já foi contornada, antes mesmo de Joventina voltar ao Brasil. O Estrela Brilhante mandou fazer outra escultura em madeira que foi devidamente preparada e sobre a qual foram “conferidos os *axés*” para que a nova boneca assumisse o legado espiritual da antiga calunga. Joventina foi “re-feita”, “re-apropriada” e “recuperada” para proteger o maracatu nação Estrela Brilhante que está no Alto José do Pinho com Marivalda.

Olga discorda de Katarina e de Marivalda, argumenta que o Estrela Brilhante “verdadeiro” e “mais antigo” é apenas o dela. Assim, acusa todos de estarem “roubando” de um Estrela Brilhante “original” de Igarassu qualquer coisa a ele relacionado. Não se lembra de ninguém ter nunca falado acerca desse Cosme, que teria participado do maracatu de seu pai e que fundou outra nação homônima na cidade do Recife. Sabe apenas que o seu maracatu teve uma boneca Joventina e que essa foi levada embora. Algumas vezes acusa Seu Cosme de ter roubado a boneca, em outras, acusa a própria pesquisadora estrangeira. Também acusa Marivalda e todos os que estão à frente do Estrela Brilhante de Recife de usarem o nome do seu maracatu, assim como o nome da sua antiga boneca há muito tempo usurpada. Diz que somente devido a esse roubo e à legitimidade que o nome lhe confere, é que o maracatu do Recife consegue apresentações, auxílios do governo entre outros benefícios que deveriam ser dirigidos, em sua opinião, ao maracatu de Igarassu. Dona Olga não chegou a visitar o MHN, portanto, não teve como ver a reação das senhoras, cara a cara e de frente para Joventina, levando em conta a construção dos fatos que o tipo de apresentação museográfica possibilita.

Silvio Botelho, o bonequeiro de Olinda, que inclusive fez uma boneca gigante com o nome de Katarina Real, chegou com uns amigos. Em seguida, o senhor escritor da Academia Pernambucana de Letras (APL), Olímpio Bonald Neto, também chegou exclamando: “menina Clarisse, Katarina nos une!”. Era isso: aquelas pessoas que por ali passaram estavam unidas de alguma forma pela relação que estabeleceram direta ou indiretamente com Katarina Real e que por

isso fizeram parte dessa pesquisa. Olímpio me ajudou muito desde os meus primeiros dias em campo. Olímpio e Zenaide me levaram para reuniões na APL e me colocaram em contato com um círculo de amigos poetas da intelectualidade recifense. Junto com eles, assisti a dois saraus de poesias na Livraria Saraiva do Shopping do Recife, onde conheci antigos amigos da autora. Eu era mesmo uma menina que andava com senhores e senhoras em meio a outros senhores de “outros carnavais”. Meio deslocada, era vista como uma aluna querida de Olímpio Bonald, o que me conferia um status particular.

À noite, a preocupação com o desencontro que tive com Dona Olga me tomou de tal forma que convenci um amigo³⁸ de me levar até Igarassu. Pegamos a estrada até o município litorâneo onde fica o maracatu. Foi essencial mostrar à Olga o meu empenho para que tivesse dado certo nosso combinado que terminou fracassado. Ela realmente não teria gostado se eu simplesmente sumisse sem lhe dar, pessoalmente, qualquer tipo de justificativa. Nós duas lamentamos muito por ela nunca ter ido ao MHN-FJN³⁹. Tarde da noite, retornamos exaustos à capital pernambucana depois de um dia interminável que valeu pelos meses de pesquisa em 2006.

*

³⁸ Cláudio Santana, percussionista, ex-integrante do Estrela Brilhante de Marivalda que lá estava para ver a exposição.

³⁹ A senhora Olga nunca foi ao museu; seu filho Gilmar Batista se nega a levá-la. Eu estava convencendo seu neto Rogério, que a acompanhou nesse dia, a realizar o desejo da avó e levá-la ao MHN, já que depois dessa pesquisa ninguém vai tirar essa idéia da cabeça de Olga. Acho que ainda vou ter que cumprir essa missão!

Cap. I - De Katherine Royal Cate a Katarina Real

Pretendo discutir, neste capítulo, como Katherine Royal Cate se torna importante e influente pesquisadora na capital pernambucana. Aos poucos, a “gringa” foi sendo aceita localmente, chegando a ocupar o cargo de Secretária Geral da Comissão Pernambucana de Folclore. Em seu colecionamento do “carneval” e da “cultura popular” de Pernambuco, Katherine Royal vai se colecionando e se constituindo como Katarina Real, uma pesquisadora especialista no carnaval de Recife. Apresento a seguir, uma leitura de sua atuação junto à Comissão Pernambucana de Folclore (CPF) até 1968.

Katarina Real (1927-2006) desempenhou um papel importante para a atual configuração do carnaval de Recife. Amontou um extenso material de pesquisa, em forma de textos, fotografias, gravações fonográficas, entrevistas e palestras. Esse material encontra-se disponível principalmente na CPF, no acervo da Fundação Joaquim Nabuco (FJN) e no MHN. Sua influência junto a diversos setores da sociedade recifense resultou em um expressivo trabalho de mediação social e simbólica. No decorrer de sua trajetória, propôs e estabeleceu trocas significativas entre as agremiações carnavalescas e a organização mais institucional e política do carnaval da cidade.

Os indivíduos e coletividades, de uma maneira geral, executam o ato de “coleccionar” demarcando um domínio subjetivo em oposição a um determinado “outro”. Assim, o colecionamento é constituído e constitui simultaneamente pessoas e grupos, na medida em que objetos, valores e crenças, não têm valor intrínseco, mas se fazem e se tornam valorizados em suas relações. Colecionar “objetos” ou “formas de vida” é sempre, em alguma medida, colecionar-se e constituir-se, ou seja, o ato de colecionar exige um esforço de ordenação e de classificação que implica em um auto-coleccionamento, formando subjetividades individuais e coletivas. Esses “objetos” e “formas de vida” se fazem nas suas relações e nos seus usos. Eles se tornam algo que independe daquilo que pretensamente foram construídos ou concebidos para ser.

Como escolher sem deixar de lado? As classificações realizam limpezas, enquadramentos determinados com critérios e predileções. Seguindo esta lógica, o trabalho etnográfico pode ser percebido como uma forma de colecionar cultura. As etnografias de Katarina sobre os maracatus

de baque virado resultaram de seu desejo de encontrar “os africanos” em Recife. Expressam seu envolvimento com *babalorixás*, *Ialorixás* e *oluôs* que cruzaram a trajetória da Secretária do Folclore. Seus estudos da “cultura das nações africanas” foram possíveis por meio dos intercâmbios que estabeleceu com personalidades que ainda hoje são fundamentais para as narrativas sobre maracatu-nação, como Dona Santa, Luiz de França, Eudes Chagas, Veludinho, entre outros.

A “experiência etnográfica”, que compreende a “pesquisa de campo” e os “diários de campo”, nos quais etnógrafos registram suas sensações e acepções dos “outros” a partir de encontros com os “nativos” e com o mundo do diferente e do “exótico”, tem sido analisada como um lugar privilegiado de construção de alteridade. Contudo, no esforço de revistarmos tais relatos, outra dimensão se impõe, a dimensão do “eu” e da subjetividade. Os relatos etnográficos mantêm uma intensa relação com o gênero “diário”, espaço de construção da subjetividade por excelência, mais assumidamente “afetivo”, muito próximo da autobiografia. Deste ponto de vista, falar do outro é encontrar um lugar para falar de si próprio, é se construir enquanto pessoa.(MAUSS, 1938).

A “autoridade etnográfica” de Katarina Real é elaborada aos poucos e de modo afetivo. Sua narrativa seleciona fragmentos de um contínuo auto-colecionamento que se associa desde a infância com a América Latina e principalmente com o Brasil. Katherine Royal vai se modificando em relação a si mesma e aos outros de modo a se tornar uma “gringa abraçadeira”. A autora vai sendo reconhecida como representante do folclore estadual e quando ocupa o cargo de secretária geral da CPF recebe como homenagem o título de “cidadã do Recife”. Esforçou-se em contar e recontar uma história, a sua história, ou melhor, a história de como queria ser lembrada. No entanto, suas narrativas autobiográficas não são apenas lembradas tal como as narra, mas esquecidas e re-formuladas, negadas e re-inventadas num processo de encontros e mediações emaranhados numa mesma trama com infinitas possibilidades que coloca em relação ouvintes-agentes diferenciados.

Conheci Katarina Real através de amigos⁴⁰ e de suas auto-apresentações e autobiografias⁴¹, nas quais seleciona o que deve ser exibido ou escondido, mantendo um postulado de sentido para sua própria existência e atuação em Recife. Falar de uma história de vida é pressupor que a vida é um conjunto de acontecimentos percebidos como uma existência individual e concebida como uma história e os relatos dessa história. Tal afirmativa sugere alguns pressupostos como o fato de que a vida constitui um todo coerente e orientado com temporalidade “lógica”. Nas narrativas biográficas e autobiográficas, tanto o sujeito (investigador) quanto o investigado têm de certa forma o interesse em aceitar um postulado de sentido para a existência narrada. Apesar dos relatos esforçarem-se por trazer uma sucessão de fatos que marcaram a trajetória da autora, meus interlocutores narravam como Katarina interferiu em suas vidas particulares. Esses relatos apresentavam justaposições de acontecimentos aleatórios reafirmando a idéia de que o “real é descontínuo” e de que os sonhos não são mentalmente separados da vida desperta. Conheci Katarina por meio de relatos imprevistos, narrados por seus amigos e inimigos que definitivamente preenchiam seu nome com fatos escolhidos para trazerem sentido às interpretações que me estavam sendo apresentadas. (BOURDIEU, 1986)

*

Katherine Royal (1927-2006) era filha do Almirante Forrest Betton Royal, que foi Conselheiro Naval da Escola de Guerra de nossa marinha, e viveu parte de sua juventude no Brasil. Seu pai residiu no Rio de Janeiro de 1939 até 1941, orientando um grupo de jovens oficiais. Foi comandante do Cruzador Milwaukee da Marinha Americana que servia na frota do Atlântico Sul, protegendo a costa do Brasil dos submarinos alemães durante a segunda Grande Guerra. O Cruzador atracou, em 1942, no porto de Recife, ocasião em que a jovem travou seu primeiro contato com a cidade nordestina que veio a se configurar como lugar privilegiado para seu campo de estudo.

⁴⁰Roberto Benjamin e José Fernando da Comissão Pernambucana de Folclore (CPF); O escritor, membro da Academia Pernambucana de Letras, Olímpio Bonald Neto e sua mulher Zenaide Pedrosa; Sílvia Brasileiro, coordenadora de programas educativos/culturais da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e Sílvia Botelho, o bonequeiro de Olinda. Além desses, as atuais Rainhas de maracatu: Dona Elda Soares do Maracatu Porto Rico do Oriente, Dona Maria Marivalda dos Santos do Maracatu Estrela Brilhante do Alto José do Pinho e Dona Olga de Santana Batista do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassú. Assim como, Mestre Afonso Aguiar do Maracatu Leão Coroado e Mestre Pescocinho da Nação de Luanda.

⁴¹REAL, 2001; 1967; (1996 - cerimônia de devolução da boneca Joventina e palestra sobre maracatu: acervo da CPF); 1997 (folheto sobre Joventina, FJN).

Formou-se em Artes e Estudos Luso-Brasileiros pela Stanford University em 1949. Trabalhou durante algum tempo como tradutora de português e espanhol. Em Stanford, conheceu a tradução de Samuel Putnam para o clássico de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, tendo lhe chamado grande atenção os capítulos dedicados ao negro brasileiro e as influências africanas na cultura nordestina.

“Nos anos quarenta nos Estados Unidos havia pouco interesse pelas influências do negro na cultura norte-americana, e, mesmo nas regiões onde existiam, principalmente no sul do país, havia quase uma política proposital de ignorá-las. Posso dizer, com franqueza, que a leitura de Casa Grande e Senzala representava uma revelação total para mim, abrindo os meus olhos para um mundo novo e desconhecido, e foi este livro que me trouxe nos anos seguintes a Pernambuco...”
(REAL, 2001 : 66).

Katherine e seu marido Robert Cate (Bob) vieram morar, pela primeira vez, no Brasil, em Belém do Pará durante os anos 50. A autora ganhou novos estímulos devido à afinidade entre suas idéias e os estudos realizados pelo chamado “movimento folclórico brasileiro”⁴². Embora esses últimos estivessem voltados para um determinado projeto de nação, ligado a uma noção de “povo” e com a preocupação em conciliar um regional-nacional dando conta da diversidade desse “popular brasileiro”, os “folcloristas” também reconheciam questões gerais e internacionais associadas ao tema do folclore, mais diretamente ligadas às idéias de Katarina. No pós-guerra, a preocupação com o folclore enquadrava-se na atuação da UNESCO em prol da paz mundial. O folclore era visto como um instrumento de compreensão entre os povos.

O Brasil orgulhava-se em ser o primeiro país a atender a recomendação da UNESCO de organizar uma comissão para discutir o assunto. Tratava-se não apenas de estabelecer critérios para as pesquisas e estudos de folclore, mas de promover uma ação política e ideológica de construção de uma identidade nacional brasileira. Luís Rodolfo Vilhena mostra que a trajetória dos estudos de folclore no Brasil foi marcada por uma intensa mobilização em torno do tema e

⁴² Sobre o tema, ver: (VILHENA, 1997).

identificada pelos seus participantes como um “movimento folclórico” (1947-1964). A Comissão Nacional de Folclore (CNFL) foi pensada como uma instituição para-estatal, uma das comissões temáticas do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), organizada no Ministério das Relações Exteriores para ser a representante brasileira na UNESCO. A capacidade de o folclore atravessar fronteiras era evocada pela UNESCO que apoiava e incentivava esses estudos, alegando que teriam uma especial vocação de promover a paz e a “compreensão entre os povos”. Katherine vislumbrava alcançar, com seus estudos no Brasil, práticas mais humanitárias e compreensivas com o diferente, para que fossem pensadas e adotadas em favor dos direitos do negro nos EUA.

Manteve uma extensa coleção de objetos, fotos e registros musicais no apartamento em que morou em Recife durante os anos 60. Conhecido como “a torre do frevo”, Katarina morava em “um verdadeiro museu de arte popular.”⁴³ Posteriormente, com esse material, organizou três exposições nos EUA: a primeira, em 1959, “Folkways of Norhern Brasil”, no Museu de Antropologia da Universidade da Carolina do Norte; a segunda, “A Cultural Mosaic of Brasil”, no Mingei Museum of World Folk Art na Califórnia, em 1978; a terceira, realizada pelo Museum of International Folk Art de Santa Fé no Novo México, em 1997, viajou por vários museus norte-americanos até 2001, quando foi acrescentada à exposição permanente deste mesmo museu.

Na capital pernambucana, Katarina atuou principalmente junto à Comissão Pernambucana de Folclore (CPF) de 1964 a 1968 e foi presidente da Comissão Organizadora do Carnaval de Recife de 1966 a 1968. Também promoveu homenagens e palestras no Museu do Homem do Nordeste (MHN) para o qual doou um enorme acervo fotográfico e ajudou na organização de parte da exposição permanente sobre maracatu de baque virado⁴⁴.

*

⁴³ Como afirmou Roberto Benjamin em entrevista realizada na CPF em 18-04-2006, cedida para esta pesquisa.

⁴⁴ Em 1962, ano do falecimento da famosa Rainha Dona Santa do maracatu nação Elefante, ajudou o pesquisador Waldemar Valente na organização da exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste, com os adereços e objetos pertencentes à nação Elefante que ficou 15 anos sem aparecer nas ruas de Recife. Em 1996, doou ao centro de iconografia da FUNDAJ uma coleção de 600 fotografias e trouxe de volta ao Brasil, a Calunga Dona Joventina do antigo maracatu-nação Estrela Brilhante que esteve exposta em companhia das calungas da nação Elefante nesse mesmo museu.

A família Beltrão: um sobrenome para Katherine em Recife

São Francisco, 1954, a rádio de Stanford “University of the Air” tem o prazer de apresentar “The lady loves Latin América”. Katherine Royal Cate era uma jovem norte-americana de 27 anos, formada em estudos ibero-americanos pela Stanford University, que trabalhava como apresentadora de um programa de rádio nesta mesma universidade. A emissora veiculava para toda a América Latina, semanalmente, duas edições do programa: uma em espanhol, na qual apresentava músicas da Bolívia, do Peru, do México e de Cuba e outra em português, momento em que “a música regional brasileira, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, de Pernambuco e da Bahia” ganhava destaque. Também apresentava entrevistas com personalidades da América Latina que estivessem em São Francisco por motivos variados.

A jovem interessada nas línguas e nas culturas ibero-americanas casou-se, em 1951, com Robert Cate, um especialista em análise de solos que, na época, trabalhava para o Departamento de Estado, na Califórnia. Existia uma agência desse departamento, o State Departure Hospitality, que era encarregada de receber as visitas estrangeiras. Katherine e Bob pediram para que fossem avisados das visitas da América Latina e principalmente do Brasil, pois eram poucos os que falavam português na cidade e ela era a escritora, a idealizadora e a apresentadora dos textos e das entrevistas do programa. Em 1954, o jornalista pernambucano, Luiz Beltrão, estava realizando uma série de conferências⁴⁵ pelos EUA e a última cidade visitada por ele foi justamente San Francisco, na Califórnia.

“Nos avisaram que ia chegar um jornalista muito distinto do Recife, Luiz Beltrão e a senhora dele. Telefonei para o hotel e falei com o Luiz, ele ficou encantado que falávamos português, porque ele não falava uma só palavra de inglês e estava com um intérprete muito antipático, um americano de descendência portuguesa, (...)Então eu levei Luiz Beltrão para fazer a entrevista sobre jornalismo e os vários jornais onde ele trabalhava. (...) Eles ficaram encantados que Bob e eu nos casamos aqui no Recife em 1951, passamos nossa lua-de-mel aqui no Grande Hotel. Chegamos a conhecer Doutor

⁴⁵ Luiz Beltrão foi apresentar um trabalho que discutia os direitos e deveres dos presos no sistema penitenciário brasileiro.

Césio (Césio Nogueira) e conhecíamos muita coisa sobre Recife, então para eles, depois desta tournée pelo país, para eles era como se encontrar com pernambucanos e estar novamente no Brasil. (...) e íamos firmando uma amizade fantástica.”. (Entrevista com REAL, 1997; acervo da CPF).

Katherine manteve uma correspondência ativa com Luiz Beltrão que enviava informações e gravações de frevos, maracatus, e outros ritmos pernambucanos para o programa da Stanford University. No ano de 1956, Robert Cate foi contratado para prestar um serviço como gerente de escritório da Kaiser Alumínio do Brasil em Belém, no Pará. Durante a permanência do casal Cate em Belém, Katherine participava da vida social da pequena cidade como esposa de um técnico americano de alta classe e acompanhava as reuniões da Comissão Paraense de Folclore. Nesse período, conheceu folcloristas locais como Sílvia Maria Brigido, Armando Bordallo, Bruno Menezes. Integrou a comitiva paraense ao III Congresso Brasileiro de Folclore, realizado na cidade de Salvador, na Bahia, em 1957. Foi nesse encontro que conheceu algumas das lideranças do “movimento folclórico brasileiro”.

Em busca de descanso e de novos ares, que não os da pequena e desprovida cidade de Belém, o casal Cate veio, a passeio, para Recife. Katherine entrou em contato com os amigos brasileiros de Pernambuco, Césio Nogueira, Luiz Beltrão e Orlando Motta e foi recebida em grande estilo. Luiz organizou uma comitiva de jornalistas para ir ao encontro da locutora da rádio “Universidade do Ar”⁴⁶. Césio prestou homenagem à divulgadora da cultura pernambucana no Clube Português e Orlando Motta estampou a face da bela jovem na primeira página do Diário de Pernambuco.⁴⁷ A amizade com os Beltrão foi se consolidando e no carnaval de 1957, Katherine voltou à capital pernambucana como hóspede da família.

⁴⁶ “Nunca esquecerei no hotel em Boa Viagem Luiz Beltrão veio com uma banda de jornalistas para me fazer uma entrevista coletiva, foi a primeira vez que enfrentei essa bateria de gente da imprensa, tem fotografia do jornal sobre isso, .” (Entrevista: REAL 1997).

⁴⁷ “Dr. Césio me ofereceu essa homenagem no Clube Português, entrei em contato com Orlando Motta; Orlando Motta, no Diário de Pernambuco, botou minha fotografia na primeira pág. do jornal. Tudo isso existe nos jornais de 57, e como disse, linda essa homenagem no Clube Português, na homenagem eu conheci pela primeira vez o grande passista Virgínio Bezerra e Nelson Ferreira também tocou ...”. (Entrevista: REAL 1997).

“... foi uma coisa fascinante ver como uma família se organizava para o carnaval. Acompanhei os filhos para os bailes infantis, fomos com Luiz e Zita para os bailes do Internacional e do Clube Português.” (Entrevista: REAL, 1997).

De volta aos EUA (1960), terminou seu mestrado em Antropologia e Estudos de Folclore, na Universidade da Carolina do Norte, em Chape Hill (UNC-CH): sua dissertação foi sobre o carnaval brasileiro. Em seguida, ganhou uma bolsa da Organização dos Estados Americanos para passar mais um ano no Brasil (Bahia ou Recife), dando continuidade as suas pesquisas sobre o carnaval. A porta de entrada para Katherine na cidade do Recife foi a família Beltrão. Em companhia deles, freqüentava os bailes da alta classe pernambucana nos clubes Internacional, Português e Municipal. Foi fundamental um “rito de passagem” que inserisse a pesquisadora estrangeira na rede local de relações através de laços sociais com uma família da elite local. Assim, Zita e Luiz Beltrão levavam-na para eventos sociais⁴⁸, nos quais a autora conheceu muitos dos colegas que mais tarde a acompanharam na CPF.

“Naquela época, íamos nos bailes de carnaval no Municipal com Luiz e Zita, então, nos grandes salões, **Luiz conhecia todo mundo e ia me dizendo quem é, ia orientando pra eu saber quem é quem no Recife, que é muito importante saber quem é quem nessa cidade complicada.**(...) Me tornei membro da família e em tudo que eu fazia aqui no Recife, Luiz Beltrão era meu mestre, meu orientador, meu conselheiro, porque como você sabe aqui no Recife, é uma cultura muito complicada diferentíssima da dos Estados Unidos, e é muito fácil de uma estrangeira, americana, não é, fazer coisas horríveis.(...) eu acho que teria fracassado completamente sem essa orientação de Luiz Beltrão.”(Entrevista: REAL, 1997).

⁴⁸ Além dos bailes de carnaval, Luiz convidou, em duas ocasiões, Katarina pra participar de sua aula de jornalismo na Universidade Católica de Pernambuco. “Luiz começou esse curso de jornalismo na Universidade Católica. (...), ele me disse, olha Katarina vou lhe convidar para ser cobaia... Para os alunos fazerem entrevistas coletivas. Então fui lá (...). Depois eu acho foi 63 não 64, ele me convidou para fazer uma palestra sobre o carnaval. (...) Não era só sobre o carnaval brasileiro, mas era um misto do carnaval em geral com o sentido antropológico e psicológico do carnaval. Depois me especializei sobre o carnaval de Pernambuco.” (Entrevista: REAL, 1997).

No primeiro momento, foi a amizade do casal americano com os Beltrão que lhes propiciou a entrada em círculos da intelectualidade e da alta classe recifense; de outra forma, seria mais difícil. Katherine passou a ter uma família e um sobrenome para transitar com maior segurança na capital pernambucana. Contudo, um sobrenome “forte” na terra dos “coronéis” abre determinados caminhos e fecha outros, como pretendo mostrar, mais adiante, na análise da atuação da Secretária na CPF, no período de 1965 a 1968.

A mais longa estada do casal no Brasil durou quatro anos (64-68) e iniciou-se quando Bob assumiu as atividades do programa de assistência técnica à agricultura promovida pelos Estados Unidos na América Latina. Katherine acompanhava o marido e ia realizando suas pesquisas sobre o folclore e o carnaval, pelas regiões em que residiram: (Pará (1957), Guiana (1962-63), Rio de Janeiro (1964), Pernambuco (1965-68), Brasília (1971) e Guatemala (1973). Bob foi contratado como professor da Universidade da Carolina do Norte, em 1964, para montar uma rede de laboratórios de análise de solos do Brasil. No início, moraram no Rio de Janeiro, em seguida transferiram-se para Pernambuco. Luiz Beltrão vinha visitá-los com frequência, no Estado da Guanabara⁴⁹; o país vivia os primeiros anos dos governos dos generais e a repressão assim como os exílios cada vez mais freqüentes foram determinantes para o desmantelamento da força e do engajamento que gozava o “movimento folclórico nacional”.

Katherine Royal Cate teve um primeiro contato com esse estimulante movimento no III Congresso Nacional de Folclore, realizado na Bahia, em 1957. A vivência do “ritual folclorista” contagiou a jovem americana que a partir de então se identificou com um “ethos” preocupado em salvar e preservar o folclore nacional brasileiro. Em 1965, é o próprio movimento que está ameaçado e que também passa a ser visto como correndo o risco de desaparecimento. Nesse período, a Comissão Pernambucana, uma das menos expressivas durante os áureos anos do

⁴⁹ Sobre as visitas de Luiz Beltrão ao Rio: “Morávamos na praia de Botafogo lá em cima com vista da baía de Botafogo. Luiz era sempre nosso hóspede e o que me interessava, Luiz Beltrão estava fascinado pelo teatro e era aquele período difícil, depois da revolução de 64 e ainda no movimento artístico havia muita crítica do governo, dos generais. Então íamos para essas peças teatrais com muitas críticas políticas e Luiz nos explicava um significado disso. Luiz era demais humorado. O terraço dava vista para a baía de Botafogo, Pão de Açúcar na Urca, e também pegava o Corcovado. Luiz era fortemente contra Carlos Lacerda. Não gostava de Carlos Lacerda, ele era prefeito do Rio naquela época, então acontece que apagaram as luzes do Jesus Cristo do Corcovado e Luiz disse: Lacerda apagou as luzes do cristo, mas ele disse isso de uma maneira tão ridícula, tão engraçado que todos nós estamos rolando no chão de risos: O Lacerda apagou o Cristo!”. (Entrevista: REAL 1997).

movimento folclórico, recebe o entusiasmo de uma estrangeira empenhada em sua dupla missão de salvar e restaurar tanto o folclore do carnaval pernambucano quanto a instituição especializada no assunto em Pernambuco: a Comissão Pernambucana de Folclore (CPF).

*

Katherine Cate no movimento folclórico: uma “gringa” invade o encontro nacionalista

George Columam, cônsul Americano em Belém, era membro da Comissão Paraense de Folclore. Sabendo da residência do casal Cate na cidade e do interesse de Katherine pelas manifestações populares locais, propôs o nome dela para membro da comissão. Foi aceita e antes mesmo de participar de qualquer reunião, já estava convocada para o III Congresso de Folclore (1957) que ocorreria em Salvador, na Bahia, pois George Columam não poderia comparecer. A desconhecida jovem estrangeira chegou ao congresso com um dia de atraso. Impressionou-se com a quantidade, o entusiasmo e a dedicação das pessoas presentes naquela reunião. Sentiu-se, a seu modo, contagiada pelo ardor das discussões acerca da necessidade de preservação, restauração e exaltação do folclore brasileiro, assim como pelas exposições de arte popular realizadas durante o evento.

“Então cheguei na Bahia, Salvador e fui para o Instituto Histórico. Cheguei na mesa de recepção e todo mundo olhou quem é essa pessoa. Eu disse, sou Katarina Real, membro da Comissão Paraense de Folclore. Acontece que os dois paraenses, o famoso Bruno Menezes e Dr. Bordalo da Silva, já tinham chegado no dia anterior, eles não me conheciam. Quem é essa penetra que está chegando aqui? Na mesa de recepção estava Renato Almeida, que se comportou da maneira mais desconfiada possível, quem é essa pessoa tentando entrar? (...) Renato Almeida foi muito desconfiado, mas todos os outros no Congresso da Bahia me receberam de braços abertos. Tive a honra e o prazer de conhecer muito bem Theo Brandão da Comissão alagoana de folclore, Loureiro Fernandes da Comissão paranaense, Santos Neves do Espírito Santo, Regina Lacerda de Goiás, José Calazães da Bahia ou Sergipe e especialmente Édison Carneiro, que achei que não ia gostar de mim porque ele é muito a esquerda (...)

aquele Congresso foi, vamos dizer, minha introdução no movimento do folclore no Brasil. Saí de lá empolgada com a força, a dedicação, a maravilha de movimento do folclore Brasileiro e sempre me considerei integrada nisso(...). Na Bahia, eu fiquei ciente de que precisava de uma formação mais teórica eu vi que precisava da antropologia e estudos de folclore, para poder abordar melhor meu material.” (Entrevista: REAL, 1997).

Katarina afirma que percebeu sua carência teórica-metodológica em meio às reuniões com a intelectualidade engajada na missão folclórica, e que resolveu voltar aos EUA para realizar seu mestrado em antropologia e folclore. Realizou um trabalho -“*The Brazilian Urban Carnival: A Study of it's Origins, Nature and Etnografical Significance*” (1960) - sobre o carnaval brasileiro, sob a orientação de John Gulick, na Universidade de Carolina do Norte em Chape Hill. Carolina do Norte era então um estado marcado por um forte engajamento no movimento do “poder negro”⁵⁰. Na cidade de Raleigh existem duas importantes “universidades negras”, Shaw University, vinculada à Igreja Batista e Saint Augustine Colledge, ligada à Igreja Episcopal. Em Chape Hill, cidade vizinha, a University of North Caroline (UNC-CH) também era pioneira no incentivo de estudos sobre “negros” e na presença de estudantes e professores negros. O mito da origem desse Departamento de Antropologia começa com uma visita, no ano de 1924, do precursor da etnografia britânica Bronislaw Malinowski. O escritor de “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” teria convertido o jovem estudante de sociologia Guy Johnson⁵¹ ao estudo de antropologia e à realização de intensos trabalhos de campo. Johnson terminou seu Ph.D. e passou a integrar o corpo docente do Departamento de Sociologia em UNC-CH ministrando o primeiro curso de antropologia, em 1930.

A expansão da disciplina antropológica após a segunda Grande Guerra possibilitou que, em 1965, um departamento independente surgisse do até então departamento misto de Sociologia e Antropologia. Katherine se formou antes dessa data e devido a isso foi bastante difícil encontrar

⁵⁰ Além do pacifista Luther King e do controverso Malcom X; uma das lideranças expressivas na luta pelo direito do negro nos EUA foi, Stokely Carmichael (1941-1998). Stokely foi o criador da expressão “Black Power”, Dirigente do comitê estudantil contra a Violência, que foi compelido a exilar-se na África em 1969. Vindo a ser um dos líderes do movimento do Pan-africanista. (BENJAMIN, 2006.).

⁵¹ Katherine foi sua aluna durante o curso de mestrado em 1959 e menciona a importância do curso em 1967 “...meu professor Dr. Guy Johnson, um dos maiores especialistas em folclore afro-americano nos Estados Unidos, inclusive com importantes livros publicados sobre as “canções de trabalho” dos negros.”. (REAL, 1967)

qualquer documento que registrasse sua passagem por tal universidade. Quero ressaltar que a autora manteve uma carreira acadêmica bastante marginal nos Estados Unidos. Não conseguiu terminar seu doutorado em UNC-CH e também não teve sucesso em suas tentativas de publicações⁵². Foi mais tarde, na década de 80, que recebeu algum reconhecimento pelas suas experiências ligadas à curadoria de exposições sobre a arte popular brasileira. No Brasil, sua carreira de “folclorista” de Pernambuco ganhou peso, deixando marcas expressivas no debate sobre maracatus e carnaval em Recife.

Os “folcloristas” ao definirem suas atividades como fazendo parte de um “movimento” organizado em torno da CNF, não apenas compartilhavam um tipo de produção intelectual específica, mas principalmente adotavam um engajamento coletivo na defesa das tradições populares. Os objetivos comuns que marcaram o empenho do movimento folclórico foram incorporados e re-elaborados na atuação da estrangeira em Pernambuco. A agenda “folclorista” é apresentada por Vilhena a partir de um artigo de Renato Almeida que aponta três problemas fundamentais: “*a pesquisa para o levantamento do material permitindo o seu estudo; a proteção do folclore, evitando sua regressão; e o aproveitamento do folclore na educação.*” (ALMEIDA, 1953 : 341. apud. VILHENA 1997:174) De forma particular e em diálogo com alguns museus, Katherine incorporou essas metas aos seus projetos para a CPF e para as agremiações e blocos carnavalescos.

Em 1964, Katherine estava morando no Rio de Janeiro e sabia que a direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro tinha sido passada para Renato Almeida⁵³. Lembrando da frieza do líder folclorista com ela em 57, não foi visitá-lo logo de início. No entanto, antes de se mudar

⁵² Em 1970, mandou um artigo resumindo as idéias e questões de seu doutorado para a *American Antropologist*, que não foi publicado. (REAL, Katherine “The urban Lower Class in Northern Brazil: an Analysis of Internal Structuring and Poverty in an Ethnically-Mixed Subsociety”, 1970.) A revista apenas publicou a resenha de seu livro “O Folclore no Carnaval do Recife (Folklore in Carnival of Recife) by Katherine Real Cate *American Antropologist*, New Series, vol72, no 3 (June,1970) p.639. No periódico, *Ethnomusicology*, vol, 14 no.2 (May, 1970) p.135-136 também foram publicadas as resenhas de *Folklore in the Carnival of Recife* e “*Popular Art of Northeast*” (*Arte popular do Nordeste*) by Katarina Real Cate. Mesmo nos EUA assinava em português: Katarina Real Cate. (Consulta no JSTOR e no livro de REAL, 2001).

⁵³ Em 1964, Edison Carneiro foi afastado da direção da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, acusado de comunista. A Campanha é então assumida por Renato Almeida. Nessa época Almeida acumula a CDFB com a secretaria da CNFL e ainda assume a presidência do IBCC. Esse acúmulo de funções está mais ligado ao esvaziamento dos cargos e de pessoas para ocupá-los do que a um prestígio e reconhecimento do Intelectual. (VILHENA, 1997)

para Recife, resolveu dar notícias e pedir conselhos ao “grande mestre”, como ela se referia a Renato Almeida. Katherine conta que Renato a recebeu como a um “filho pródigo”⁵⁴, como uma velha amiga folclorista que, a exemplo do moço da parábola do evangelho, retorna ao seio da família após longa ausência em que levou vida dissipada. No entanto, a essa altura, era a família folclórica que se encontrava dissipada, pois o movimento vivia seus últimos suspiros, devido, sobretudo, à conjuntura política do país.

Almeida, bem humorado e um tanto irônico, queria saber de Katherine sobre todas as novidades de Pernambuco. Queria saber por que nos últimos nove anos do movimento a Comissão de Pernambuco não se apresentava. Queria saber por onde andava Pernambuco no movimento folclórico. Contou a ela a série de desastres com dissidências e brigas na Comissão Pernambucana. Nenhum dos secretários empossados até então (Getúlio César, Arnaldo Rodriguez, René Ribeiro) se manteve no cargo por muito tempo. A sugestão de Vilhena é que devido à força e influência de Gilberto Freyre e da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) - na época, Instituto Joaquim Nabuco (IJN) -, a CPF não se tornou um centro de referência autônomo com relação ao folclore nesse estado.

Renato Almeida teve grandes dificuldades com Getúlio César⁵⁵, secretário pernambucano indicado por Gilberto Freyre e cuja atuação julgava muito apagada. Getúlio César, por sua vez, sentia-se de alguma forma ofendido com a relação pessoal amigável entre Almeida e René Ribeiro, renunciando quando esse último foi nomeado, sem seu consentimento prévio, Secretário Adjunto da CPF. Colocando Ribeiro, que era o chefe do departamento de antropologia do IJN, Renato Almeida tentava iniciar um convênio entre a CNFL e a instituição dominante nos estudos

⁵⁴ “Mas em 1965, Bob resolveu transferir a operação, o laboratório de análise de solos para Pernambuco porque no Rio e em São Paulo, em Pelotas e Minas a coisa ia muito fácil, mas como sempre Recife era o mais difícil e o nordeste em geral. Então, poucas semanas antes de transferirmos para Recife, eu pensei eu vou visitar Renato Almeida, eu vou à Campanha porque tinha passado vários anos aqui no Recife fazendo essa pesquisa sobre o carnaval e achei que talvez ele se interessasse pelo meu trabalho. No momento que entrei na Campanha de Defesa de Folclore Brasileiro, e fui recebida por Renato Almeida como uma velha e queridíssima amiga, um pouco como o filho pródigo.” (Entrevista: REAL, 1997).

⁵⁵ “Em uma carta bastante ácida, enviada ao secretário-geral pernambucano Getúlio César, Renato Almeida confessa seu descontentamento com o fato de a CNFL só ter tido a notícia da inauguração de um museu de folclore em Recife “com o apoio e subvenção do governo estadual” – aparentemente o primeiro do gênero no Nordeste -, através de uma revista, sem que qualquer manifestação da comissão pernambucana fosse notada. Essa seria, segundo ele, a primeira vez na história da CNFL em que “um acontecimento relativo ao folclore lhe é inteiramente desconhecido e dele não participa”. (VILHENA; 1997 : 200-2001).

de folclore em Pernambuco, (IJN). Quando Renato finalmente aceitou a demissão de César e indicou Ribeiro para a secretaria geral, este não a aceitou indicando um substituto. (VILHENA;1997: nota 7 : 288).

Almeida incumbiu Katherine de levantar a CPF indicando Mauro Motta ou Jordão Emerenciano para ajudarem-na nessa nova missão. Queria que o entusiasmo da pesquisadora reorganizasse e construísse uma nova Comissão Pernambucana, pois segundo ele, a antiga nunca existiu na prática a não ser em documentações oficiais.

*

Katarina Real e as “capelinhas” recifenses: re-inventando a Comissão Pernambucana de Folclore (1965-1968)

“Havia estourado o golpe de 64, então havia um clima de suspeita, de medo, todo mundo era espião e aparece no meio do povo, uma galega. O que se dizia, é que aquela galega era da CIA e que ela tinha vindo para tomar pulso da situação popular. Então havia uma resistência em aceitar a gringa: “la gringa”. Mas com a evidenciação do trabalho que ela fazia e da aproximação, fomos criando laços de amizade. Ela é realmente uma grande pesquisadora, especializada em cultura popular, se envolveu logo com a comissão e porque era uma gringa, conseguia coisas que a gente não conseguia na época da ditadura. Porque eu sou um sujeito esquerdoso e naquela época, fui perseguido e era tido como suspeito. Então eu fiquei na reação, mas depois me aproximei dela e isso talvez serviu para quebrar o gelo. Se Olímpio tá com a gringa, a gringa não é tão ruim quanto parece... a gente também utilizava o prestígio dela para conseguir as coisas.” (Entrevista: BONALD Olímpio; Olinda : 15-04-06.).

De “gringa” a “Cidadã do Recife”⁵⁶, suas estratégias de ação vão ganhando força e aceitação. Gradativamente a “locutora radialista”, “folclorista”, “antropóloga”, vai recebendo o reconhecimento de conhecer e pertencer à cidade até se estabelecer como a secretária geral da

⁵⁶ Em novembro de 1997 recebe o título oficial de “Cidadã do Recife”, na Câmara Municipal da cidade, pelos inúmeros esforços direcionados à preservação das tradições folclóricas pernambucanas.

CPF, em 1967. Nesse processo vai se tornando importante personalidade empenhada em viabilizar determinadas políticas de preservação, transmissão e apresentação do folclore em Pernambuco. Privilegiou o papel dos museus e dos debates ou palestras⁵⁷, que buscavam colocar em diálogo “pesquisadores” e “brincantes” com diferentes perspectivas. Assim, ela própria vai sendo envolvida, “folclorizada”, assumindo os traços de sua personagem de “defensora do folclore” na capital do carnaval pernambucano.

Chegando a Recife, Katarina encontrou Mauro Motta⁵⁸ que recusou o convite para o comprometimento com a CPF. Prosseguindo, foi ao encontro do Dr. Jordão Emerenciano no IBEC. Dr. Jordão se tornou uma espécie de conselheiro orientador para essa nova missão de levantar a CPF. Juntos, Jordão e Katarina escolheram os nomes que comporiam o primeiro núcleo para a elaboração de um regulamento. Katarina estranhava a complicada e pouco democrática concepção de como deveriam re-organizar a CPF. Contudo, esses eram pré-requisitos reivindicados pela extrema formalidade e rigidez de Jordão Emerenciano. O núcleo foi então constituído por Valdemar de Oliveira, Abelardo Rodriguez, Césio Figueira Costa e Katarina Real.

“...eu não queria que a comissão se tornasse uma capelinha, porque eu já estava ciente de que em Pernambuco, Recife, existia uma série de capelinhas e se você estava nessa capelinha você não podia participar da outra. Eu queria que a comissão fosse de todo mundo interessado no folclore, mas a gente não pode combater a capelinha facilmente em PE e havia muita gente que não gostava de outras pessoas. Num certo ponto de vista foi bom botar Katarina Real nesse negócio, porque eu não sabia quem não gostava de quem,... mas por isso, certas coisas, por exemplo Mauro Motta nunca assistiu uma reunião da CPF parece eu não sei se havia

⁵⁷ Tive acesso a duas palestras filmadas por José Fernando da CPF e que fazem parte do acervo da CPF: a primeira ocorrida em 1996, na ocasião da devolução da boneca Calunga Dona Joventina. A outra palestra ocorreu em 1997 e discorria sobre os dois tipos de Maracatus, nação ou de baque virado e de baque solto ou rural. Nesse evento, brincantes e pesquisadores foram convidados por Katarina e pela FUNDAJ.

⁵⁸ Sobre encontro com Mauro Motta: “Fui ao instituto de pesquisas Joaquim Nabuco e no pátio do antigo instituto, tive a sorte de encontrar-me com Mauro Motta. Eu sempre tive uma dificuldade com Mauro, porque eu tive a impressão que ele me achava uma figura um pouco cômica e sendo assim eu sempre me comportava de uma maneira um pouco cômico, cômica, com Mauro. **Eu era uma figura exótica aqui no Recife naquela época. E ainda sou vamos dizer assim.**(...) Ele olhou pra mim e disse absolutamente não. Não estou interessado e virou as costas e foi embora. Eu não sei por que, mas Recife sempre foi uma coisa muito misteriosa.” (Entrevista : REAL, 1997).

alguma coisa contra Jordão ou contra Renato Almeida eu não sei...” (Entrevista: REAL, 1997)

Katarina aprendia a transitar por entre as “capelinhas” recifenses. Sendo “estrangeira” ignorava determinadas regras mais subjetivas e locais de relacionamento e assim, conseguia ultrapassar fronteiras entre grupos variados dialogando com pessoas de “capelinhas” distintas. Além disso, mantinha suas pesquisas com várias agremiações carnavalescas e maracatus na cidade. A autora foi percebendo que seus interlocutores “folcloristas” nem sempre freqüentavam as mesmas “capelinhas”, o que dificultava bastante a sua missão de reerguer a CPF.

De acordo com a narrativa da própria autora, a convivência com Jordão lhe ensinava as “grandes complicações culturais administrativas” que impediam que a comissão se constituísse com maior “fluidez” e “abertura”. Após a formalização do regulamento, Jordão lhe pediu que fizesse uma lista de pessoas a serem convidadas para compor o corpo de integrantes da nova CPF. Para sua decepção, o grande amigo Luiz Beltrão foi recusado e teve o nome riscado da lista de possíveis participantes. Percebeu que Jordão, seu novo conselheiro, não freqüentava as mesmas “capelinhas” que o antigo amigo, seu primeiro orientador em Recife, Luiz Beltrão⁵⁹.

Foram inúmeras as discordâncias para saber qual o “nome forte”, “o grande nome de prestígio” que ocuparia a Secretaria Geral da CPF, em 1965. Enfim ficou decidido que Hermilo Borba Filho, “renomado folclorista”, ocuparia o cargo. Katarina Real foi empossada como Secretária Executiva e ficou responsável pela Ata⁶⁰ das reuniões. A escritura da Ata lhe rendeu muito trabalho, já que esta deveria ser escrita segundo as normas cultas da língua portuguesa. Por fim, Césio Figueira Costa foi escolhido por Jordão para ocupar a tesouraria.

⁵⁹ “Conhecia muitas pessoas interessantes então eu fiz uma lista muito grande. Na lista eu tinha botado Luiz Beltrão meu grande e queridíssimo amigo que sabia que estava interessadíssimo pelo folclore. E ele ia lendo a lista, e de repente disse, Luiz Beltrão, Luiz Beltrão, não. Ele não conhece nada de folclore, vamos riscar o nome dele. Isso era um dos meus arrependimentos, porque eu devia ter sido insistente e dito, não Luiz Beltrão é um grande folclorista e pode ser um jornalista, mas eu estava numa posição um pouco insegura naquele tempo e Jordão, bem para resumir, eu acho que se eu tivesse tido Luiz Beltrão como conselheiro não teria cometido tantos erros como eu fiz na comissão.” (Entrevista : REAL, 1997).

⁶⁰ “Quando fui empossada de secretária executiva me entregaram o livro da Ata e me explicaram, que eu teria que fazer a Ata em português, escrito à mão e sem erro nenhum. A linguagem da Ata tinha que ser, digamos assim, uma linguagem formal e elegante e em português, foi um horror! Eu estava com esse livro, e eu fazia um rascunho voltava para casa pegava o dicionário, para bolar isto. Foi um sufoco. Depois na próxima reunião eu tive que ler a Ata. E todo mundo ficou rindo dos erros de português da pronúncia e tudo”. (Entrevista : REAL, 1997).

Renato Almeida direcionou uma verba⁶¹ de 500 cruzeiros para que a CPF pudesse dar seus primeiros passos. Hermilo estava em vias de publicar seu livro pela Universidade Federal de PE e alegou que ainda precisava justamente de 500 cruzeiros, que foram retirados da recém formada comissão, segundo Katarina, sem grandes dificuldades. Depois de nove anos de inexpressividade e “lisa”, ou seja, sem dinheiro na gíria recifense, a CPF experimentou, com dificuldades, quatro anos de ação.

“Ela movimentou muito a comissão deu prestígio à comissão deu respeito e respeitabilidade perante a “inteligência” (entre aspas né) dos militares, aquele bando de topeiras que bastava você ter uma ligação com o povo já para ser suspeito. Naquele tempo não se podia falar em camponês, comunidade, operário... não podia, era proibido se falar em público. Então folclore era uma coisa suspeitíssima. Esse povo de folclore tinha ligação com lideranças comunitárias e se tem liderança comunitária estava associado ao movimento de esquerda e era suspeito.”(Entrevista: BONALD, 2006).

Apesar do clima de repressão e das suspeitas que o tema do folclore associado ao povo poderia gerar, a CPF re-organizada por Katarina Real e Jordão reunia-se uma vez por mês. Um dos membros ou dos convidados apresentava um trabalho próprio.⁶² A proposta era debater os trabalhos e incentivar novas pesquisas. Cabia ao secretário geral presidir esses encontros, mas Hermilo Borba Filho compareceu a pouquíssimas reuniões. Assim, Katarina conduzia os encontros, um após o outro. O único encontro que lembra ter sido presidido por Hermilo foi o em

⁶¹ “Renato Almeida nos arranhou uma verba, para começar, verba de 500 cruzeiros, 500 cruzeiros naquela época era bastante dinheiro. Que Hermilo engoliu para publicar o Livro dele, ele e não me lembro qual foi o livro, mas, ele teve um livro sendo publicado pela universidade federal e **então começamos a comissão lisos. Eu nunca vi uma prestação de contas sobre esse dinheiro e se ele teve o direito de fazer isso.**” (Entrevista :REAL, 1997).

⁶² As apresentações eram tanto de grupos “folclóricos” quanto de intelectuais pesquisadores do assunto. Na entrevista Katarina Real citou como inesquecíveis as apresentações de Evandro Rabelo, dos irmãos Valença, Raoli e João, com as pastorinhas. A própria Katarina que apresentou seu trabalho sobre os “Ursos” e a de Câmara Cascudo que denunciou o furto de seu grandioso trabalho e declarou sua briga com Recife. “Luiz da Câmara Cascudo veio de Natal e fez uma homenagem para ele, em uma dessas reuniões, ele me contou essa história. Vocês devem saber. Ele estava escrevendo um trabalho monumental, algo sobre a história do mundo, mandou os originais para Recife e foram roubados e ele nunca mais encontrou o trabalho que era o trabalho da vida dele alguém pegou o trabalho de Luiz da Câmara Cascudo, ele perdeu anos e anos de trabalho. E ele estava aborrecido com Recife.” (Entrevista :REAL, 1997).

que ela apresentou sua pesquisa sobre os “Ursos”⁶³. Neste dia, René Ribeiro compareceu com seus alunos para assisti-la. Devido ao tenso clima político do país, as reuniões não contavam com numerosos contingentes de participantes.

Katarina expressava suas disputas com Hermilo acerca do reconhecimento e merecimento do cargo de Secretário Geral, que mais tarde veio a ser ocupado oficialmente por ela. A constante ausência de Hermilo deu a Katarina mais força e autonomia, já que no fundo foi ela que exerceu, na prática, o cargo de Secretária Geral da Comissão, desde 65. Se dependesse do Secretário Hermilo, quem sabe a gestão não seria mais um episódio da comissão fantasma de Pernambuco. A senhora Real não julgava certo que além do trabalho que tinha com a ata e com os agendamentos e divulgações das reuniões, ainda devesse presidir e promover os debates nos encontros. Por isso, insistiu em procurar e cobrar de Hermilo sua presença. Insistência que lhe causou algumas complicações e inclusive constrangimentos com a esposa do Secretário.⁶⁴

A autonomia da secretária executiva foi se expandindo até que resolveu mudar a configuração das reuniões transferindo-as para o Teatro Popular do Nordeste. Esta mudança estratégica tinha dois objetivos: atrair os jovens estudantes do Recife e forçar a presença ou sublinhar a omissão de Hermilo. Katarina já não via nenhum sentido na “extrema formalidade e no ambiente senhoril” em que eram realizadas as reuniões no Arquivo Público do Estado. Ao implementar a sua proposta estendendo o debate no teatro ao grande público jovem, também tornava evidente a ausência do reconhecido Hermilo Borba Filho. O argumento principal era que o teatro possibilitava um ambiente mais aberto e descontraído para o debate, além de propiciar uma

⁶³ Em 1965 Katarina Já fazia parte da Comissão Organizadora do Carnaval e organizou um “concurso de Ursos”, contudo nesse ano o diretor da secretaria de segurança pública anunciou a proibição total dos “mascarados”. Então Katarina foi enfrentar o diretor da segurança pública e pedir a “bondade” para com os “Ursos de carnaval” que foram liberados de usarem suas máscaras. “Sempre me encantou o “urso do carnaval” venho de um país fundado pelos “puritanos” onde quase não existem lindos e simpáticos folguedos e autos populares. No meu estado da Califórnia caçamos e matamos e comemos brutalmente os pobres ursos.” (Exposição 2007: “*Katarina: Outros Carnavais*”)

⁶⁴ “Ninguém sabia onde estava Hermilo. Achava que não era para Katarina R. presidir as reuniões, então eu ia atrás de Hermilo para ver se ele ia presidir e ele dizia sim, estarei lá, mas não aparecia. Então para encontrar Hermilo tive que telefonar para ele e falar com a mulher dele em casa. Ele nunca estava, eu sabia que a única maneira de encontrar Hermilo seria ir à repartição onde ele trabalhava. Bom eu sei que o homem brasileiro sabe dessas coisas, a mulher dele achava que eu estava interessada nele, atrás dele e mesmo Leda (Leda Alves), não é, andava muito desconfiada porque eu estava andando atrás de Hermilo toda hora. Mas, eu ia para frente e essa comissão ia continuar. Leda geralmente encontrava com Hermilo no Rio e avisava quando ia ter reunião, mas ele não aparecia.” (Entrevista REAL, 1997).

estrutura mais adequada às apresentações de agremiações carnavalescas e grupos folclóricos locais.

O conselheiro, Dr. Jordão, não gostou que a secretária tomasse atitudes sem o seu prévio consentimento. Achava que Katarina deveria primeiro pedir conselhos sobre a mudança. Aos poucos, algumas divergências entre as propostas de Jordão e Katarina entraram em choque. Jordão era um senhor de idade avançada, que estava acostumado a ambientes de “extrema formalidade” como o Arquivo Público do Estado; e Katarina, uma mulher mais jovem, norte americana, achava prejudicial todo esse formalismo, principalmente porque não tornava os debates agradáveis e atraentes para os jovens estudantes. A proposta da autora enfocava o folclore no “processo educativo”.

Renato Almeida e Katarina Real mantiveram um contato mais íntimo quando, a pedido dele, a secretária executiva resolveu escrever um livro sobre os clubes carnavalescos de Recife. Nesse processo, Renato foi uma espécie de orientador⁶⁵ de “O Folclore no Carnaval do Recife”, editado pela Campanha de Defesa do Folclore, em 1967. O incentivo do “grande mestre” ecoava na CPF como um grito de urgência, já que Pernambuco não detinha quase trabalhos e registros de suas agremiações carnavalescas. Essas eram vistas como uma espécie em extinção, um conjunto de práticas e saberes ameaçados pelo possível desaparecimento.

Algumas das práticas de preservação histórica nas modernas sociedades nacionais estão intimamente associadas às narrativas que se configuram como resposta a uma situação histórica, na qual os valores e práticas culturais são apresentados como em permanente risco de extinção. Desta maneira, tais narrativas se impõem à missão de proteger a “cultura” e os “valores ameaçados”, redimindo-os a uma permanência objetificada. No entanto, a “perda” de tal patrimônio é propiciada pelas próprias narrativas que pretendem salvá-lo. A perda não é algo exterior, mas parte constitutiva das próprias estratégias de apropriação e classificação de uma “cultura”. “Objetos”, “técnicas” ou “formas de vida” ao serem registrados para serem resgatados,

⁶⁵ Uma orientação via correspondências. Essa extensa correspondência com Renato Almeida está disponível no Acervo da Comissão Pernambucana de Folclore; foi pré-classificada e organizada por mim em abril e maio de 2006.

protegidos ou divulgados são deslocados e re-classificados perdendo algo necessariamente. (Gonçalves, 2002)⁶⁶.

O livro de Katarina foi bastante questionado e criticado devido a sua pretensão em dar um panorama geral abarcando os vários tipos de agremiações. A autora acabou deixando de lado diversos grupos e personalidades que também gostariam de estar ali representados. Por outro lado, o livro ainda é uma forte referência sobre o carnaval de Recife, constituindo-se como um dos poucos registros sobre mestres e carnavalescos da década de 60. Até hoje “O folclore no Carnaval de Recife” é bibliografia quase obrigatória para todos os trabalhos sobre os temas do carnaval e das agremiações da região. No que se refere aos maracatus de baque virado, a pesquisadora escreveu sobre os últimos anos de Dona Santa no Elefante deixando fotografias e relatos que ainda são evocados pelos maracatuzeiros de hoje. Na segunda edição do livro, 1990, a autora se defende com um parágrafo de “autocrítica e apelo”:

“Dentre as muitas imperfeições do presente trabalho, afora as bem aparentes limitações de gramática e vocabulário- (...) há uma que se destaca: não vai satisfazer ninguém. Os folcloristas vão lamentar a ausência de notações musicais, de coletas de versos(...) Os sociólogos vão lamentar a ausência de amostras claramente delimitadas(...) Os intelectuais vão lamentar certa falta de poesia sonho, ilusão(...) os historiadores vão lamentar a ausência de análises que ligam esses folguedos a outras civilizações (...) E os antropólogos, aqueles brutos que conheço muito bem porque sou um deles, vão reclamar: “cadê a ligação desses grupos à cultura total? Quais as implicações sócio-políticas, sócio-econômicas, intra e intergrupais? Onde estão as análises de function and meaning dessas agremiações? E os homens do povo – o maravilhoso povo que me deu a sua mão (...) vão perguntar porque que eu esqueci o seu nome e a história da sua agremiação (...)” (REAL,1990 : 141).

⁶⁶ Em *A Retórica da Perda*, (GONÇALVES, 2002), realiza um estudo sobre as modalidades de “invenção discursiva” do Brasil desde a década de 30 até os anos 80, tomando como referência o “patrimônio cultural”. As representações do “patrimônio cultural” aparecem como um efeito da tensão entre o que não é mais, ou seja, o que já se perdeu (perda) e o que ainda não é (busca). Em meio a esta tensão, a formação da Nação Brasileira é percebida como um processo aberto e inconcluso.

Katarina se tornou uma personalidade conhecida e acessível às agremiações carnavalescas. Além de secretária executiva da CPF ainda aceitou a desafiadora missão de presidir a Comissão Organizadora do Carnaval do Recife. Seu apartamento na Rua da Aurora era conhecido como a “torre do frevo” e freqüentado tanto pelo “povo do carnaval” quanto por seus companheiros folcloristas. A autora se transformou em uma pessoa tão requisitada e procurada que precisou alugar outro apartamento no mesmo prédio para escrever, sem que os telefonemas e visitas inesperadas a impedissem de realizar sua grande monografia sobre o carnaval de Recife.⁶⁷

Como colecionadora, Katarina coletava e envolvia-se com os diferentes aspectos e manifestações de uma “cultura popular” pernambucana. Ao mesmo tempo, era ela mesma absorvida e transformada de Katherine à Katarina Real pela cultura local. Por um lado, expunha sua “torre-museu” de experiências vividas com essa cultura popular local afirmando sua autoridade etnográfica de pesquisadora e, por outro, ela própria era “folclorizada” e se tornava personagem dessa mesma cultura carnavalesca de Pernambuco que morava em um museu aberto ao público como veremos no próximo capítulo.

Quando o livro estava pronto, mandou seus manuscritos para Hermilo Borba Filho que estava no Rio de Janeiro. Queria que ele corrigisse o português e fizesse comentários, já que nunca deixara de zombar de seus erros de concordância. Com relação ao título do livro, ele queria que ela riscasse “O Folclore no”, mas ela manteve a pedido de Renato Almeida. Sua proposta de título original era: “Evoé: os clubes carnavalescos do Recife.”⁶⁸ Hermilo foi o revisor do Livro da autora e parece que, a partir daí, fizeram um acordo com Renato para que Katarina ocupasse oficialmente a Secretaria Geral da CPF. Com a edição do livro em 1967 e a mudança de Hermilo para o Rio de Janeiro, a secretária ganhou mais prestígio e reconhecimento na sua atuação em

⁶⁷ Sobre seu primeiro livro escrito em português: “Aliás, foi Renato Almeida que exigiu aquele livro; ele sabia da pesquisa do valor da pesquisa. Mas ele achou que ia ser uma monografia curta. Então para escrever isso eu **estava assediada o dia inteiro pelo povo do subúrbio todas as agremiações sabiam onde morava Katarina Real, o pessoal da comissão de folclore, da imprensa, do jeito que a comissão organiza o carnaval, para escrever isso, eu disse para Bob, vamos desligar a campainha da porta, o telefone que eu vou escrever esse livro.** E Bob teve o apartamento lá em baixo, alugamos o décimo terceiro. Então passei quatro ou cinco meses trabalhando até a madrugada, domingo até meio dia... e terminei o livro”. (Entrevista: REAL, 1997)

⁶⁸ “Levei os originais do livro do Folclore no Carnaval do Recife para Hermilo. Ele queria que eu riscasse “o folclore no” e ficasse só O Carnaval do Recife. Renato queria que saísse “O folclore do” ... **O título original era “Evoé: os clubes carnavalescos do Recife.”** Mas Renato disse; Evoé foi um brinde que os intelectuais usavam no Rio de Janeiro, em décadas passadas, eu não quero Evoé. Eu disse **mas Renato Evoé era o hino da Federação Carnavalesca, eu achei tão lindo isso, todo mundo disse Evoé; mas ele não gostou...**”. (Entrevista: REAL, 1997).

Pernambuco. Hermilo renunciou e em comum acordo com Renato, Katarina foi empossada como a nova Secretária Geral da comissão. Enfim a CPF estava oficialmente em suas mãos. Dr. Jordão organizou a cerimônia de posse, realizada no Arquivo Público, à tarde, com festejos no Teatro do Público ao anoitecer.

O ano de 1967 foi o ano de glória da carreira da autora em Pernambuco. Publicou a sua grande monografia sobre o carnaval, foi promovida a Secretária Geral na CPF e recebeu homenagem na câmara municipal, na qual, foi consagrada oficialmente com o título de “Cidadã do Recife”. Em consideração aos inúmeros serviços e “esforços prestados em busca da preservação da cultura regional e das tradições folclóricas” do estado de Pernambuco, o então prefeito Augusto Lucena, junto com o presidente da câmara dos vereadores e os representantes do governo do estado, promoveram uma cerimônia para a entrega do título de Cidadã da “Cidade Maurícia”. Um ritual que marca a influência e o prestígio que a autora conquistou na cidade e o reconhecimento de que ela vinha prestando serviços e realizando esforços no sentido de valorizar os grupos da “cultura popular” de Recife. Na cerimônia, a autora proferiu um extenso discurso redigido sob o título de *O Folclore e a bondade Brasileira* e no qual, se constrói como fruto dessa “bondade”.

“Sou simplesmente a criação, o produto da sua bondade brasileira – sempre a aluna, o eterno aprendiz de seu povo sábio, bom, e tão rico em tradições e cultura que em cada encontro que tenho com ele, vou aprendendo um pouco mais sobre a história da civilização humana.”(REAL, nov.1967).

Com as rédeas nas mãos, a nova Secretária Geral reorganizou o núcleo da CPF. Convidou Waldemar Valente para ocupar o cargo de secretário executivo. Césio Regueira Costa continuou como tesoureiro até que sua presença se tornou praticamente nula. Não freqüentava mais nenhuma reunião e pediu a renúncia do cargo, que foi ocupado por Olímpio Bonald Neto. A renúncia de Césio também foi motivo para discordâncias entre Jordão e Katarina.⁶⁹ As declaradas “capelinhas” e aliados políticos na capital pernambucana tornavam sua missão bastante difícil, ainda mais em

⁶⁹ “Telefonei para Jordão e disse que isso aconteceu e ele disse e a senhora aceitou! A senhora aceitou? Eu disse, bom ele me pediu para ele se afastar da tesouraria... Parece que no Brasil quando uma pessoa quer renunciar você diz não você não pode renunciar. (...)Eu devia ter ido a Jordão e dito olhe Césio quer renunciar porque ele não quer ir as reuniões e Jordão, resolve esse negócio.” (Entrevista: REAL, 1997.)

plena ditadura militar. Katarina também não compreendia bem porque a comissão se mantinha vinculada a uma dependência de verbas públicas.

Katarina Real foi o único nome estrangeiro e feminino a ocupar a secretaria geral da CPF. Por ser uma mulher norte-americana tinha atitudes de quem via o mundo a partir de um ideal baseado em categorias democráticas distintas das que poderiam ser vividas no nordeste brasileiro, principalmente no que se refere à igualdade entre os gêneros. Julgava-se igualmente capaz de ocupar cargos tipicamente masculinos na cidade do Recife. Manteve relações com políticos locais como os prefeitos Miguel Arraes e Augusto Lucena e com o vereador Aristóфанes de Andrade. Além desses, conhecia ilustres jornalistas da cidade como Luíz Beltrão e José César Regueira Costa, Orlando Motta e outros intelectuais de formações variadas que poderiam ser citados como “folcloristas” ou simplesmente como os parceiros de Katarina na CPF: Jordão Emerenciano, Hermilo Borba Filho, Waldemar Valente, Valdemar de Oliveira e Olímpio Bonald. Apesar de Katarina ter sempre vindo morar no Brasil para acompanhar o marido (Bob) em seu trabalho, foi ela que ficou na lembrança e nas marcas deixadas na organização do grandioso “Carnaval multicultural e democrático” de Recife. Bob quase não é mencionado e ficou mais conhecido como o marido da antropóloga de Pernambuco.

“Como mulher da cultura americana, minha concepção da CPF era um pouco diferente. Nos Estados Unidos teria sido um grupo de voluntários. Porque ninguém recebia dinheiro e todo mundo pagava mensalidades para enriquecer a tesouraria. (...) agora esse negócio de ir pedir verbas da assembléia legislativa, do governo federal, era uma coisa completamente alheia ao meu conhecimento... Todo mundo disse, vá para a assembléia legislativa falar com Edimir Régis, porque ele vai lhe arranjar uma verba. Então eu fazia o que podia. Consegui algumas verbas do Roberto Magalhães para financiar o dia de folclore...” (Entrevista: REAL, 1997)

Katarina Real lançou uma forte campanha para a construção de um Museu do Carnaval no final de sua atuação junto à CPF. O Jornalista Paulo Vianna, idealizador do encontro de maracatus

na famosa “Noite dos Tambores Silenciosos”⁷⁰, freqüentava as reuniões e ajudou nesse projeto. Mas a campanha pelo museu fracassou⁷¹. Decepcionada com o desenrolar do projeto devido aos inúmeros empecilhos burocráticos e promessas de auxílios não cumpridos, a “gringa recifense”, vai acordando de seu “son(h)o” de “bondade brasileira” e percebe limitações e barreiras para sua atuação na CPF. Apesar de nos últimos anos do “movimento folclórico” ter realizado uma ação significativa, já não se sustentava por si e nem recebia os auxílios necessários para que passos fossem dados em qualquer direção. O governo dos militares com a linha cada vez mais dura impedia os debates e perseguia integrantes da comissão.

“Chegou 68 e vi que a campanha ia fracassar que ninguém ajudou, o Nilo Coelho prometeu o museu do carnaval, Augusto Lucenna prometeu o museu do carnaval, todo mundo prometeu e nada. (...) outra coisa da personalidade da mulher americana quando quer uma coisa espera que vá realizar-se dentro de pouco uma coisa que aqui em Pernambuco as coisas demoram anos e anos... eu estava muito frustrada com essa coisa toda.” (Entrevista: REAL, 1997).

*

O choque: um estranhamento cultural e a volta aos EUA

O casal Cate visitou Los Angeles na ocasião da morte do grande líder pacifista da luta em favor dos direitos dos negros nos EUA, Marthin Luther King. Segundo Katarina, todos engajados na luta eram considerados subversivos pelo governo norte-americano. Os brancos, em geral, não podiam participar publicamente da luta pelo direito do negro. Contudo, muitos brancos participavam enviando dinheiro secretamente à campanha do líder King. A campanha da luta enviava envelopes sem remetente e quem quisesse poderia colaborar com quantias em dinheiro.

⁷⁰ Paulo Vianna, jornalista que pesquisava os descendentes dos negros da Costa em Recife. Era ligado aos maracatus da Cidade, principalmente na região do bairro de São José. Foi o idealizador e incentivador da famosa Cerimônia dos Tambores Silenciosos que ocorre no Pátio do Terço desde 1961.

⁷¹ Sobre as dificuldades de apoio para a campanha pelo museu do carnaval lançada pela CPF em 1968: “eu lancei através da comissão (...) a campanha para ter um museu de carnaval no Recife e tivemos uma grande reunião no teatro popular no nordeste. Paulo Viana também participava das reuniões da CPF (...) E todo mundo ficou empolgado e resolvemos que o lugar ideal para se ter o museu do carnaval era o Sítio da Trindade. Então a imprensa nos ajudou demais, lançamos uma campanha violentíssima, foi Paulo Guerra... chegou 68 e vi que a campanha ia fracassar que ninguém ajudou.” (Entrevista: REAL, 1997)

Todos os que ajudavam a financiar a campanha pelos direitos dos negros eram fichados pelo FBI como subversivos, logo, os nomes de Katherine e Robert Cate estavam nas listas dos perseguidos pelo FBI. De volta a Recife, não se sentia mais capaz de representar o folclore de Pernambuco, sendo de um país que vivia uma verdadeira guerrilha urbana contra os negros.

“Eu tive um choque do assassinato de Marthin Luther King (MLK), eu voltei a Recife e tive a impressão que eu não podia mais enfrentar o povo brasileiro, porque sendo americana e o povo, para eles eu era a única americana que o povo tinha conhecido então todo mundo me olhava e será você que matou MLK? No São João, em 68, eu já tinha visto que minha atuação na CPF tinha chegado ao fim. E **eu não podia mais enfrentar não só o povo de cor nos subúrbios, mas os brasileiros em geral (...)** Porque assassinamos o presidente Kennedy, Robert Kennedy e, o país estava numa situação. Logo depois do assassinato de Martin L.K. havia incêndios e confusões em todas as cidades e eu tava envergonhada de até sair na Rua. (...) **Eu fiquei envergonhada um, de ser Americana e dois, de estar representando o folclore pernambucano sendo de um país onde se estavam matando negros por todas as partes.**” (Entrevista: REAL, 1997)

O contrato de Robert Cate estava no fim e ambos, Bob e Katarina, queriam realizar seus doutorados nos EUA. A secretária, decepcionada com toda a conjuntura política dos dois países que compunham seu universo, entregou a tesouraria e a secretaria da CPF para Waldemar Valente. Soube, anos mais tarde, que Valente nunca mais reuniu a CPF. Exatamente o que Renato Almeida temia e que ela tanto se dedicou para modificar. Depois que Katarina abandonou a CPF (1968), essa parou completamente por mais de uma década (assim como os maracatus, “recolheu” por uns anos), sendo retomada e remontada nos anos 80 por Roberto Benjamin.

Antes de retornar à América do Norte, foi se despedir da “festa do povo brasileiro” passando seu último mês de junho em São Luiz do Maranhão. Tinha ido outras vezes às festas de São João em São Luiz e conhecia o governador José Sarney. Foi visitá-lo no palácio e para sua surpresa, encontrou Renato Almeida acompanhado da esposa. Não teve coragem de avisar ao amigo “mestre folclorista” que estava de partida para os EUA, deixando a CPF. Nesse São João,

Katarina Real e Renato Almeida passearam pelos Bumba-meu-Boi da cidade e se tornaram padrinhos do Boi do Zequinha, um dos amigos de Katarina em São Luiz. Essa foi a despedida de seu “grande mestre” e incentivador Renato Almeida.

Estava “envergonhada” e não queria alardes anunciando a sua retirada de terras brasileiras. De volta aos EUA, em 1969, Katarina e Bob buscaram dar continuidade às suas carreiras acadêmicas. Iniciaram seus doutorados em UNC-CH. Katarina procurou seu orientador, John Gulick, professor emérito da universidade e o brasilianista Dr. Robert Daland, autor do livro “Brazilian Planning: Development politics and administration”, editado em 1967. Para sua decepção, este último havia falecido. O programa também recebeu um grande corte de verbas e, assim, seus planos de doutorado foram por água abaixo.

Enviou para a *American Anthropologist*⁷² um resumo da tese que pretendia apresentar, mas o ensaio não foi publicado. Aproveitando a demanda por informações sobre as heranças africanas nas culturas americanas, elaborou propostas de cursos enviadas a duas universidades engajadas no movimento negro em Raleigh⁷³, também na Carolina do Norte. No entanto, suas propostas também foram recusadas. Suas “capelinhas” estavam em Pernambuco e sem seus interlocutores não conseguiu estabelecer nenhum vínculo com a antropologia nos EUA. Quando Bob defendeu o doutorado em UNC-CH, recebeu um convite do Ministério da Agricultura, em Brasília, para colaborar num projeto de análise estatística de dados colhidos pela rede de laboratórios agrônomos sobre a fertilidade dos solos do país. Voltaram então a morar no Brasil por mais um ano quando desmontaram o apartamento-museu de Recife:

“Nossa coleção teria então um novo lar em Brasília. A “Torre do Frevo” foi posta à venda com muita tristeza de nossa parte. Antes de viajar, porém, devolvi o quadro “A

⁷² “*The Urban Lower Class in Northern Brazil: na Analysis of Internal Structuring and Povetry in Ethnically-Mixed Subsociety*”, 1970. (O ensaio não foi publicado e eu também não tive acesso a este texto.)

⁷³.Nos anos 70, Katarina Real, já de volta aos Estados Unidos enviou propostas de Cursos para Shaw Univewrsity, ligada à igreja Batista e Saunt Augustine Colledge, da igreja Episcopal com o intuito de colaborar com as discussões de líderes do “poder negro”, ligados a estas instituições, que estavam buscando informações sobre “raízes africanas nas culturas americanas”. No entanto, suas propostas foram recusadas. “*Elaborei uma proposta de curso (...) a princípio a proposta foi aceita com entusiasmo e fui convidada para ser entrevistada pelos professores de ciências sociais de ambas as universidades, eu não havia avistado outra pessoa de cor branca nos escritórios ou nas salas de aulas. Após essas entrevistas fiquei aguardando uma aceitação ou rejeição de minha proposta.(...) Desiludida tive que concluir que estava sendo rejeitada por causa de minha cor.*”(REAL, 2001 : 103)

árvore genealógica das seitas Africanas” a Paulo Viana, convencida de que uma peça de tanto valor histórico e antropológico não deveria nunca sair de Pernambuco.” (REAL, 2001: 121)

Em seus textos e discursos, Katarina manteve um comprometimento com o povo que estudava e com o Brasil. Escrevia em português com linguagem acessível, escrevia para o Brasil, para Recife e não para as academias norte-americanas. Manteve-se distante de instituições universitárias não conseguindo realizar seu doutorado. No entanto, estabeleceu-se como curadora e especialista em “arte folk” brasileira e mais especificamente pernambucana.

“Quando os diretores descobriram que nossa coleção de arte popular brasileira havia voltado da América latina, eles vieram ao nosso apartamento para estudá-la. Admirados pela originalidade e riqueza da coleção, eles me convidaram para organizar uma exposição sobre arte popular do Brasil, que incluiria a maioria das peças adquiridas em Pernambuco. Em 1978, a exposição, intitulada “A Cultural Mosaic: The Folk Arts of Brasil”, foi inaugurada recebendo ampla cobertura da imprensa local, pois foi uma das primeiras exposições nos Estados Unidos sobre as artes, festas e tradições populares do Brasil.” (REAL, 2001 :123).

Retornou a Recife algumas vezes para conferir dados e adquirir peças para exposições. Aproveitava para matar a saudade de amigos e conhecer os novos grupos e mestres nos carnavais dos anos 80 e 90. Nessa época se surpreendeu com tamanha proliferação e multiplicação dos maracatus antes ameaçados. Conheceu Dona Olga, Marivalda, Afonso Aguiar e outros atuais dirigentes de maracatus de baque virado da cidade. Em 1996, trouxe consigo de volta a calunga Dona Joventina, doada ao acervo do MHN. O fato de Katarina ter adquirido uma calunga de presente consagra sua “autoridade etnográfica” de pesquisadora com importância significativa. Dona Joventina ficou sob seus cuidados por 30 anos e segundo me foi relatado por Silvio Brasileiro e Zenaide Pedrosa, que foram visitar a autora nos EUA, Katarina dava de comer e conversava com a boneca.

A calunga Joventina e o mapa genealógico eram duas peças fundamentais da “torre do frevo” que expunham a relação de Katarina com os *Xangôs* do Recife. Essas peças, de valor inestimável para a cultura afro-pernambucana, foram devolvidas por ela a Pernambuco. Ambas foram deixadas no Brasil com a justificativa que tinham um valor cultural demasiado grande para permanecerem distantes e, conseqüentemente, alienadas, nos EUA.

Sua relação com os senhores mestres de maracatu está registrada em *Eudes, o Rei do Maracatu*, editado em 2001 pela Editora Massangana da FUNDAJ. O livro conta retrospectivamente toda a sua trajetória de pesquisa através de sua relação com alguns informantes privilegiados. Bem diferente do primeiro, escrito em 1967, este é narrado em estilo ensaístico, na primeira pessoa do singular apresentando “retalhos de sua memória”, como ela mesma salientou. Descreve o encontro com Eudes Chagas em 1967 e a convivência que tiveram até 1979 quando o “Glorioso Rei” faleceu. Conta como juntos transformaram a “Troça dos Ciganos” no maracatu nação Porto Rico do Oriente. Fala do seu envolvimento com a religião do *Xangô* e do seu carinho por esses “*africanos*” recifenses como Seu Luiz de França, Eudes Chagas e Veludinho.

No final da vida (meados de 90), o renomado mestre do Leão Coroado, Luiz de França, queria “queimar tudo” para que seu maracatu não fosse “aposentado” em nenhum museu e nem continuado em mãos mal quistas. Katarina o auxiliou na briga judicial acionada por Lourenço Molla e, mais tarde, acompanhada de Roberto Benjamim, conseguiu um prêmio em dinheiro para o mestre do Leão Coroado que já estava com 95 anos. Com o prêmio, compraram o atual terreno do maracatu Leão Coroado em Águas Compridas e ajudaram na transferência de mestres que “salvou o maracatu da fogueira”, tornando essa nação a única dos antigos e conhecidos nomes de nações *maracatuzeiras* que não foi “*recolhida*”, sendo considerada por algumas políticas de incentivo à cultura, a nação “mais antiga” que “nenhum museu recolheu”. Hoje Afonso Aguiar é o atual mestre do Leão Coroado, nação que foi premiada pela lei estadual, em 2006, como um “patrimônio vivo”. O argumento usado para justificar a premiação do Leão Coroado foi o fato desse maracatu ser considerado o “**mais antigo, pois nenhum museu nunca lhe acolheu**”⁷⁴.

*

⁷⁴: “Esse maracatu foi fundado em 1863. Codinome Leão Coroado passado de glória nunca se desfez. É o maracatu mais antigo, pois nenhum museu nunca lhe acolheu, nós somos de nação germana semente africana xangô pai nos deu”. (Trecho de toada do Leão Coroado, Afonso Aguiar).

Cap. II - Katarina Real e “os africanos” do Recife

Katarina Real era então Secretária Geral da CPF e presidente da COC, diretamente relacionada à prefeitura de Recife e ao Governo do Estado de Pernambuco. Gozava de grande influência, promovendo mediações importantes entre as políticas oficiais de incentivo à cultura e as agremiações e clubes carnavalescos da cidade. As homenagens e eventos ocorridos no ano de 1967 aumentaram ainda mais sua visibilidade.

Morava com Bob na “torre do frevo”, cuja sala de estar exibia uma pequena exposição com prateleiras repletas de objetos regionais do nordeste do Brasil. Mantinha sua coleção de “arte popular” exposta na sala do apartamento, onde morava e recebia amigos, convidados, dirigentes e integrantes de agremiações carnavalescas. Cada visitante ao passar pela “torre de Katarina” acabava conhecendo algo a mais sobre a autora, sobre os locais por ela percorridos, sobre as manifestações e os artesãos escolhidos para estarem ali representados. Seu pequeno museu particular não apenas decorava o ambiente, mas negociava com cada interlocutor as regras do jogo de reciprocidade (como num mercado de bens subjetivos) no qual ela buscava, ao mesmo tempo, um reconhecimento pelo seu trabalho de pesquisa e novos saberes para a sua eternamente inacabada coleção do “povo e do carnaval”. Em troca, abusava da sua condição de Secretária da CPF e presidente da COC realizando o que estivesse ao seu alcance para atender as inúmeras solicitações de mestres e de grupos do carnaval.

Como colecionadora da “festa carnavalesca” e do “povo do carnaval”, estava interessada nas “artes”, nos “folguedos” e nos “mestres” da “cultura popular”⁷⁵. Tratava esses últimos como verdadeiros “sábios”, como os donos do conhecimento que a ela tanto importava e que buscou conhecer ao longo da vida. Diferente de outros representantes de uma alta classe intelectual, política e social, Katarina recebia o “povo do carnaval” em sua casa. Eram integrantes de troças e agremiações carnavalescas. A maioria, residentes dos “mocambos”, localizados nos “subúrbios”,

⁷⁵ Compreendem-se aqui para “artes populares”, artistas do Barro (ceramistas), Madeira (escultores, marceneiros e santeiros), Xilogravuras e Literatura de Cordel. Os “folguedos” atenderiam ao recorte feito pelo movimento folclórico que pretendia captar o seu objeto da “cultura popular” em ação. Seriam as diferentes modalidades de “festas, autos, orquestras, troças e blocos populares”. Os “mestres” são “personalidades” individualizadas que falam por um determinado coletivo, são pessoas detentoras de saberes específicos, são as autoridades dos conhecimentos e dos segredos dessas “artes” e “folguedos”.

“altos” e “alagados”⁷⁶ do Recife. A linguagem utilizada pela própria Katarina marca de forma clara a diferença social entre ela e seus amigos intelectuais e políticos e por outro lado, os “mestres” e os representantes do que chamou de “povo do carnaval”. Os primeiros moravam em “sobrados”, “casas” e “apartamentos” localizados nos bairros chiques da cidade e os segundos, em “mocambos” localizados nos “altos” e “alagados”.

Ela própria morava em uma “torre” no centro do Recife, no coração da Boa Vista, nas margens do Capibaribe. Sua “torre-museu” incorporava uma categoria própria e intermediária entre os “sobrados” e os “mocambos”. Era um apartamento pequeno, num antigo prédio de três andares, localizado na Rua da Aurora, no bairro da Boa Vista, região central que facilitava o diálogo tanto com instâncias estatais quanto com seus amigos e interlocutores. A “torre do frevo” era ao mesmo tempo a casa da secretária, um pequeno museu de arte popular e um “escritório”, “gabinete” que reunia a CPF com a prefeitura via a COC. Também representava uma ponte para o diálogo com o IJN (atual FUNDAJ), além de uma possibilidade de se saber e se chegar a museus e festivais nos EUA, já que a pesquisadora era “estrangeira”, “gringa”.

“Caboclinhos”, “ursos”, “maracatus” e “orquestras de frevos”, todos queriam estar representados no museu de Katarina. Levavam para ela presentes, notícias, queixas e propostas para que a eles também fossem dirigidos seus olhares, que representavam os olhares da CPF. A autora acabou por estabelecer em sua residência um centro informal e voluntário⁷⁷, quase “público”, no qual as reivindicações de grupos carnavalescos circulavam em busca de uma parceria financeira e epistemológica. Katarina não precisava mais se deslocar em busca de “peças de valor”, pois essas chegavam quase por si à “torre museu”.

No caso dos “maracatus-nação”, foi Dona Assunção ou o “mestre Cangarussu” quem levou Dona Joventina à casa de Katarina Real como veremos no próximo capítulo. Foi o *babaloxixá*

⁷⁶ “Alto” é categoria para os bairros populares, “comunidades” ou “favelas” (utilizam a primeira) localizadas em regiões elevadas, muitas ficam ao longo da Av. Norte, por ex., Alto José do Pinho, Alto do Pascoal, Alto do Céu, Alto Santa Terezinha, etc.. “Alagados” ou “Ilha” é categoria para bairros populares em regiões de manguezais ou próximos ao mar e aos rios, por ex., Bairro do Pina, Brasília Teimosa, Ilha da Bezerra, Ilha do Leite, Ilha de Deus.

⁷⁷ “Nosso apartamento não era uma repartição pública nem um escritório particular, pois a Comissão de Folclore ainda não dispunha de sede, assim o “rojão” de telefonemas e visitantes na porta todos os dias chegava a ser muito cansativo. Francamente eu não queria falar com ninguém (...) entretanto, sabia que era meu dever receber essa gente das agremiações populares que gostavam de desabafar com agente...” (REAL, 2001, p. 78).

Eudes Chagas quem procurou a secretária da CPF em busca de meios para realizar seu maracatu, que já era uma obrigação antiga, proscria pela madrinha Dona Santa. Também foi o próprio *oluô* Luiz de França quem emprestou à autora o “livro da seita” e quem a convidou para ser madrinha de sua filha⁷⁸. A “árvore genealógica das seitas africanas” igualmente foi levada por Paulo Viana à “torre do frevo” para auxiliá-la em suas aventuras nos *Xangôs* da capital.

*

Eudes Chagas e a nação Porto Rico do Oriente

Em “*Eudes Chagas, o Rei do Maracatu*” (Real, 2001), Katarina escreve como uma “narradora” que transmite experiências. (BENJAMIN,1985) Inspirada na sua própria trajetória autobiográfica, narra seu encontro e envolvimento com Eudes Chagas, Veludinho, Luiz de França e Dona Santa que foram alguns dos seus principais interlocutores⁷⁹ ligados aos antigos maracatus-nação do Recife. Suas impressões, desejos e atitudes são justificados em uma narrativa que privilegia a idéia do encontro com um “outro”. É desse encontro que Katarina retira o material para construir o livro. Assim, o falar de si mesma torna-se indissociável da produção do texto, ressaltando uma estratégia discursiva que enfatiza sua experiência de conhecer, segundo ela, pessoas “exóticas”, estabelecendo vínculos de amizade distintos daqueles que mantinha nos EUA e com intelectuais de Recife. Seu contato com importantes personalidades “mestres” e “rainhas” de maracatus envolvem-na em uma mesma trama de narrativas as quais também constituem os próprios maracatus de baque virado.

Escrito em português, predominantemente na primeira pessoa do singular, Katarina apresenta sua relação com o *babalorixá* Eudes Chagas, o rei do maracatu Porto Rico do Oriente. O livro editado em 2002 é dedicado a Luiz de França (1901-1997), o *eluô* do maracatu Leão Coroado que também foi uma “autoridade” fundamental para o reconhecimento etnográfico da

⁷⁸ O último filho de Seu Luiz (na época com 70 anos) estava prestes a nascer e ele convidou a amiga pesquisadora para ser a madrinha. Contudo, a criança nasceu com graves problemas e foi preciso improvisar um batismo de emergência. Katarina não pôde ser avisada a tempo e a criança morreu logo em seguida. Ainda assim, seu Luiz só se referia à Katarina como minha comadre. (REAL, 2001).

⁷⁹ Seus principais interlocutores dos maracatus-nação: em meados de 60, Dona Assunção do Estrela Brilhante de Campo Grande, a rainha Dona Santa da antiga Nação Elefante; Seu Veludinho que foi Estrela Brilhante passou para o Elefante e foi para o Leão Coroado. Em fins de 60 e nos anos 70, Seu Luiz de França do Leão Coroado e Eudes Chagas do Porto Rico do Oriente.

trajetória da autora em Recife. Grande parte da narrativa é a descrição de como a autora conheceu esses senhores “*mestres*” e como articulou e ajudou Eudes Chagas a construir um novo maracatu no final dos anos 60. O entrelaçamento de Katarina com esses nomes, que ainda hoje são evocados como verdadeiras instâncias legitimadoras de como se faz um maracatu de baque virado, agrega valores e significados ao seu trabalho etnográfico.

Na “torre do frevo” ocorreram duas importantes negociações sobre o destino dos maracatus-nação em Recife. A primeira foi quando Katarina conheceu Eudes Chagas e uma afinidade os envolveu em uma única missão que unificava os respectivos sonhos. Organizando e fundando um novo maracatu-nação, Katarina Real estaria “resgatando” uma antiga tradição ameaçada e predestinada ao desaparecimento e Eudes Chagas receberia o apoio necessário para transformar sua “troça” em um “maracatu de baque virado”. A segunda foi “*A reunião com ‘os Africanos’*.”⁸⁰ Nas vésperas da coroação do Rei Eudes, organizou uma reunião cujo objetivo era promover um encontro de mestres de maracatu, principalmente para evitar as possíveis reações de ciúmes de Luiz de França em relação a Eudes, além de outras desavenças entre aqueles senhores *afilhados* de Dona Santa e ligados às “nações africanas” do Recife.

A concepção filosófica assim como algumas questões de ordem prática para a transformação e criação do maracatu Porto Rico do Oriente foram discutidas por Eudes e Katarina na “casa-torre-museu”. Juntos idealizaram um ritual ecumênico de coroação, segundo a autora, perdido no séc. XVII. O encontro de Katarina com o *babalorixá* foi mediado por um amigo de ambos, João Santiago, que era funcionário do Departamento de Documentação e Cultura de Recife (DDC). Santiago telefonou para a Secretária do Folclore pouco depois do carnaval de 1967, anunciando que Eudes Chagas, o diretor da Troça dos Ciganos, que sempre fora um maracatu disfarçado, queria transformar a Troça em um maracatu-nação e contava com a ajuda da pesquisadora. Katarina recebeu a notícia entusiasmada⁸¹, já que há anos se dedicava e se

⁸⁰ Título do capítulo 5 do Livro: (REAL, 2001).

⁸¹ “*Fiquei felicíssima com a notícia (...) e sabendo que uma das metas sagradas da comissão pernambucana de folclore era a preservação das manifestações folclóricas do Estado, este telefonema me parecia importantíssimo e até milagroso.*” (REAL, 2001: 18)

preocupava com a situação dos maracatus⁸². Eudes iria visitá-la na “torre do frevo” para conversarem sobre a situação da Troça e sobre as possibilidades de transformarem-na em um “verdadeiro” maracatu de baque virado. No dia combinado, o *babalorixá* do Pina subiu na “torre do frevo” para contar sua história:

Eudes Chagas nasceu em Olinda e foi morar em Recife no bairro de Água Fria. Muito tempo depois foi para o bairro do Pina, local onde exerceu o sacerdócio em seu *terreiro*, até 1978. Também era dono de uma troça carnavalesca, o “Rei dos Ciganos”. Embora o argumento principal para o encontro com Katarina fosse o de transformá-la em um maracatu, a troça continuou existindo mesmo após a criação do Porto Rico do Oriente.

Ainda menino, com 13 anos (1934), Eudes começou a ter crises que o deixavam enfraquecido e adoentado. A família era muito católica e, principalmente sua mãe, não gostava de nenhum tipo de espiritismo. Os médicos consultados não detectaram a causa das crises, que só se agravavam. Um dia, a tia resolveu levar o sobrinho enfermo à casa de uma médium que trabalhava com o “*Caboclo Daniel*”. O *Caboclo* disse que seu problema não era doença e sim dois “*africanos*” que o acompanhavam e que só ficaria bom no *Xangô*. Foi essa mesma tia quem o levou ao terreiro de Dona Santa, onde estava sediado o maracatu nação Elefante. (REAL, 2001).

A casa de Dona Santa estava fechada por conta da perseguição que assolava os *cultos* na época (meados de 30). Principalmente durante o Estado Novo os *terreiros* e *centros espíritas* foram objeto de fortes repressões⁸³. Na casa de Dona Santa, Eudes soube que, para resolver seu problema, teria de ser “*batizado*” no *Xangô* e em dia de “*toque* de maracatu”. Assim, no primeiro ensaio da nação Elefante, voltou ao terreiro e junto da famosa *yalorixá* foram para o quarto no qual ela lhe fez a recomendação e o *amassi* dizendo que era o “*batismo*”. Disse também que Eudes teria de seguir a *seita* porque os *orixás* *Ogum* e *Xangô* estavam lhe acompanhando. (REAL, 2001).

⁸² “Desde o começo de minha pesquisa sobre o carnaval recifense em 1960, eu tinha observado o lamentável desaparecimento de dois dos maracatus-nação mais famosos da cidade: o Elefante de Dona Santa em 1962 e o Estrela Brilhante de Dona Assunção em 1965...” (REAL, 2001: 19)

⁸³ Sobre o período de repressão às religiões espíritas e “afros” ver: (DANTAS, 1988 : 174).

O jovem rebatizado no *Xangô* gozou de saúde por mais um par de anos quando as crises reapareceram. Voltou ao *terreiro* de Dona Santa que lhe repreendeu severamente obrigando-o a organizar uma “troça” no seu bairro. Eudes deveria organizar um maracatu disfarçado para que não houvesse problemas com a polícia. Foi então que o jovem e seus “companheiros de seita” organizaram a troça carnavalesca para *Ogum*. A troça “Rei dos Ciganos”⁸⁴ foi fundada em 5 de outubro de 1938, era um “*Xangô* de rua”⁸⁵ que se dizia *troça*, no qual Eudes, disfarçado de rei, saía de *Ogum* com uma espada na mão.

A crônica de Paulo Viana fala da perseguição aos terreiros de *Xangô* durante o Estado Novo, em Pernambuco⁸⁶. Viana era um jornalista engajado com a questão da “identidade negra” e foi um dos fundadores da hoje famosa “Noite dos Tambores Silenciosos”, que ocorre toda segunda-feira de carnaval, no Pátio do Terço, desde 1961. O argumento principal da crônica é discutir a “camuflagem dos cultos em troças de carnaval”, utilizando justamente o exemplo da Troça dos Ciganos, que teria sido criada com o objetivo de proteger um *Xangô*, fundado por Dona Santa e Eudes Chagas em pleno Estado Novo. Katarina Real transcreve na íntegra a crônica do amigo jornalista que, junto com seus dados particulares, imprime “autenticidade” ao passado de Eudes e ao novo maracatu Porto Rico do Oriente.

“Nestas condições, de janeiro a janeiro, a Troça dos Ciganos - que tem em Ogum Guerreiro o seu principal patrono - durante 15 anos, sob a proteção da Federação Carnavalesca e longe das visitas incômodas da polícia, festejou todos os orixás

⁸⁴ “...naquele tempo, o filme *Rei dos Ciganos* com o ator José Mojoca, um padre mexicano, passava no Cinema. O pessoal gostou muito e decidimos dar esse nome à troça com espada de *Ogum*.” (REAL, 2001 : 22).

⁸⁵ “Mesmo com a polícia vigiando agente Eudes continuou, tivemos que fazer as obrigações para os ‘santos’. Assim, combinamos um meio de improvisar o nosso pegi. Lá na sede da troça em Beberibe (que é o nosso terreiro), fizemos um coreto de madeira com uma entrada em baixo para colocar as coisas dos ‘santos’. No dia que íamos fazer uma obrigação, anunciávamos um baile e convidávamos os participantes (os colegas da seita) e o público – e, às vezes, até a própria polícia. O povo dançava em baixo do tablado, debaixo do qual o pegi estava escondido. Anunciávamos um Baile Azul em dezembro para homenagear Iemanjá e um Baile Branco na Noite de Ano para Orixalá. Fizemos também um Baile rosa para Iansã no dia 4 de dezembro. No São João convidávamos o público (...) para homenagear *Xangô*. Em agosto fizemos outro Baile Branco em homenagem a Orixalá para acalmar o Exu. Também fizemos a Festa do inhame para homenagear o ifá. “Quem é o Ifá?”, perguntei. “O ifá era um superior que distribuía as sementes. A senhora quer saber como se louva ao ‘santo’ através do coco de São João” (...) Escolhemos o nome Porto Rico do Oriente para diferenciar do Porto Rico dos Palmares fundado em 1915 e que não existe mais.” (REAL, 2001 : 23).

⁸⁶ Sobre a perseguição aos terreiros em Recife e em especial sobre o Rei dos Ciganos, ver o capítulo 2 de (REAL, 2001), no qual transcreve na íntegra a crônica do Jornalista Paulo Viana, intitulada “*Rei dos Ciganos nasceu perseguido pelo Dops*”, publicada no Jornal do Comércio, em 24 de fevereiro de 1968.

africanos, de maneira disfarçada... Após o “curto prazo de 15 anos” da ditadura do Estado Novo, a redemocratização do país e com ela a garantia institucional da Liberdade de Culto, determinando que a troça se tornasse apenas carnavalesca, começou, então, o declínio das suas grandes festas internas. Não havia mais motivação, pois os “terreiros” voltaram a funcionar (...). Agora José Eudes Chagas - que foi companheiro de Dona Santa, no reinado do “Elefante” - e um dos fundadores do Rei dos Ciganos, quer transformá-la no Maracatu Porto Rico.” (REAL, 2001: 35)

Este encontro de Eudes com Katarina foi seguido de outros; a pesquisadora também foi ao seu *terreiro* e, a partir daí, iniciou-se um contato mais direto entre eles que resultou na fundação do novo maracatu Porto Rico do Oriente. Iniciativa que atendia perfeitamente ao seu desejo de preservação e manutenção dos maracatus considerados um folguedo sob ameaça de extinção. Ao despedirem-se, o *babalorixá* convidou a pesquisadora para a festa de Ogum que ocorreria no sábado seguinte em seu terreiro, no bairro do Pina. Katarina foi à festa e assim, foram estabelecendo laços de amizade fortificados pelo sonho em comum de fundar um novo maracatu-nação.

Inspirada no artigo de Edson Carneiro⁸⁷, Katarina estava preocupada em ajudar Eudes para que ele coordenasse a feitoria do novo Porto Rico do Oriente. Mas sua dedicação quase exclusiva, voltada para ajudar o novo maracatu poderia gerar reações de ciúmes e desavenças entre os outros mestres de antigos maracatus já existentes. Conhecia os representantes⁸⁸ de muitas “nações africanas” da cidade; especialmente uma atitude desconfiada de Luiz de França estava preocupando a secretária da CPF. Seu Luiz era o diretor do maracatu Leão Coroado, considerado

⁸⁷ “No Livro, Dinâmica do Folclore, do Antropólogo Édison Carneiro (Ed. Civilização Brasileira, 1965) encontra-se um brilhante ensaio intitulado “Proteção e Restauração dos Folguedos Populares” (p.99-113). Neste ensaio, o mestre baiano adverte, “sabemos que a proteção em si implica uma intromissão erudita no campo do folclore e, entre os perigos que comporta, está o de poder levar a mais rápida liquidação de toda esta riqueza das gerações.” Mais adiante (...) ele aconselha: “Embora, com a intervenção se restaure o folguedo, jamais se deve esquecer que este pertence ao povo e que deve ser mantido, de então por diante, (...) os responsáveis pela intervenção deverão ter a difícil mas salutar contingência de servir ao folguedo, trazendo-o novamente para a sociedade em toda a sua pureza popular, ou seja, como o faria o povo se por si mesmo tivesse a possibilidade de fazê-lo.” (p. 106-107)” (REAL, 2001: 43).

⁸⁸ “Conhecia bem os diretores das três “nações africanas” que ainda sobreviviam na cidade, em 1967: “Seu Tercílio” do Cambinda Estrela, “Seu Zé Gomes” do Indiano e o velho mestre do Leão Coroado, Luiz de França Gomes. Além desses três, havia meu amigo especial, o idoso João Batista de Jesus, alcunhado de “Seu Veludinho”, cuja longa convivência com os maracatus (tendo sido batuqueiro mestre no Estrela Brilhante, no Elefante de Dona Santa e, desde 63, no Leão Coroado de “Seu Luiz”) lhe dava um prestígio ímpar entre o povo das nações.” (REAL, 2001 : 54)

o mais antigo (fundado em 1863), que ainda saía nas ruas da cidade sem ter passado por nenhum museu ou período de reclusão. Além disso, Seu Luiz era um dos *babalaôs* mais poderosos e respeitados da cidade, conhecido por seu temperamento difícil e encrenqueiro quando se sentia injustiçado por qualquer motivo.

“A reunião com ‘os Africanos’” foi organizada por Katarina para desvendar o que pensavam os mestres, Seu Luiz de França e Seu Veludinho, sobre a criação do novo maracatu de Eudes Chagas. Katarina conhecia Veludinho desde o início de sua pesquisa, em 1961, quando realizou visitas ao maracatu Elefante. O senhor de idade avançada tocava o “bombo mestre”, o maior e mais pesado. Depois do falecimento de Dona Santa, em 1962, Veludinho foi para o Leão Coroado, sendo o único do maracatu-nação Elefante transferido para essa nação; os outros foram em massa para o maracatu Indiano, já que o maracatu Elefante e o Leão Coroado mantinham há anos uma relação de hostil rivalidade. Katarina admirava a longa vida do batuqueiro que, em 1963, estava com quase 100 anos e que, portanto, se lembrava de fatos remotos como a abolição da escravidão em 1888 (devia ter 20 anos na época). Mantiveram uma amizade em que a pesquisadora se preocupava muito com a saúde⁸⁹ e o bem-estar do centenário batuqueiro, “um verdadeiro museu vivo”, “o mais antigo dos africanos do maracatu”.

Katarina acompanhou o Elefante nos últimos anos do reinado de Dona Santa, o que a impedia de aproximar-se do Leão Coroado de Luiz de França. De certo modo, foi Veludinho quem possibilitou essa aproximação depois de 1962. Apesar dos maracatus terem sido rivais, seu Luiz de França mantinha um carinho muito grande por Dona Santa que era a sua “madrinha no santo”. Um dos motivos da rivalidade entre esses maracatus está no livro de Guerra Peixe (1981 : 31-32). O maestro pernambucano conta que Dona Santa foi primeiro coroada a rainha do Leão Coroado,

⁸⁹ “Era de praxe Veludinho aparecer lá em casa no dia de seu aniversário para tomar um gole de uísque conosco e receber uma quantia em dinheiro por cada ano de sua vida. Ao responder sobre minha pergunta habitual sobre sua saúde, ele começava com os pés e continuava pelos joelhos e os braços até chegar à cabeça, descrevendo o estado de cada parte do corpo. Quando avisou que “a vista estava ficando um pouco fraca”, insisti em levá-lo para uma consulta com o Dr. Clóvis Paiva, oculista muito em voga entre a classe rica daquele tempo. A expressão de espanto nos rostos das damas da alta sociedade, sentadas na sala de espera, quando entraram no consultório a antropóloga e o preto velho batuqueiro foi uma coisa “de amargar”! Depois da consulta, mandei fazer os óculos de que necessitava, e ele os usava sempre com muito orgulho, mesmo sendo completamente analfabeto. A última vez que vi Seu Veludinho foi por ocasião de sua visita de aniversário em 1968, quando celebrávamos seus 103 anos de vida! Quando lhe perguntei, Seu Veludinho como é que você conseguiu viver tantos anos e ainda com tanta saúde? Ele me respondeu (...) “pois dona, eu acho que é por causa do maracatu.” (REAL, 2001 : 57-58)

maracatu fundado pelo pai de Luiz de França. Alguns anos depois a rainha casou-se com um membro do grupo chamado João Vitorino. Esse foi escolhido devido a seus dotes espirituais para ser o rei do maracatu Elefante. Dona Santa largou a coroa no Leão Coroado e foi para o Elefante com o marido, sendo mais tarde escolhida como a nova rainha da nação que ficou na lembrança associada a seu nome. Maria Julia do Nascimento (Dona Santa) é considerada uma das mais importantes *yalorixás* que Recife já teve. Na viuvez, assumiu as obrigações do marido, inclusive o comando do maracatu-nação Elefante. Além disso, foi “madrinha de santo” de Eudes Chagas, de Luiz de França e de Dona Madalena, entre muitos e muitos outros.

A partir de 1963, Katarina aproximou-se do mestre Luiz de França. Desde o início sua atuação junto ao Leão Coroado buscava atender ao pedido de Luiz que reclamava da falta de um terreno e de uma sede para o maracatu, assim como da escassez de recursos em geral. Katarina tinha então um objetivo claro: o de colaborar na programação de comemoração do centenário do maracatu, buscando financiamento para a compra de um terreno no qual pretendiam construir uma sede para a antiga agremiação. Segundo Katarina tudo estava indo bem até que, em 1964, o golpe militar desencadeou o cancelamento de muitos projetos em benefício do “povo” e da “cultura popular” recifense, inclusive o do Leão Coroado. Katarina e Luiz de França iniciaram uma grande amizade⁹⁰. O sonho de Luiz de França, em parceria com a pesquisadora e com Roberto Benjamin, foi, em parte, viabilizado 33 anos depois, com os recursos do prêmio concedido em 1996 pela Secretaria de Educação do Estado.

Luiz de França levou o seu “velho caderno”, “*O livro da Seita*”, para emprestar à pesquisadora em uma de suas visitas à “torre do frevo”. Ao folheá-lo, Katarina viu que continha todos os *odus* possíveis para a consulta ao *ifá*. Ficou algumas semanas com o “*livro da Seita*” do respeitado *oluô*, devolvendo-o na primeira oportunidade. Katarina ia aos toques de Seu Luiz no

⁹⁰ Logo quando conheceu o mestre, Katarina cometeu uma grande gafe ao perguntar porque seu Luiz não saía de rei. A autora conta que “*ele muito desconfiado retrucou abruptamente que era “eluô”*” (...) Para descobrir os motivos da reação do mestre, Katarina foi procurar uma explicação para o termo no Dicionário de Folclore de Câmara Cascudo, citando o trecho no livro: “*A distinção entre babalorixás e babalaôs, é que esses últimos diziam o futuro, consultando o ifá, o opelê e chegavam a eluô, videntes, quando os primeiros ficavam sempre adstritos ao culto através dos orixás. Em alguns casos as funções de babalaôs e babalorixás se confundem nas funções e consultas particulares. (...) o babalaô, o vidente, o adivinho é de classe espiritualmente superior ao babalorixá. Babalorixás são mais chamados assim nos Xangôs pernambucanos.*” (CASCUDO 1954 : 75 apud: REAL 2001 ; 60)

terreiro na Bomba do Hemetério, e Seu Luiz ia aos eventos oficiais organizados para e pela pesquisadora⁹¹ e assim foram se tornando grandes parceiros nos cuidados dados ao Leão Coroado.

Na reunião com os “africanos”, Katarina explicou-lhes que, naquele momento, a CPF estava concentrando esforços para transformar a troça “Rei dos Ciganos” em um maracatu-nação e que iriam realizar uma cerimônia de coroação do futuro rei Eudes Chagas. Enfatizou a relação de Eudes com Dona Santa e questionou acerca da antiga rivalidade entre o Elefante e o Leão Coroado, com medo de que conseqüências desastrosas ocorressem com a criação de outro novo maracatu na cidade. Eudes interrompeu a autora e explicou-lhe que aquilo seria impossível, pois eram todos irmãos de *seita* e tinham a *madrinha* Dona Santa em comum. Veludinho se propôs a ajudar no baque. Seu Luiz lembrou que era um irmão abnegado da INS do Rosário dos Homens Pretos e que não entraria na igreja, mas também não se opôs a ajudar. Após a reunião, todos os esforços da secretária voltaram-se para viabilizar a reconstrução do ritual de coroação dos reis negros, sobre o qual não se tinha notícia desde o fim da Instituição dos Reis do Congo (Séc. XVII).

O mito de origem dos maracatus-nação remete à antiga cerimônia de coroação dos “Reis Negros”⁹² conhecidos como “Reis do Congo”, realizada durante o período colonial nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito. Conforme registro de diversas coroações nos arquivos da Igreja de N. S. do Rosário dos Homens Pretos do bairro de Santo Antônio, reis e rainhas “Angola” eram nomeados e coroados na cidade do Recife durante o século XVII. Existiam diferentes nações de negros e a do Congo foi a que mais se destacou dentre as associações daquelas irmandades. Segundo relatos, as coroações aconteciam na entrada dos templos católicos com a autorização da Igreja e de seus senhores brancos. De acordo com Guerra Peixe, os maracatus eram designados de “nações” e “afoxés”. O primeiro termo seria usado para relações políticas e administrativas com as Instituições de Reis de Congo e, o segundo, era como se apresentavam nas cerimônias de coroação. Katarina também conhecia o relato do viajante

⁹¹ “Seu Luiz trouxe os batuqueiros do Leão Coroado (*gentileza de João Santiago e Jofre de Andrade*) para fazer um toque empolgante durante a solenidade em que recebi o título de “Cidadã do Recife” na Câmara dos Vereadores. “Seu veludinho” foi meu convidado especial e sentou-se na primeira fila ao lado de meu marido Bob. Para agradecer ao Seu Luiz essa simpática homenagem, convidei-o para vir tocar durante um almoço que eu ofereci à colônia de mulheres americanas no Recife.(...) para mostrar-lhes **meu museuzinho** e um dos ritmos mais contagiantes do carnaval. Ele chegou com três batuqueiros, inclusive Veludinho...” (REAL, 2001 : 61).

⁹² Sobre as coroações dos reis negros no Brasil escravista ver (SOUZA, 2002).

inglês Henry Koster⁹³, que passou algum tempo em Pernambuco, no início do séc. XIX e que, como ela, interpretou uma existência de relações amistosas entre negros e brancos no Brasil.

Katarina Real estava obcecada com a idéia de realizar a coroação do futuro rei do Porto Rico do Oriente em uma igreja da cidade, assim como os encontros ecumênicos da época da instituição dos Reis de Congo. Estava especialmente influenciada por um trecho em que o viajante inglês descreve uma coroação de reis negros na entrada de uma capela na vila de Itamaracá⁹⁴. Katarina supunha, com base em seus estudos de história da escravidão brasileira, que, após a abolição da escravatura, seguida da queda da monarquia, os festejos da coroação dos reis do Congo deixaram de ser realizados⁹⁵. A oportunidade de criar um novo maracatu parecia perfeita para atender seu desejo de reconstruir um passado perdido, de reproduzir algo raro e em extinção, de reviver um tempo em que se coroavam homens negros em irmandades católicas do Recife. Entusiasmada com a possibilidade do encontro ecumênico, foi saber sobre as verdadeiras condições para a coroação de Eudes em uma igreja da cidade.

Luiz de França era um velho irmão abnegado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do bairro de Santo Antônio. Já tinha avisado que não entraria mais nessa igreja devido às obras realizadas pelo Patrimônio Histórico Nacional, que retirou os ossos dos negros enterrados nos jazigos do corredor que dava para a sacristia. Ainda assim, Katarina queria a todo custo coroar Eudes na INSR. Naquela época, o padre dessa igreja era Dom Geraldo Martins, que ficou conhecido pelos jornais da cidade por ter aprovado a instalação de uma galeria de arte na nave lateral da igreja. Katarina conversou com o padre Geraldo, que se disponibilizou a realizar o encontro ecumênico desde que o seu superior, o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara, estivesse de acordo.

⁹³ Koster, Henry. *Travels in Brasil*, 2ª ed., vol. II, London, 1817. Para versão em português ver: *Viagens ao Nordeste do Brasil*, tradução e notas de Luiz da Câmara Cascudo. Ed. Brasileira, vol. 221, São Paulo, 1942.

⁹⁴ “*However at last their majesties knelt down at the railing of the principal chapel, and the service commenced. As soon as this was over, the new King was to be installed; but as the vicar was hungry, he dispatched the matter without much ceremony; he asked for the crown, then went to the church door – the new sovereign presented himself, and was requested or rather desired to Kneel down; the insignia were given to him, and the vicar then said, “Now Sir, go about the business” (Agora senhor rei, vai-te embora)*” (KOSTER, : 28 in: REAL, 2001 : 67).

⁹⁵ Para essas informações, Katarina cita Leonardo Dantas Silva: “Com a abolição da escravidão negra em terras do Brasil, em 13 de maio de 1888, a coroação dos reis do Congo – Muchino Ria Congo – perdeu a razão de ser, pois não existia mais a necessidade daquela autoridade para manter a ordem e a subordinação entre os pretos que lhes eram sujeitos.” Silva, Leonardo Dantas. “Maracatu: Presença da África no Carnaval do Recife.” *Folclore* 190/191 (jan./fev.) Recife: Fundação Joaquim Nabuco (Centro de Estudos Folclóricos), 1988 : 5 in: REAL, 2001 : 68

Ela tentou de todas as maneiras falar com o arcebispo, que não a recebeu. Decepcionada, teve de contar a Eudes que seus planos tinham fracassado. O *babalorixá* não pareceu se importar tanto com o fato da coroação acontecer dentro ou fora da igreja e acalmou a Secretária da CPF em seu desespero de “resgatar” uma “tradição” “do passado”. Nesse meio tempo, João Santiago conseguiu um Bispo da Igreja Católica Brasileira⁹⁶ para coroar o rei. Naquela mesma noite, Katarina e Bob foram visitar o bispo que estava disposto a realizar a cerimônia ecumênica. Dom Isaac Minervino Barbosa, da Ordem de São João Crisóstomo, já tinha combinado os detalhes com João Santiago; eles iam realizar a coroação no dia 10 de dezembro de 1967, numa igreja do Pátio do Terço, no centro de Recife.

Durante a cerimônia de coroação, o Pátio do Terço estava tomado por diversas agremiações carnavalescas, com a participação de outros maracatus e blocos de carnaval⁹⁷. Lá estavam Eudes Chagas e a *yalorixá* de seu terreiro, Dona Mera, vestidos com trajes da realeza e, para a surpresa de todos, o rei e a rainha do maracatu Nação Leão Coroado entraram na igreja para serem coroados juntamente com os reis do Porto Rico do Oriente. Seu Luiz de França ficou do lado de fora da igreja com os batuqueiros preparados para soarem os bombos a qualquer instante. Dentro da Igreja, o padre ofereceu água benta às realezas, mas Eudes recusou, alegando que já tinha sido “batizado”. Em seguida, os reis do recém fundado Porto Rico do Oriente e do Leão Coroado foram solenemente coroados. Hoje o ritual de coroação⁹⁸ é considerado pelos maracatuzeiros um dos pré-requisitos fundamentais para que a nação possa ser considerada “verdadeiramente” uma “nação de maracatu”. É consenso que as rainhas devem ser coroadas, contudo, como devem ser coroadas é um dos motivos para as acirradas disputas entre nações.

⁹⁶ --“Katarina, um bispo da igreja Católica Brasileira quer coroar Eudes.” “Fantástico! gritei espantada. Que igreja é essa?” (...) “É quase a mesma coisa que a igreja Romana, só que os padres podem se casar. Eu acho bom fazer uma visita ao bispo logo para marcar o dia da coroação.” (REAL 2001 : 78)

⁹⁷ “...mas ao chegar ao Pátio do Terço, fiquei espantada. Uma multidão animadíssima, cantando e dançando, enchia quase todo o pátio! Lá estavam três maracatus-nação, o Indiano do Alto do Deodoro, O Leão Coroado de Água Fria e o Porto Rico do Oriente do Pina. (...) mais ainda o Caboclinho Tabajaras do Alto José do Pinho (...) e representantes do Bloco Batutas de São José. Era um verdadeiro carnaval em miniatura!...” (REAL, 2001 : 83). O Diário da Noite (jornal que dá origem ao Jornal do Comércio) anunciou, em reportagem, a coroação, no dia 11 de dezembro de 1967. As fotos tiradas para o jornal estão no livro: (REAL, 2001).

⁹⁸ Sobre coroações no maracatu de baque virado, ver o trabalho apresentado pela professora de História da UFPE na Reunião de Antropologia de 2004. (GULLEN, I ; ABA, 2004).

O recém fundado maracatu Porto Rico do Oriente foi vencedor no desfile oficial promovido pela COC de 1968. Seu Luiz de França ficou indignado, não podendo conceber que um maracatu estreante terminasse vencedor. Segundo ele, existia uma regra que determinava que as agremiações deveriam desfilar pelo menos duas vezes para serem premiadas. Katarina argumentou, em defesa do Porto Rico, que o maracatu era a continuação da Troça dos Ciganos, que já desfilava há vários anos e que, portanto, poderia concorrer à premiação. Luiz de França sentiu-se bastante injustiçado e retirou definitivamente o Leão Coroado do Desfile Oficial do carnaval do Recife. Até hoje essa nação não concorre no desfile organizado pela Federação Carnavalesca (COC) que ocorre na Avenida Dantas Barreto.

Eudes e Katarina fizeram um “*Otá pra Oxum*”⁹⁹ que a pesquisadora levou consigo para os EUA junto com a boneca Joventina e com os objetos de sua coleção de arte popular. Voltou ao Brasil em 1977, a fim de atualizar informações sobre as artes populares de Pernambuco, pois estava organizando uma grande exposição (“A cultural mosaic: the folk arts of Brazil”) para a inauguração do Mingei Museum of World Folk Art em Lá Jolla, Califórnia. Encontrou-se com Eudes pela última vez, nesse ano. Ele estava muito doente, pois tinha sofrido um derrame. Em janeiro de 1979, recebeu no Novo México uma carta de Roberto Benjamin noticiando a morte do “Glorioso Rei” Eudes Chagas.

Com a morte do rei Eudes, os objetos da nação foram doados, por intermédio do professor Roberto Benjamin à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Na época, Roberto era professor dessa instituição, além de secretário da CPF, cargo que ocupa até os dias de hoje. Benjamin estava organizando uma Sala de Cultura na UFRPE onde foram colocados diversos objetos de artistas da região, além das calungas Dona Inês e Dona Elizabete e outros adereços do maracatu de Eudes. Mas as pessoas do antigo maracatu ficaram com “saudades do carnaval”¹⁰⁰ e

⁹⁹ Ver capítulo IX de (REAL, 2001). Segundo Benjamin: “ele preparou um objeto que ela mantém lá no Novo México, uma Oxum, uma como é que eu chamaria, um fundamento de uma oxum pra ela, não sei se a gente poderia dizer que ela tenha feito a cerimônia completa com ele.” (Entrevista com Roberto Benjamin, cedida para essa pesquisa na CPF em 18-04-2006).

¹⁰⁰ “Em termos de reivindicação de bonecas, tem a história das bonecas de Eudes. Quando o rei Eudes morreu, bem, na ocasião eu tinha Eudes como informante e estava visitando ele constantemente. E no Axêxê de Eudes, a comunidade resolveu, **acreditando inclusive numa indicação sobrenatural, que o acervo que não fosse despachado deveria ir para minha mão para eu colocar na Universidade Federal Rural. E aí nós recebemos coroa, espada, o chapéu de sol grande, essas coisas todas e as duas bonecas e eu incorporei no acervo da**

foram pedir as bonecas de volta. No caso do Porto Rico do Oriente, o mesmo “recolhimento” que determinou um tipo de morte do ponto de vista maracatuzeiro possibilitou a multiplicação desse maracatu-nação. Nos anos 80, os antigos e extintos maracatus-nação, como o Elefante e o Estrela Brilhante voltaram a sair nas ruas da cidade, com apoio estatal cada vez maior e reconhecimento mundial. Nesse contexto de ressurreição de antigos nomes de nações de maracatu, como e por que o Porto Rico haveria de se extinguir tão facilmente?

Foi então instituída uma disputa pelo maracatu Porto Rico do Oriente: Armando Arruda e Dona Elda, que era *feita* no Rio de Janeiro, mas que morava no bairro do Pina, em Recife e freqüentava o *terreiro* de Eudes, brigavam contra os antigos integrantes do maracatu, como a ex-rainha, Dona Mera, e a antiga dama do paço, Maria de Sonia. Armando Arruda era ligado aos maracatus da cidade e resolveu que iria colocar de novo o maracatu de Porto Rico do Oriente de Eudes Chagas na rua; e para isso, juntou-se com Elda Viana. Maria de Sonia, por sua vez, foi a *filha de santo* que herdou o sacerdócio espiritual no *ilé* de seu falecido *padrinho*, Eudes Chagas. Elda considerava Maria de Sonia sua madrinha em Recife. Assim, Elda se julgava neta de Eudes Chagas e, com esse argumento, ela e Armando Arruda conseguiram registrar e se apoderar do nome do maracatu Porto Rico do Oriente.

Armando Arruda organizou a coroação da nova rainha, Dona Elda, e combinou que chamaria os antigos integrantes para participarem da segunda fase do maracatu, mas não chamou nem Dona Mera nem Maria de Sonia. Segundo Roberto, “o pessoal do velho maracatu ficou muito revoltado porque Elda ficou com o Maracatu”. Foi então que Maria de Sonia e Dona Mera, com o apoio do vereador do bairro, fundaram o maracatu-nação Encanto do Pina¹⁰¹. Tanto o novo Porto Rico do Oriente (Elda) quanto o Encanto do Pina (Maria de Sonia) queriam de volta Dona Isabel e Dona Elizabeth, calungas que agora faziam parte do patrimônio da UFRPE e estavam sob os cuidados do Professor Roberto Benjamin.

universidade. (...) Quando passou o carnaval e o pessoal começou a sentir saudade do carnaval do maracatu e se arrependeram do fato de terem dissolvido o maracatu.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006).

¹⁰¹ “E aí Maria de Sonia procurou o vereador do bairro e o vereador disse que não tinha autoridade para tomar de Elda o maracatu e que se ela quisesse, ele ajudava ela a fundar outro maracatu. (...), não dou certeza, mas acho que foi Nilton Carneiro que na época era vereador, foi deputado e que era daquela área lá do bairro do Pina. E aí foi fundado esse maracatu chamado Encanto do Pina” (Entrevista: BENJAMIN, 2006).

As senhoras do *ilé* de Eudes, Dona Mera e Maria de Sonia, foram à UFRPE para pedir de volta os pertences do maracatu. Roberto argumentou que não podia restituir-lhes os bens que agora eram parte do patrimônio federal da União. No entanto, por meio da CPF, financiou a feitura de novas calungas, bombos e vestimentas, aproveitando para acompanhar, na medida das possibilidades, a confecção de tais objetos mágicos¹⁰². Em seguida, Dona Elda também foi argumentar que era ela quem estava com o maracatu de Eudes e que por isso tinha ido buscar as bonecas. Assim, Roberto, por meio da CPF, patrocinou quatro novas bonecas que são as atuais calungas do Porto Rico do Oriente e do Encanto do Pina¹⁰³. Dona Elda, no entanto, despreza essa história, afirmando que suas calungas são as de fundação e que ela foi chamada por Armando Arruda para ser a princesa e acabou rainha.¹⁰⁴

Veludinho já tinha falecido quando Eudes morreu. Após a morte do rei do Porto Rico do Oriente, o seu maracatu, a exemplo da nação Elefante, também “recolheu”, ou seja, parou de sair às ruas, tornando-se patrimônio federal da UFRPE. Em seguida, dissidências assolaram o bairro do Pina e dois outros maracatus surgiram como continuadores do legado do maracatu Porto Rico do Oriente, fundado em 1997, com a colaboração de Katarina Real. Um que manteve seu nome e

¹⁰² “Dona Mera apareceu lá com Maria de Sonia no meu escritório e essa calunga estava em um pedestal no meu gabinete na universidade. Aí chegou Dona Mera com Maria de Sônia pra buscar a calunga. Aí eu disse olha não é possível porque isso entrou para o patrimônio da União, então. Sim porque é universidade federal e isso hoje é do patrimônio do governo eu não posso devolver. E aí me deu uma idéia eu estava querendo saber como é que se fazia a cerimônia de iniciação da boneca e disse olha eu vou fazer o seguinte eu vou mandar fazer uma boneca nova e vou dar ao maracatu e fiz isso.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006).

¹⁰³ “Aí quando Elda soube, veio pedir a boneca. Veio da mesma forma atrás da boneca do maracatu e eu disse a mesma coisa, eu não tenho condições de retirar a boneca daqui, eu mando fazer uma boneca pra você com uma condição eu quero vê a cerimônia. **Dona Mera nunca me deixou fazer, eu dei a boneca e nunca me chamou para assistir a cerimônia**, não sei se foi feita ou não eu sei que aconteceu uma coisa muito pitoresca por conta de problema de linguagem, quando eu entreguei a boneca, ela me usou uma expressão que Eudes tinha usado em relação à boneca Dona Isabel dele, que era africana. Ele dizia que a boneca era africana. Quando eu entreguei a boneca, a Dona Mera disse a mesma coisa, mostrou a boneca as outras mulheres do maracatu e disse: olhe é tão africana! **Elda marcou a cerimônia e eu fui com a senhora que trabalhava na Fundação de Cultura da cidade que é uma pessoa ligada ao terreiro dela e aí, ela fez uma encenação da cerimônia, porque eu não creio que fosse daquele jeito**, inclusive quando nós chegamos ela tinha feito a matança e tinha posto o sangue numa taça de cristal e ela pegou e deu um banho na boneca com o sangue dos animais e houve um toque só para nós dois, pra mim e para essa senhora e a cerimônia se encerrou por aí.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006)

¹⁰⁴ “Eu procurei saber se Porto Rico tinha um documento de verdade e não tinha, se fazia aquela ata e entre eles, você é o secretário, o presidente. Aí Armando Arruda armou a diretoria, Armando foi o homem com que eu graças a Deus, com a força dele e do padre que me coroou como rainha do maracatu. Ele que ficou com o maracatu Porto Rico do Oriente foi Armando Arruda que tirou do museu quando o Eudes morreu e foi procurar uma Rainha. (...) (que museu eu perguntei?) No MHN. Você poderia ser a princesa ele disse pra mim, porque a Maria de Sonia vai ser a rainha. E de repente perguntou se Elda queria ser a rainha. Briga entre Maria de Sonia, confusão medonha! Ela fez os documentos? Eu tenho um documento na Igreja de NSRP, eu fiz um registro. E as minhas calungas, a Dona Inês é a de fundação.” (Entrevista : Elda Ivo Viana em 09-06 2006 na sede do Maracatu Porto Rico do Oriente).

está com Elda Viana e outro, denominado maracatu-nação Encanto do Pina, que manteve o seu *terreiro (ilé)*, cujo sacerdócio espiritual foi herdado por Maria de Sonia, a ex-dama do Paço, *afilhada* de Eudes Chagas.

Essas confusões são motivo de desconforto para o professor Roberto Benjamin. Não por ele ter recolhido os objetos para comporem a Sala de Cultura da UFRPE. Afinal, eles foram doados por livre e espontânea vontade ou até por determinação espiritual, mas porque a Sala de Cultura foi desfeita após a sua aposentadoria e seu afastamento da Universidade Rural. Hoje as calungas Dona Isabel e Dona Elizabeth, e a coroa da cerimônia descrita acima e organizada por Katarina e Eudes, além de ricas vestimentas e outros artefatos, estão apodrecendo em um depósito de entulhos que guarda os resquícios da Sala de Cultura idealizada pelo professor Benjamin.¹⁰⁵ O “recolhimento” percebido como “morte” ou “aposentadoria” gera vazios de significados, descontinuidades, repartição de bens materiais e intangíveis que possibilitam ao mesmo tempo o nascimento e a multiplicação do maracatu “recolhido”. Em pouco tempo, duas outras nações surgiam como herdeiras de fragmentos essenciais e inalienáveis do antigo maracatu Porto Rico do Oriente do falecido Eudes. Elda Viana ficou com o nome da nação e Maria de Sonia manteve ativos os trabalhos espirituais no *ilé* do *padrinho*.

Desconheço os detalhes sobre a relação de Armando Arruda com a família de Eudes e do maracatu. Seu nome é omitido por Roberto, que se refere a ele como “um rapaz ligado aos maracatus” e quando pergunto “quem?”, responde “isso não é importante”. Elda, por sua vez, agradece tudo a Armando e diz que deve o maracatu a ele. Não sei se comprou ou simplesmente pegou o que restou do maracatu de Maria de Sonia, mas o fato é que ele e Elda ficaram com o nome da nação idealizada por Katarina e Eudes. Desde então, a sede do Porto Rico do Oriente fica na casa de Elda, cujo andar de baixo é o *terreiro (ilé Macaica do Oxosse)*. Os filhos e *filhas de santo* de Eudes, sob o sacerdócio de Maria de Sonia, continuaram seus trabalhos espirituais no mesmo *terreiro* em que Eudes exerceu o sacerdócio e passou os ensinamentos. Maria de Sonia, a

¹⁰⁵“Olhe ele tava jogado em um depósito e eu me recuso a ir lá, na universidade pra ver isso porque quase tive um enfarte com a situação desse material, porque, além disso, havia sido recolhido um material de um período em que eu dirigi o departamento de cultura do Departamento de Ciências Humanas da Universidade e cuidei da extensão cultural da universidade e recolhi muita coisa, muito acervo em artesanato e dos grupos daqui, com a promessa de que na universidade estariam resguardados e bastante preservados. E quando me aposentei isso foi extinto né.”(Entrevista: BENJAMIN, 2006)

Yalorixá que dançava com a boneca Dona Inês, foi a herdeira de Eudes na hierarquia do *terreiro* que hoje é ligado ao maracatu-nação Encanto do Pina.

A essa altura, o maracatu Leão Coroado também já tinha um destino certo: iria para fogueira com a morte de Luiz de França. Aos 95 anos, o mestre Seu Luiz (1996) queria tocar fogo em todo o maracatu, pois ninguém estava apto a substituí-lo na liderança do Leão Coroado e não ousaria pôr seu maracatu e seu nome “em risco”.

*

De Luiz de França a Afonso Aguiar: Como salvar o Leão Coroado da fogueira?

Um verdadeiro incêndio ameaçava o “último antigo maracatu-nação” de Recife. Pelo menos assim pensavam os representantes da CPF (Roberto Benjamim e Zé Fernando) e a pesquisadora Katarina Real. Todos estavam preocupados com o destino do Leão Coroado, já que a intenção de Luiz de França, em meados de 90, era tocar fogo no maracatu. Procuravam, entre os guias espirituais dos *Xangôs* recifenses, aquele que Seu Luiz reconhecesse e aceitasse como seu sucessor. Diversos *babalorixás* foram apresentados a Luiz de França, mas ninguém parecia agradar o *eluô*. Tudo indicava que o Leão Coroado estava realmente predestinado à fogueira. Ao contrário de Dona Santa, Seu Luiz deixou claro que não queria suas calungas e objetos em nenhuma espécie de museu. Preferia tocar fogo em tudo, ao saber do possível destino estático que adquiriam os maracatus preservados nessas instituições e, principalmente, não queria correr o risco de deixar seu nome e o nome de seu maracatu voltar às ruas da cidade em mãos de pessoas ignorantes ou mal intencionadas nos preceitos de sua “seita”.

O último “mestre africano” estava decidido a incendiar o maracatu. As alfaias, vestimentas, obrigações e calungas do Leão Coroado de 1863 pareciam estar fadadas às chamas enquanto aguardavam por um sucessor que soubesse dar continuidade à nação. Roberto Benjamin esperava encontrar alguém entendido no assunto que, pelo visto, não estava na família de seu Luiz de França, nem dentro do Leão Coroado e nem nas proximidades da casa do mestre. A experiência de Dona Santa e o exemplo quase invertido do Leão Coroado são bons para ilustrar a idéia de que os maracatus-nação não são apenas amontoados de objetos que podem ser passados adiante ou

vendidos para serem continuados. São antes, “conhecimentos”, “crenças”, “idéias” que compõem um corpo de saberes específicos ligados a uma prática determinada. É preciso “saber fazer” o maracatu para que alguém seja considerado um “mestre”, como Luiz de França, ou uma “rainha”, como Dona Santa. Ambos se utilizaram de estratégias inversas para atingirem o mesmo objetivo: impedir o maracatu de sair nas ruas sem que houvesse alguém de confiança e em condições para fazê-lo. Aqueles que assim não fizeram, foram obrigados pelas entidades espirituais ao “recolhimento”. No caso do Estrela Brilhante, Joventina foi destinada por “mestre Cangarussu” ao exílio, em companhia de Katarina. No Porto Rico do Oriente, a calunga Dona Inês foi entregue por Maria de Sonia a Roberto Benjamim, provavelmente por “indicação sobrenatural”(ver nota 100).

Dona Santa deixou registrado em estatuto, na Federação Carnavalesca de Recife (COC) que ninguém deveria sucedê-la na hierarquia da nação e que, com sua morte, o acervo do maracatu estaria sob a posse da Federação, mas que seu desejo era doá-lo ao MHN-FJN. Em 1962, entregaram a esse museu os adereços e objetos sagrados da antiga agremiação carnavalesca, fundada em 1800. A estratégia de Dona Santa tinha como alvo garantir que sua missão de tomar conta do Elefante fosse cumprida. Não encontrou sucessor(a) e queria que “recolhessem” o maracatu. Dona Santa assumiu a nação Elefante como uma obrigação, ao substituir seu falecido marido Vitorino, mas não deixou herdeiros possíveis. Decretou um “luto” no museu, garantindo um longo recolhimento e afirmando sua respeitabilidade e autoridade “no santo”.

Quase 20 anos depois, em 1985, Dona Madalena¹⁰⁶ e Cabileira¹⁰⁷ conseguiram a permissão para desfilar e usar o nome da antiga nação que estava no MHN, mas nenhum objeto foi removido do acervo. Dona Madalena se dizia herdeira de Dona Santa e, por isso, conseguiu retirar o nome do maracatu Elefante do museu, mandando fazer outras calungas e colocando a antiga nação novamente nas ruas, dando início a uma polêmica fase da agremiação.

¹⁰⁶Maria Madalena (1900-2002) foi uma reconhecida *yalorixá*, afilhada de Dona Santa e que se dizia sua herdeira. Companheira de Seu Luiz de França e rainha do Leão Coroado até o início dos anos noventa, quando se separa dessa nação e vai em busca de outro maracatu passando pelo Estrela Brilhante e em seguida iniciando a nova fase do maracatu Elefante.

¹⁰⁷ Sei que Cabeleira foi um interlocutor da classe média que ajudou Madalena nas negociações com o maracatu Estrela Brilhante e mais tarde, o Elefante, para retirar o nome do antigo maracatu do MHNE, reerguendo a nação de Dona Santa.

Dona Madalena era uma respeitada *yalorixá*, *afilhada* de Dona Santa, que já tinha sido companheira do mestre Luiz de França e rainha do maracatu Leão Coroado. Ela teve grandes desentendimentos com Seu Luiz e saiu do maracatu Leão Coroado em busca de outra nação. Juntou-se com Cabileira que estava com o maracatu Estrela Brilhante, do falecido Cosme. Concomitantemente à saída do nome da nação Elefante do MHN-FJN, o Instituto de Música de Berlim queria levar um maracatu de baque virado para se apresentar na Alemanha. Devido a confusões e dissidências que envolviam Cabileira, Madalena, Molla¹⁰⁸ e Seu Luiz de França, o maracatu Leão Coroado foi desconsiderado para realizar a viagem. O Estrela Brilhante tinha sido recém vendido por Cabeleira a Lourenço Molla e ainda não estava estruturado para desfilar. Com a retirada do nome do maracatu Elefante do museu, Madalena e Cabileira, acompanhados de diversos carnavalescos e integrantes de outros maracatus, re-organizaram e improvisaram o maracatu mais antigo (1800) para realizar a viagem. Marivalda e Walter, que hoje são os dirigentes do atual Estrela Brilhante de Recife, e que também já tiveram uma passagem pelo Leão Coroado, foram com o Elefante para Alemanha.

A antiga nação Elefante voltou a desfilar no carnaval de 1985. Dona Madalena já era uma senhora de idade, adoentada, quando passou sua coroa (1997), associada à nova fase do maracatu, para a neta, a *yalorixá* Rosinete. Ocorreu, no entanto, um desastre violento no histórico dessa famosa nação. Rosinete foi brutalmente assassinada em 2002 por seu filho adotivo e amante¹⁰⁹ na sede do maracatu Elefante, que também era sua residência.

Com sérios problemas de saúde e abalada pela perda da neta, Madalena faleceu nesse mesmo ano (2002). Contudo, o legado de Dona Santa e sua imperativa restrição dirigida ao maracatu Elefante, possibilita a interpretação de que tais acontecimentos seriam provas concretas

¹⁰⁸ Lourenço Lira Molla era um artista plástico e carnavalesco ligado à Escola de Samba Gigantes do Samba, que, na década de 80, desempenhou um papel de mediação entre sambas, maracatus e políticas estaduais.

¹⁰⁹ “O Elefante era tocado por Rosinete e o companheiro dela, Roberto Pescocinho. Eles resolveram criar um adolescente, um adolescente de rua, e esse rapaz se tornou amante de Rosinete e essa situação obrigou Roberto a se afastar. Ele tentou ficar com o maracatu (...) houve essa discussão e ninguém soube como fazer, inclusive os dois chegaram a me procurar e fizeram uma assembléia e naturalmente Rosinete tinha um carisma muito grande era inclusive da religião e era uma das herdeiras, uma das sucessoras de Dona Madalena no terreiro e aí a comunidade ficou com ela e contra o Roberto. E aí Roberto Pescocinho saiu e foi lá para o subúrbio de Olinda onde foi fundar um outro maracatu, o Nação de Luanda e aí Rosinete tocou um pouco esse maracatu e o rapaz assassinou Rosinete. Dona Madalena era muito respeitada e impunha respeito, mas depois de sua morte, o terreiro ficou destruído, sua família já era de bandidos, algum foi inclusive preso.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006).

de seu poder. As desastrosas conseqüências são associadas à desobediência da grande *madrinha*, que aparece de forma quase mitológica nas atuais narrativas “maracatuzeiras” em Recife. Presenciei, durante a Noite dos Tambores Silenciosos de 2004, uma cerimônia pública de coroação de Mary Pessoa de Mello realizada com apoio da Federação Carnavalesca. Na época, a menina recém coroada tinha 14 anos de idade e já havia assumido o posto desde a morte de Rosinete, dois anos antes. Uma seqüência de *yalorixás* e um assassinato engrandecem, com um tom de “perigo” e “gravidade”, as narrativas sobre desobediências à Dona Santa, a grande *madrinha* de Seu Luiz de França, Eudes Chagas, Madalena, entre outros senhores sacerdotes dos *Xangôs* de Recife.

Seu Luiz de França presenciou a saída do nome do maracatu Elefante do MHN. Além disso, ele já tinha um desentendimento com o “Patrimônio Histórico da Cidade” que realizou obras na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, restaurando a fachada e a arquitetura interna, mas retirando aquilo que Luiz de França julgava o mais essencial e imprescindível: os ossos de seus antepassados. Retiraram o conteúdo de sua ligação com a igreja, que estava ali enterrado. Mexeram em um dos fundamentos da sua “*seita nagô*”. Seu Luiz não queria seu maracatu em um órgão ou instituição que, em nome do que chamam de restauração e preservação, interfere, “sem saber”, em alicerces de sua *Seita* e de maneira “incorreta”. Luiz não queria correr o risco de deixar o Leão Coroado em mãos de homens ou instituições que poderiam inclusive ter recursos financeiros e boa vontade, mas eram ignorantes nos preceitos do maracatu e que definitivamente não saberiam como fazê-lo. Também não queria deixar o maracatu em mãos de colegas da *seita* que saberiam utilizá-lo, mas que não estavam preparados para tamanha responsabilidade, arriscando traírem a devoção e a conduta necessárias. Depois de presenciar diversas experiências anteriores de antigas *nações* de maracatu, só a fogueira salvaria o Leão Coroado e a reputação do mestre Luiz de França. O *oluô*, *afilhado* de Dona Santa, acompanhado do *ifá*, já tinha decidido: os objetos do Leão Coroado iam ser cremados.

A CPF vinha acompanhando as reivindicações que Luiz de França fazia a Katarina Real desde os anos 60, e, nos anos oitenta e noventa, a Roberto Benjamin.¹¹⁰ O Leão Coroado estava

¹¹⁰ “Eu me aproximei de Luiz de França por uma pessoa, Silva Junior, que era um intelectual jornalista quando eu estava trabalhando no Departamento de Cultura da Secretaria de Educação. O secretário me chamou e disse que tinha

passando por grandes dificuldades e saía nas ruas com um número cada vez menor de integrantes. Nos anos noventa, Seu Luiz ainda queria construir uma sede e contava com o auxílio da comadre Katarina. A pesquisadora sentia-se de certa forma devendo ao grande mestre algum auxílio ou benefício concreto, já que o projeto idealizado por eles em 1964 tinha ido por água abaixo. Mantiveram uma grande amizade, que fazia o senhor mestre acompanhar Katarina, trazendo autoridade à sua experiência com os maracatus. Por mais que algumas pessoas quisessem deslegitimar o discurso da “gringa”, que se dizia e se fazia especialista nos maracatus do Recife, ninguém ousaria enfrentar a figura de Luiz de França, “o grande *eluô*”.

O Leão Coroado passava por uma crise, chegando a se ausentar das ruas do carnaval da cidade em 1996¹¹¹. O maracatu parecia estar com os dias contados, preparando-se para ser entregue às chamas. Benjamin sugeriu alguns nomes e, após três ou quatro tentativas fracassadas, resolveu entrar em contato com um *babalorixá* muito respeitado do Bairro de Águas Compridas, em Olinda. Afonso Aguiar foi levado para conhecer Seu Luiz de França, por meio da CPF, em meados dos anos de 1990¹¹² e foi aceito por Luiz de França, assumindo a liderança do maracatu Leão Coroado. Afonso Aguiar argumenta que foi aceito por uma “imposição religiosa.”¹¹³ Foi o jogo de búzios que, depois de consultado inúmeras vezes para dar todas as confirmações, apontou

sido removido pra secretaria um técnico do estado que era da área de engenharia, mas era jornalista e que tava ocioso e ele não sabia a quem entregá-lo até porque havia uma certa resistência em alguns setores de recebê-lo porque ele era como o pessoal costumava dizer nessa época, os preconceituosos né, ele era Xangozero. Aí eu disse ao secretário, nesse caso, se ele é Xangozero, mande para o meu departamento que é lá mesmo que ele vai ficar. Ele foi para o departamento e eu dei trabalho a ele e ele me colocou em contato com algumas figuras da área da cultura da religião afro aqui, inclusive Luiz de França. Eu já tinha conhecido Luiz de França antes, antes da minha aproximação com o Eudes eu tinha estado com Luiz de França.. (...) Mas Luiz era uma pessoa muito difícil né, então eu tive dificuldades depois com Silva Junior nós fizemos uma homenagem a Luiz de França dentro do departamento de cultura, o Eudes já tinha falecido, eu tava sem contatos nessa área, aí eu me aproximei de Luiz de França inclusive Silva Junior chegou a colocar o maracatu na rua (...) antes de Afonso.” (Entrevista BENJAMIN, 2006).

¹¹¹ “O Leão no carnaval de 96 já não tinha saído. Em 95 ele saiu precariamente, porque saiu com poucos batuqueiros atrás do maracatu Elefante. Em 96 por falta de componentes não tinha saído e em 97 foi quando conseguimos reajustar e consegui ajeitar as coisas que tinham por lá, as poucas coisas que tinha, e erguemos o grupo e consegui botar na rua. Ainda com Luiz de França. Foi o último ano que ele saiu.” (Entrevista: Afonso Aguiar, em 10-11-06, no Rio de Janeiro).

¹¹² “Foi o meu primeiro contato com o pessoal do grupo né, ou seja, com o Luiz de França, que na época tava querendo tocar fogo no que restava do Leão... é ele tava querendo tocar fogo porque achava que não tinha encontrado uma pessoa que tomasse conta (...) Através do pessoal da Comissão de Folclore que eles tinham acabado de me conhecer e eram amantes do Luiz de França pode até dizer assim, porque eles gostavam muito, tinham um bom relacionamento e se preocupavam, tinham uma preocupação porque eles mesmos já tinham levado várias pessoas para ver se o Luiz passava o comando e ele não tinha aceito.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006)

¹¹³ “Eu acho que tinha sido por uma imposição religiosa deve ter sido por causa dos *orixás* e dos *eguns* que acharam que ele devia passar para minha mão. Inclusive o pessoal da Comissão diz que nos dias que agente passou junto conversando ele tava fazendo um teste para ver se no caso ele podia mesmo deixar nas minhas mãos” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006).

que o destino do Leão Coroado não seria a fogueira que há tantos anos o ameaçava. Ambos os sacerdotes confirmaram que a transferência deveria ser feita e que o Leão Coroado passaria de Luiz de França para as mãos de Afonso Aguiar.

Roberto Benjamin e Katarina tiveram um papel fundamental na transição dos mestres no Leão Coroado, assim como nos trâmites para a compra do terreno que transferiu o maracatu de um bairro para outro, de uma família para outra e de um *terreiro* para outro. O novo zelador do maracatu foi encontrado pelo representante da CPF em outro distante local, em Olinda. Para auxiliar na transferência de mestres, Roberto Benjamim promoveu algumas reuniões entre Afonso e Luiz de França. Com o auxílio de Katarina Real, que estava em Recife¹¹⁴, e o apoio do Governo do Estado¹¹⁵, conseguiram um prêmio em dinheiro para o antigo mestre do Leão Coroado, com o qual compraram o terreno para o maracatu em 1997, no bairro de Afonso (Águas Compridas, Olinda).

Existia uma relação de extrema confiança entre Luiz de França e a comadre Katarina; e o mestre concordou em depositar o dinheiro do prêmio em uma nova conta aberta exclusivamente para a compra do terreno¹¹⁶, que significava a mudança de zelador, de localidade e das pessoas

¹¹⁴ “E nessa ocasião Katarina estava aqui esteve conosco durante esse episódio. Então já Afonso estava trabalhando com Seu Luiz para dar continuidade ao maracatu e Afonso e o grupo dele localizaram um terreno perto do local onde tem o terreiro lá naquela área no subúrbio de Olinda né. Aí quando foi receber o prêmio, Seu Luiz queria depositar o dinheiro na poupança dele ainda mais a gente sabia que toda vez quando ele fazia isso ainda ele acabava não aplicando esse dinheiro a não ser no carnaval né, e na verdade a gente queria esse dinheiro para pagar, para haver a possibilidade de ter realmente uma sede. E nós tínhamos apalavrado o terreno, quando houve a possibilidade do prêmio nós apalavramos o terreno.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006)

¹¹⁵ “Ariano Suassuna estava na Secretaria de Cultura do Governo do Estado e tinha muita dificuldade de repassar dinheiro para as agremiações populares, com medo do problema da prestação de contas que é sempre uma novela e resolveu instituir um prêmio em dinheiro para os portadores da cultura popular e me convidou como presidente da Comissão para participar da discussão a respeito dos nomes que seriam premiados. E aí ele estava interessado em algumas pessoas que tinham sido informantes dele e eu disse a ele que tudo bem que as pessoas que ele queria dar o prêmio eram pessoas de muito interesse, sobretudo na área de literatura de cordel né, que é a parte de cultura popular tradicional que interessa a Ariano Suassuna. Aí eu disse tem o Luiz de França, o maracatu está há anos dependendo de um terreno, a prefeitura deu um terreno ao maracatu que estava ocupado e Seu Luiz nunca conseguiu desocupar esse terreno e instalar o maracatu. A agremiação tem mais de cem anos e seu Luiz está com noventa e poucos anos, então a gente não pode esperar muito tempo pra resolver isso. E aí Ariano concordou e nós estabelecemos esse prêmio para Seu Luiz e para as outras pessoas que ele queria premiar.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006)

¹¹⁶ “Aí no dia de receber esse cheque eu conversei com Katarina e disse a Katarina, olhe tem um problema. Se Seu Luiz pegar e depositar esse dinheiro na conta dele, nós não vamos poder retirar isso para pagar o terreno. E aí ele concordou, nós abrimos uma conta nova e ele entregou esse cheque a Katarina Real. Eu não quis inclusive receber e achei que era mais prudente, como ele chamava inclusive a Katarina de comadre e tal, tinha uma estrita confiança em Katarina, foi Katarina quem recebeu o cheque da mão de seu Luiz e aí nós preparamos o pagamento do terreno. Que tá

que comporiam a nova configuração da nação, fundada em 1863. Compraram um terreno bem próximo à residência de Afonso Aguiar¹¹⁷. Poucos meses antes do falecimento do último “africano do maracatu”, o Leão Coroado foi transferido de Água Fria, do Córrego do Cotó, local onde morava Seu Luiz, para Águas Compridas, em Beberibe, Olinda. Hoje o maracatu está com Afonso e sua casa também funciona como sede do Leão Coroado. O novo (1997) terreno que já tem 10 anos continua ermo e desabitado. Afonso falou de um novo projeto para angariar fundos para comprarem a casa ao lado desse terreno; assim, a sede seria transferida para essa casa e o terreno poderia ser utilizado para a realização de “ensaios” e “oficinas”.

Afonso nunca tinha sido ligado a nenhum maracatu-nação quando entrou no Leão Coroado, em 1996. Luiz de França ainda acompanhou o maracatu no carnaval de 1997, comparecendo à cerimônia dos Tambores Silenciosos. Nos últimos 10 dias da vida, o *eluô* foi levado por Roberto Benjamin para a casa de Afonso Aguiar que recebeu os ensinamentos de como zelar pelo Leão Coroado que, dali em diante, estaria em suas mãos. Os novos dirigentes do maracatu conseguiram reerguer a visibilidade da nação, promovendo a participação desta em viagens e apresentações. Desde 2001, já passaram por São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Londrina, França, Holanda, Bélgica, Suíça, Espanha e Itália. Como fruto de muito trabalho, conseguiram produzir um CD comemorativo dos 140 anos da nação (2004). Em 2006, foram escolhidos pelo Governo de Pernambuco como patrimônio vivo do estado.¹¹⁸

O principal argumento para a escolha do Leão Coroado como representante das nações de baque virado entre os premiados pela lei estadual do patrimônio vivo foi o fato de ser considerado

lá ainda até agora não foi possível a construção do prédio. Mas Katarina esteve lá e nós colocamos uma placa que inclusive já caiu que o terreno é do Leão Coroado.” (Entrevista: BENJAMIN, 2006)

¹¹⁷ “Não no dia desta reunião, ela (Katarina) não estava, mas quando foi no carnaval ela estava presente e participou inclusive pra comprarmos o terreno que temos hoje que é do Leão ela tava no meio da conversação. Ela foi, ela e Roberto Benjamin foram lá para casa junto com Luiz, onde lá pegaram os *ologuns* e jogaram para saber se o orixá permitia que soltasse, liberasse o dinheiro para comprar. Então foi aceito, os orixás autorizaram e então pegou o dinheiro e comprou o terreno.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006)

¹¹⁸ Lei n.12.196, de 02 de maio de 2002, instituiu no âmbito da administração pública estadual o registro do patrimônio Vivo de Pernambuco -RPV-PE- e de outras providências. (segue lei em anexo). Em fevereiro de 2006, a lei entrou em vigor com a premiação de 12 escolhidos entre artesãos, músicos e grupos de PE: “Ana das Carrancas – artesã; Camarão Sanfoneiro- sanfoneiro; Canhoto da Paraíba – músico e compositor popular; Dila – cordelista e xilógrafo; Lia de Itamaracá- cirandeira; J. Borges – cordelista e xilógrafo; Nuca – artesão ceramista; Manuel Eudócio – artesão; Maracatu Carnavalesco Misto Leão Coroado; Mestre Salustiano – rabequeiro, compositor e mestre de folguedos; Sociedade Musical Curica –banda de música; Zé do Carmo-artesão de cera mista.” (Revista Continente Documento ano IV. N. 43/2006)

“o maracatu mais antigo, pois nenhum museu nunca o acolheu”. A nação Leão Coroado nunca foi “recolhida”, realizou uma passagem, uma transição, sem experimentar grandes períodos de reclusão. Sendo considerada por isso “mais antiga” do que a nação Elefante, cuja data de fundação é 1800, mas que foi destinada ao recolhimento pela famosa e poderosa Dona Santa, só voltando às ruas com Madalena, 15 anos depois. A segunda época do Elefante é tida como uma época difícil e “amaldiçoada”, desenrolando-se até o assassinato de Rosinete seguido da morte de Madalena.

Quando a nação Porto Rico, de Eudes, ganhou o Desfile Oficial, em 1967, Luiz de França retirou o seu maracatu do desfile regido pelas regras da Federação Carnavalesca da cidade. Os grupos ligados ao Desfile Oficial, organizado pela COC, recebem um dinheiro da prefeitura para participarem de um concurso com direito aos prêmios distribuídos para os três primeiros lugares de cada tipo de agremiação (frevo, caboclinhos, blocos, troças, maracatus-nação, maracatus de baque solto, ursos, etc.). Em contrapartida, caso deixem de desfilar por mais de três anos consecutivos, são expropriados, perdendo seus direitos sobre o registro do nome e sobre os objetos do grupo que são automaticamente doados para a Federação Carnavalesca. Ao menos é isso que se ouve nos maracatus de baque solto e virado e caboclinhos de Recife, mas não consegui confirmar esse dado oficialmente.

Seu Luiz não se importava com o Desfile Oficial organizado pela COC e, ainda que precisasse do dinheiro, recusava o auxílio oferecido pela prefeitura, alegando que sua tradição se mantinha independente daquela competição e daqueles jurados “sem saber” sobre maracatu. Segundo Afonso Aguiar, o fato de eles não saírem no Desfile Oficial aumenta a legitimidade e o reconhecimento de que estão “mantendo uma tradição viva.”¹¹⁹ Afonso argumenta que foram escolhidos pela Lei do Patrimônio Vivo devido ao “**respeito pelo nome de Luiz de França**” e ao “**reconhecimento da tradição**”. Com o prêmio, passaram a receber uma mensalidade, que se

¹¹⁹ “O pessoal que estão no poder, mesmo eles ajudando os grupos que não são originais e tal, mas eles sabem né, eles pesquisam, eles têm repórteres que faz pesquisa e tem jornalista (...) que sempre tão informando e por questões políticas eles protegem determinados grupos. **O Desfile Oficial dá dinheiro, mas impõe regras como a ida para algum órgão de patrimônio caso a agremiação deixe de sair as ruas por 3 anos acho, e o Leão não tá aí pra competir com ninguém ele já é**”. (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006)

pretende vitalícia, de 1.500 reais para o grupo¹²⁰. O maracatu Leão Coroado também aprovou um “Ponto de Cultura”¹²¹, recebendo, assim, auxílios variados.

O Leão Coroado não correu o risco de passar o resto de seus dias nas prateleiras de um museu, a exemplo do Elefante, ou no depósito de uma universidade, como o Porto Rico, de Eudes, pois Luiz de França estava decidido a colocar fogo em tudo, caso não encontrasse a pessoa com capacidade de levar suas obrigações adiante.¹²² Afonso Aguiar compartilha da idéia de que os museus seriam como um grande túmulo para os maracatus-nação, pois, segundo ele, “...se recolhe, acaba a tradição”.

“Eu acho o seguinte, **se realmente os museus tomassem conta e preservassem, eu acho que seria o último lugar onde um maracatu devia ir**, uma coisa de tradição né. Mas, eu acho que é melhor assim né arranjar uma pessoa pra levar assim pra frente, que mantenha aquilo vivo do que recolher porque eu acho que **desde que recolhe acaba né a tradição**, morreu, **tá no museu morreu né não tem saída**”
(Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006)

Afonso Aguiar, assim como os outros envolvidos, também toma parte nas disputas por reconhecimento e legitimidade entre os maracatus-nação: “para ser maracatu tem de ter vínculo religioso, seja esse o *nagô* tradicional ou *trançado* com *jurema*”. O Leão Coroado tem uma tradição na qual a figura do “mestre”, do “zelador”, foi historicamente incorporada por representantes masculinos, diferentemente do Elefante que, depois de Vitorino, teve rainhas (Dona

¹²⁰ “Passamos a receber uma mensalidade vitalícia né. Eles botaram 750 reais para pessoas físicas e 1500 para as pessoas jurídicas no caso. Então como pessoa jurídica tem o Leão Coroado e a banda de cuíca que é lá de Goiana. Porque pelo menos o governo tem uma obrigação com você de manter aquilo... Todo mês ele lança lá na conta do Leão esses 1500 reais o que lhes dão suporte para que no decorrer do ano vá aprontando o grupo, vá fazendo.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR; 2006)

¹²¹ O Ponto de Cultura é a ação prioritária do Programa Cultura Viva e articula todas as demais ações do Programa Cultura Viva. Iniciativas desenvolvidas pela sociedade civil, que firmaram convênio com o Ministério da Cultura (MinC), por meio de seleção por editais públicos, tornam-se Ponto de Cultura e fica responsável por articular e impulsionar as ações que já existem nas comunidades. Atualmente, existem mais de 650 Pontos de Cultura espalhados pelo país e, diante do desenvolvimento do Programa, o MinC decidiu criar mecanismos de articulação entre os diversos Pontos, as Redes de Pontos de Cultura e os Pontões de Cultura. (ver site do Ministério da Cultura).

¹²² “Porque a intenção de Luiz era essa se como ele vinha já na batalha de conseguir alguém e não tinha conseguido, ele também achava que o Leão Coroado não poderia ir para o museu, ele preferiria dar fim a tudo. Tava propenso a botar gasolina e botar fim em tudo o sonho dele era esse.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006).

Santa, Madalena, Rosinete) como porta-vozes e detentoras do conhecimento desse “vínculo religioso”.

Dona Santa deixou no imaginário maracatuzeiro a romantização da figura da rainha como personagem de maior importância no contexto do maracatu. O livro de Katarina (2002), entre outras coisas, lembra que muitos reis e mestres também foram pessoas especiais no contexto de alguns maracatus e que não apenas as rainhas ocuparam o foco da cena religiosa.

“Não resta dúvida que Dona Santa foi uma mulher extraordinária, inteligente, bonita, dotada de importantes poderes de liderança, tendo sido por isso queridíssima pela população recifense. Mas impõe-se lembrar que sua fama, quase lendária ainda hoje em dia, mais de trinta anos depois de sua morte, tende a abafar a lembrança de outras figuras notáveis na história dos maracatus. De fato, talvez por causa dela nos últimos anos as rainhas desses grupos vêm assumindo um destaque cada vez maior enquanto que seus reis vêm perdendo seus prestígios quase totalmente.” (REAL; 2002 : 132)

Segundo o novo porta-voz do Leão Coroado (Afonso), um mestre de maracatu tem de **“saber fazer da alfaia ao religioso”**, tem de **“conhecer da religião ao cortejo”**¹²³ ou seja, tem de saber fazer a preparação adequada para o desfile na rua. Tem de alimentar os *eguns* e os *Orixás* e o segredo está na preparação das bonecas, dos antepassados. As bonecas de madeira assim como as pessoas envolvidas na preparação e no desfile são submetidas a cuidados e restrições para que o maracatu possa sair às ruas com proteção. São as calungas que estão no centro do segredo da *“seita”* que articula o “vínculo religioso” entre as “saídas” e os preparativos “feitos” no “terreiro” de cada maracatu.

O Leão Coroado possui duas bonecas, a Princesa Isabel e Dona Clara. Afonso acredita que a calunga Dona Isabel do Leão Coroado é a de fundação e que possivelmente veio feita da

¹²³ “O importante no maracatu-nação Leão Coroado não é ter um mestre mais importante do que todos os outros. Só que os mestres do Leão Coroado até hoje eles são considerados **mestres** e são **aqueles que conhecem da religião ao cortejo**. Até porque às vezes as pessoas no maracatu, feito o caso de seu Luiz mesmo, ele botava alguém para puxar o maracatu, para cantar, mas que o mestre do Leão Coroado era ele. Então por causa disso **ele fazia da alfaia ao religioso**. Então ele conhecia tudo, não é hoje que tem mestre por aí que são mestre do batuque. Então não é mestre de maracatu.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006)

África¹²⁴, trazida por algum parente ou conhecido do pai de Luiz de França. No Leão Coroado, “a autêntica substituta da rainha é a dama do paço”¹²⁵. Dona Isabel é cultuada como um *egum* no terreiro de Afonso, em Águas Compridas. Sobre Dona Clara, Afonso não sabia o que dizer, apenas que era calunga de outro maracatu¹²⁶ e que trazia azar para esse grupo. Ofereceram-na ao Leão e Seu Luiz aceitou.

“Dona Isabel é a calunga tradicional do maracatu e que **para a gente da nossa nação é um *egum***; está certo o que outros maracatus aí, **eles tem como um orixá**, que é totalmente errado. Mas partindo daí, as oferendas são diferentes, e para Dona Isabel as coisas são feitas na maneira de como é a tradição *nagô*. Porque hoje tem várias calungas por aí, uma que o pessoal diz que é Dona Iansã, outra que diz que é Dona Oxum, e o que é errado.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006).

Afonso Aguiar acha possível e natural construir-se um novo maracatu com uma nova calunga, como no caso da experiência de Eudes e Katarina, ou no caso do mestre Pescocinho, ex-marido de Rosinete do maracatu Elefante, que fundou o maracatu-nação Cambinda de Luanda, em Olinda. Essas pessoas prepararam novas calungas com um “xé” (*axê*) específico, ligado a um *terreiro* “que conhece”, que sabe como foi feita para poder dirigir as oferendas e obrigações adequadas e necessárias. Mas enfatiza que não é certo esculpir uma nova boneca que pretende ser a antiga, como no caso do Estrela Brilhante de Marivalda. Segundo o *babalorixá* do Leão Coroado, “cada xé de um terreiro é um xé diferente.”¹²⁷ Nem Afonso Aguiar nem Elda nem

¹²⁴ “A princesa dona Isabel (...) ela já veio feita acho que ela deve ter vindo da África alguma coisa assim porque ela é propícia mesmo a, daquela madeira que os africanos usam, porque aquela madeira é preta. Não é para dizer que é uma coisa assim, fictícia, mas ela é perfeita a boneca do Leão é assim perfeita.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006)

¹²⁵ “No maracatu a substituta autêntica da rainha é a dama do paço. E como a calunga, ela é que ostenta todo o poder, todo o sacrifício é feito em cima dela. Então existe uma certa precaução com a pessoa que a carrega, não é qualquer pessoa que pode conduzi-la. Ou se for uma pessoa jovem, tem de ser de muita confiança do terreiro ou ser uma pessoa que conviva no terreiro e que saiba o que pode causar se usar ela indevidamente” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006)

¹²⁶ “Dona Clara era boneca do maracatu-nação Cambiada Velha e foi doada para o Leão Coroado “dava azar” para o antigo grupo.” (GUERRA PEIXE, 1981: 38)

¹²⁷ “Porque veja bem, como se fala, cada xé de um terreiro é um xé diferente. Então a calunga que fizeram com o poder dela e tá substituindo a calunga do Estrela que tá lá, ela não tem o mesmo preparo que tem aquela, de forma alguma até porque foi preparada por outras pessoas. E acontece muito aquela história de ninguém fazer igual.” (Entrevista: AFONSO AGUIAR, 2006).

Marivalda nem, tampouco, Olga perderiam a oportunidade de maldizer o maracatu alheio, afirmando os seus conhecimentos e a superioridade de suas “*seitas*”.

*

Cap. III - Dona Joventina: a calunga do Estrela Brilhante

Os maracatus-nação promovem intensos diálogos, intersecções, compras, vendas e doações, entre si e entre outras agremiações carnavalescas, como escolas de samba e caboclinhos, possibilitando agrupamentos e reorganizações variadas no decorrer dos anos. Os maracatus misturam-se, passando por diferentes pessoas e lugares, dividem-se podendo ser criadas novas nações e recriados antigos nomes. O nome das antigas e novas nações de maracatu é uma espécie de “bem inalienável” (WEINER,1992), um “patrimônio” fundamental que evoca a “ancestralidade africana”. Ainda assim, os nomes, objetos, práticas e saberes que compõem o maracatu-nação podem ser vendidos, roubados, transferidos, herdados, doados, recolhidos, refeitos e, ao mesmo tempo, continuam se considerando os “mesmos”.

Quem cuida de um maracatu é sempre posto em cheque quanto à densidade de seu conhecimento sobre as práticas litúrgicas adequadas. Certos rituais devem ser executados para que a nação mantenha o “vínculo religioso” obrigatório, sem perder o seu caráter de “saída”, de exposição nas ruas da cidade. Uma verdadeira diversão carnavalesca que exige uma “forma”, uma série de preparos devido ao seu “perigo”. (DOUGLAS, 1976). Assim, um conjunto de práticas e saberes específicos e de difícil acesso constitui a existência e a permanência do “mesmo” maracatu ou do “mesmo” nome que evoca uma origem comum e “africana”. Em conjunto com o nome da nação, os nomes de *eguns*, *orixás*, *mestres* e falecidos sacerdotes são igualmente preparados, evocados e *alimentados* em práticas de segredo.

Atualmente duas nações de maracatu atendem pelo nome de Estrela Brilhante. Uma fica localizada no bairro do Alto José do Pinho, na cidade do Recife e a outra, em Igarassu, município litorâneo dos arredores da capital. Ambas passaram por dificuldades ao longo do século XX. O Estrela Brilhante de Igarassu esteve pouco visível, quase inativo nos anos 80 e apareceu na capital nos anos 90, em parte, graças ao apoio de Roberto Benjamin. Com o auxílio da prefeitura, a CPF promoveu uma coroação pública de Dona Mariú, falecida rainha, mãe de Dona Olga que é a atual dirigente do maracatu Estrela Brilhante de Igarassu.

O Estrela Brilhante do Recife se dissolveu em 1965, sendo retomado por outras pessoas e levado para outras localidades a partir de 1970. A permanente recriação dos antigos maracatus se

dá não apenas pela criação de novas nações, mas, sobretudo, pela transmissão dos “mesmos” nomes a novas pessoas e a novas localidades que se consideram as “mesmas” nações. O argumento bastante ideológico foi sugerido por duas pesquisadoras integrantes do maracatu Estrela Brilhante de Recife, Cristina e Virgínia Barbosa¹²⁸ e discutido pelo professor Carlos Sandroni (SANDRONI, 2001). Esses autores, no entanto, confundem seus pontos de vista com a exegese nativa. Acreditar que se tratam dos “mesmos” maracatus é um argumento explicitamente identitário e não exatamente analítico, pois o que quer dizer “ser os mesmos” e para quem, é bastante variado. Desta forma, situo a hipótese das Barbosa como parte de um discurso nativo cuja intenção principal é a de defender uma continuidade para o Estrela Brilhante de Recife fornecendo uma base histórica para as narrativas da rainha Dona Marivalda e dos integrantes do maracatu do Alto José do Pinho.

Ao contrário, pela lógica de Dona Olga e do maracatu de Igarassu, não apenas o nome, mas as pessoas, as famílias e os lugares influenciam sim na ‘autenticidade’ e legitimidade do grupo. O maracatu Estrela Brilhante de Igarassu permaneceu na mesma família, atravessando gerações desde a sua fundação até hoje. Contudo, o caso de Igarassu parece configurar-se como uma exceção se comparado, hoje, às antigas nações do Recife, como, por exemplo, o Leão Coroado e o Elefante, discutidos no cap. II.

Segundo o discurso exposto pelas Barbosa e pelos integrantes do atual Estrela Brilhante de Recife que está com Dona Marivalda no Alto José do Pinho, o maracatu passou por três épocas associadas a lugares e pessoas distintas. A primeira (1906-1965) remete ao pescador Seu Cosme, que veio de Igarassu para Recife e que foi morar no bairro de Campo Grande, local onde fundou o maracatu. A segunda inicia-se em meio a uma grande crise do Estrela Brilhante que recebe um mandato espiritual para o seu próprio “recolhimento” além da ordem de oferecer a boneca Joventina de presente à pesquisadora estrangeira Katarina Real, que naquela época estava acompanhando os ensaios da nação em Campo Grande.

¹²⁸ A monografia de Cristina Barbosa conta a história da primeira fase desse Estrela Brilhante de Recife em Campo Grande (1906-1968) e a de Virgínia enfatiza a construção da última fase do maracatu no Alto José do Pinho, de 1993 a 2001. A hipótese das jovens pesquisadoras é que apesar de mudarem as pessoas e as localidades, o “legado espiritual e cultural” do maracatu Estrela Brilhante de Recife continua o mesmo.

Nesse meio tempo, as dissidências entre Luiz de França, o mestre do maracatu-nação Leão Coroado, e sua companheira, Maria Madalena, fizeram-na sair desse maracatu à procura de outra nação. Madalena se junta com Cabileira, uma espécie de mediador e interlocutor entre os maracatus e as políticas locais, na década de 60. Juntos (Maria Madalena e Cabileira) levam o maracatu Estrela Brilhante para o Alto do Pascoal (1970-1992). Logo em seguida, conseguem retirar do MHN¹²⁹ o nome do antigo maracatu nação Elefante, da falecida Dona Santa. Vendem por um valor em dinheiro os adereços restantes assim como o direito sobre o nome do Estrela Brilhante para Lourenço Molla, dando início à terceira época desse maracatu, agora em Casa Amarela (1993 e 1994). Molla era um carnavalesco ligado às escolas de samba da região, que se envolve com o Leão Coroado de Seu Luiz e em seguida compra o Estrela Brilhante de Cabileira. Contudo, foi afastado do maracatu Estrela devido a uma briga com o mestre Luiz de França, a qual chegou a instâncias judiciais¹³⁰. Enquanto Molla respondia ao mandato de prisão, o Estrela Brilhante foi para a casa de Marivalda no Alto José do Pinho, onde permanece até hoje (1995-2007).

Recife é uma cidade bastante grande que cresceu muito nos últimos anos. Quando Katarina Real estava acompanhando o maracatu Estrela Brilhante em Campo Grande (1963), não sabia da existência de um homônimo ainda mais antigo em Igarassu. É preciso levar em conta que no início do século XX, quando Cosme veio para Recife (1904), a distância entre as duas cidades era de fato muito maior. Recife e Igarassu compunham universos distintos que quase não mantinham contato e a criação de um novo Estrela Brilhante na capital, não poderia ocasionar maiores conflitos. Hoje Igarassu faz parte do grande Recife. Muitos de seus habitantes trabalham na capital e ambos os maracatus realizam apresentações durante o carnaval, encontrando-se com cada vez mais

¹²⁹ O Maracatu Elefante de Dona Santa foi parar no MHN em 1962 e em 1980 voltou a sair nas ruas, graças ao pedido de Maria Madalena e Cabileira, mas com outros artefatos e vestimentas. Nas palavras nativas o “maracatu saiu do museu”, isso quer dizer que o nome saiu do museu e que ele pode voltar a desfilar nas Ruas do Recife, mas os objetos de uso da rainha Dona Santa assim como as três calungas, permanecem no acervo do MHN-FJN.

¹³⁰ Após inúmeras dissidências entre Molla e Luiz de França, que achava que o primeiro desrespeitava sua autoridade de antigo mestre, Molla aciona uma briga na justiça por conta de fantasias do samba que ele teria emprestado e não dado ao maracatu de Seu Luiz, e que Luiz julgava ser de seu maracatu e não de Molla. Segundo Marivalda no trabalho da Virgínea: “Lourenço Molla, Leão Coroado e Maracatu Elefante acentuaram os desentendimentos sempre recorrentes entre seu Luís e Molla. O maracatu Elefante, diga-se os seus dirigentes, do ponto de vista de Marivalda, não viam com bons olhos a ajuda prestada por Molla ao maracatu de seu Luís, para ela isto se dava principalmente porque “as pessoas que estavam lá, no maracatu Elefante, eram tudo Leão Coroado, e se o Leão voltasse a ser o que era antes, as pessoas iam sair do maracatu (Elefante)”. (Marivalda Maria dos Santos: 07-09-2001) (BARBOSA, Virgínea; 2001).

freqüência. A existência de dois maracatus-nação de nome Estrela Brilhante é, de alguma forma, motivo de piadas, fofocas e trocas de hostilidades em ambos os lados.

Para Katarina, Dona Joentina era a calunga do maracatu de Campo Grande. Ficava guardada e era cultuada no *estado*¹³¹ do falecido Cosme, exposta apenas nas mãos da “dama do paço” durante as saídas. Joentina se misturava ao “espírito avó”, ao “dindinho”, ao “mestre Cangarussu”, um dos “mestres de *catimbó*” do “centro espírita” localizado na casa de Cosme, que também era a sede do maracatu. Em um momento de extrema dificuldade para a nação, que estava sob o comando da viúva Assunção, Katarina foi escolhida pelo “mestre Cangarussu” para ser a guardiã de Joentina. Trinta anos mais tarde resolve trazer de volta a boneca, mas confusa por não reconhecer em nenhum dos dois maracatus Estrelas de hoje a nação que pesquisou, entrega a boneca ao MHN-FJN pontuando sua própria trajetória de pesquisa com esse maracatu.

Para aqueles que são parte da nação Estrela Brilhante de Recife, o maracatu não parou, não acabou, “recolheu”, mas logo voltou às ruas. Marivalda argumenta que seu maracatu é a continuação do Estrela Brilhante de Cosme e que sua Dona Joentina foi re-feita em uma nova escultura que é a *Iansã* protetora de sua nação. No Estrela do Alto José do Pinho, a calunga Joentina aparece ora associada a um “deus-orixá”, que é a própria “Iansã Gigan”, ora ao espírito desencarnado de uma princesa africana, “filha de Iansã”, que é cultuada no *balé* como os *eguns*. Desta forma, o nome de Joentina toma parte em rituais distintos no *centro*, onde é venerada tanto como um *orixá* quanto como um *egum*. Marivalda explica que a boneca deveria ter sido devolvida a ela, pois se considera a verdadeira herdeira do maracatu de Cosme. Na lógica da rainha do Alto José do Pinho, a calunga que hoje está no museu perdeu os *axés* que foram transferidos para a sua Joentina “preparada com aquele amor”.

¹³¹ “Estado é um centro espírita de catimbó e dos mestres.(...) Veludinho, foi ele quem me disse que Assunção teve um estado e ele também me disse que Dona Santa teve um Estado e eu acho também que o Estado é ligado a Jurema. Mas eu acho que essas complicações dessas religiões populares, é um grande pesadelo para o pesquisador. Porque você sabe, temos uma mistura de espiritismo branco, de caboclo, de candomblé, de caboclo, de jurema, dos senhores mestres, de umbanda. E está em plena evolução de dinâmica não é, o que eu encontrei na década de 60, provavelmente hoje... é vai.. e naquela época eu achei esse negócio de seitas africanas tão complicado que você vê no meu livro eu quase não falo disso. Mas hoje em dia, o negócio é muito mais aberto. Mas na minha época tinha estourado o golpe militar e me lembrava que os maracatus eram muito mais perseguidos. Eu tive medo de revelar segredos do povo achando que talvez do ponto de vista da ética eu pudesse estar prejudicando eles. Agora hoje em dia está muito mais aberto...” (Entrevista feita pelas irmãs Barbosa com Katarina Real na CPF, em 1998).

Segundo Dona Olga, Joventina era uma das antigas calungas do maracatu que foi “ou vendida ou roubada” e estava desaparecida há muito tempo. Desconhece detalhes da história, mas argumenta que na década de 60 só existia o seu Estrela Brilhante em Igarassu, portanto, não poderia ser de outro maracatu a boneca trazida pela “gringa”. Não sabe de nenhum Cosme Damião Tavares, pescador da região, e acusa Marivalda de estar à frente de um maracatu cujo nome e uma das calungas são antigos pertences roubados de seus antepassados. A matriarca de Igarassu acredita que a Dona Joventina trazida de terras estrangeiras por Katarina é a sua antiga calunga e que deveria ter sido finalmente restituída ao Estrela Brilhante de Igarassu. Para Olga “mataram o espírito” quando colocaram a boneca no MHN.

O argumento de ambas as senhoras (Marivalda e Olga) apresenta a idéia de que os poderes da boneca foram enfraquecidos ou extinguidos quando guardados por uma instituição e por pessoas que não a conhecem. O museu não saberia fazer as preparações e devoções litúrgicas adequadas para *alimentarem o espírito ancestral* presente na boneca. Ainda que encarada como um “espírito morto” ou “aposentado” ou “sem axé”, Joventina é desejada pelas duas zeladoras dos distintos maracatus de nome Estrela Brilhante. O Museu do Homem do Nordeste, por sua vez, apresenta a calunga Joventina como um “objeto de arte popular” procedente da coleção particular de Katarina Real.

Dona Joventina, roubada ou não, tomava parte nos trabalhos realizados no *estado* de Cosme em Campo Grande, desde o início do século XX até meados de 60 (1905-1965). Segundo a pesquisadora estrangeira, que na época acompanhava os ensaios desse maracatu já sob os cuidados da viúva de Cosme, Dona Assunção, a boneca lhe fora dada de presente por ordens superiores e espirituais. Na casa de Katarina Real, Joventina passa imediatamente a estabelecer e intermediar um outro tipo de vínculo e inevitavelmente é deslocada e reclassificada como um presente especial que confere legitimidade e poder para sua coleção de arte popular particular. Trinta anos mais tarde, Katarina traz a boneca de volta ao Brasil e Joventina é, mais uma vez, reclassificada passando de um objeto da coleção particular para parte da coleção sobre um “homem nordestino” que compõe o acervo do MHN-FJN.

A escultura da boneca de madeira é “enobrecida”, no museu, pela “vida eterna” que o reconhecimento e a valorização em um órgão ligado à construção de um ‘patrimônio cultural’ supostamente poderia lhe conferir. Nas galerias do MHN, Joventina ressaltava mais a experiência da colecionadora que a doou, consagrando a narrativa de Katarina e sua reputação como pesquisadora, do que o antigo maracatu Estrela Brilhante de Campo Grande. Em companhia dos adereços e das calungas do maracatu Elefante de Dona Santa, Joventina também faz falar sobre uma ‘forma de vida’, sobre os homens e mulheres dos maracatus de baque virado, os descendentes de homens pretos integrantes de “nações africanas” ligadas às irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, em um Recife perdido no tempo.

Apresento a seguir as três biografias, coletadas por esta pesquisa, sobre a calunga do maracatu Estrela Brilhante. A primeira narrada por Katarina Real, a segunda, por Marivalda do maracatu Estrela Brilhante de Recife e a terceira, por Dona Olga do maracatu Estrela Brilhante de Igarassu.

*

Dona Joventina: o presente de “mestre Cangarussu” para Katarina Real

Katarina Real veio morar no Rio de Janeiro no início dos anos 60 e freqüentava a cidade do Recife, principalmente no período do carnaval. Tinha o apoio de um Jipe da prefeitura, cedido pelo governador Miguel Arraes, e nesse veículo transitava de uma localidade a outra visitando as sedes das agremiações carnavalescas, clubes e maracatus que compunham seu universo de estudo.

Acompanhou os últimos anos da nação Elefante com a rainha Dona Santa e o mestre Veludinho, deixando muitas fotos da saudosa rainha e do centenário batuqueiro. Com o término da grande dinastia do reinado de Dona Santa no Elefante em 1962, Katarina aproximou-se dos maracatus-nação Estrela Brilhante¹³² e Leão Coroado, e ajudou a transformar a “Troça dos

¹³² “...me especializei no maracatu de Dona Santa até 62 quando ela faleceu. E aí o maracatu acabou. Depois disso passei muito mais tempo com o Estrela Brilhante de Dona Assunção. Naquela época também existia o Maracatu Leão Coroado de Seu Luiz de França meu compadre. Comecei a estudar ele com mais detalhe em 63 depois do falecimento de Dona Santa; havia mais dois maracatus, o Indiano, e a Cambinda Estrela, ambos foram maracatus rurais da Zona da Mata, que vieram para Recife na década de 50 e sob a pressão da Federação foram forçados a virarem

Ciganos” no maracatu Porto Rico do Oriente. Depois do falecimento de Dona Santa e a “ida desse maracatu para o museu” parecia que os maracatus em geral estavam ameaçados e precisavam de olhares e cuidados especiais senão todos acabariam em galerias de museus da cidade.

Katarina Real conheceu a boneca Joventina na sede do Estrela Brilhante, na casa de Assunção, em Campo Grande. Lenira¹³³ era a dama do paço e neta adotiva de Assunção e Cosme, que, com apenas 13 anos, aparecia na sala dançando com Joventina nas mãos. Duas amigas da pesquisadora, uma socióloga e uma advogada, queriam fazer um maracatu. A “folclorista brasileira” convenceu as amigas que seria mais adequado se elas se juntassem a um maracatu já existente e as levou para o Estrela Brilhante. As três mulheres de classe média, uma estrangeira e as outras de Recife, participaram de ensaios dançando no cordão das baianas. Essas mulheres chegaram a fazer parte da nação de maracatu, configurando um quadro bastante incomum no contexto da época¹³⁴. Na década de 60, não havia “novos grupos de maracatu” e nem tão pouco a classe média participava desse tipo de manifestação carnavalesca. Hoje os maracatus-nação fazem a abertura do carnaval oficial de Recife, regidos por Nana Vasconcelos. Também podemos observar, passeando pelas ruas da velha capital, inúmeros novos grupos com diferentes propósitos e procedências variadas tocando e dançando ao som dos bombos do “baque virado”.

Além da etnografia de Katarina Real, encontrei o trabalho realizado pelas irmãs Cristina e Virgínia Barbosa sobre o antigo Estrela Brilhante de Campo Grande. As pesquisadoras, estudantes de música, são ligadas ao Estrela Brilhante do Alto José do Pinho e ajudaram a reestruturar o maracatu a partir de 1993. A etnografia das irmãs busca as histórias sobre o antigo maracatu Estrela de Campo Grande para traçar paralelos e ligações deste com o maracatu do Alto José do

maracatu Nação. Então eles não estavam na tradição legítima do maracatu de baque virado.” (Entrevista: REAL, 1998).

¹³³ Elenilda Flora dos Anjos Costa (Leninha). Afilhada adotiva de Cosme e Dona Assunção, no maracatu desde 5 anos de 1955 até 1965.

¹³⁴ “Havia duas amigas da classe média, da classe rica, que se interessavam muito pelo maracatu, eu estou falando de 63. Essas duas amigas queriam fundar o maracatu delas e disseram o Katarina você nos ensina o maracatu, eu disse, olha muito melhor é vocês se juntarem a um maracatu popular do povo. Então eu levei essas duas doutoras, uma socióloga, a outra advogada, e íamos para os ensaios do Estrela Brilhante. E nós três até dançamos no cordão das baianas. Então participamos ativamente. D. Assunção começou a ter esses graves problemas, com rivalidades, alguém querendo tirar o maracatu dela. E por causa dessas dissidências e brigas essas duas moças da classe média se retiraram. Mas isso foi uma espécie de tentativa de antropologia aplicada. Hoje em dia é interessante que a classe média vai se integrando e se misturando com os maracatus e até fazendo seus próprios maracatus como o Nação Pernambuco.” (Entrevista: REAL, 1998).

Pinho. Querem contar uma história, trazendo coerência para o passado do maracatu de que fazem parte hoje. O argumento das jovens pesquisadoras, permeado pela preocupação em manter e construir uma “identidade”, afirma que apesar de mudarem as pessoas e as localidades, o “legado espiritual e cultural” do maracatu Estrela Brilhante de Recife continua o “mesmo”. Nessa hipótese, o atual Estrela de Recife é visto como a continuação do Estrela de Campo Grande que seria uma dissidência do de Igarassu.

Em “O Folclore no Carnaval de Recife”, Katarina se referiu ao maracatu que estudou em Campo Grande como o “Estrela Brilhante, de Igarassu (fundado em Recife em 1910)”¹³⁵ (REAL, 1967, p. 60). Na época, a autora não tinha o conhecimento de nenhum maracatu em Igarassu e cometeu esse equívoco de nomenclatura, provavelmente porque Cosme, o fundador do Estrela Brilhante de Campo Grande veio deste município litorâneo. No entanto, na medida em que seu livro também serve de referência e de registro de uma outra época para os maracatus de hoje, pode ter ajudado a confundir e a fornecer mais argumentos, acirrando as disputas entre as duas distintas nações de mesmo nome. Assim, foi a própria Katarina Real quem primeiro sugeriu, indiretamente e a partir de um provável equívoco, a hipótese de que havia uma relação entre as pessoas ligadas ao maracatu Estrela de Igarassu e seu homônimo em Campo Grande, Recife. A história sobre o maracatu Estrela Brilhante narrada a seguir se baseia em dados de Katarina Real, de Cristina e de Virgínia Barbosa, acrescidos de minhas próprias anotações e descobertas em campo.

Cosme Damião Tavares (1878-1955) era natural de Igarassu e pescava nos arredores litorâneos (Igarassu - Itapissuma). Com o propósito de negociar peixes, mudou-se para Recife em 1904. Foi morar na comunidade de Campo Grande, na qual ficou conhecido como “Seu Cocó”. Fundou em Recife um maracatu com o mesmo nome do maracatu de que possivelmente participava em Igarassu. Seu Cocó casou-se quatro vezes¹³⁶ e Dona Maria Assunção foi sua última

¹³⁵ “Naquela época eu sabia pouco de Igarassu e essas origens (...) eu soube que o velho Cosme veio de Igarassu e trouxe o Estrela Brilhante de Igarassu lá para 1910; porque eu sempre perguntava quando a agremiação foi fundada e ela me deu a data de 1910, ela também me disse que Joventina foi talhada por esse santeiro em 1905.” (Entrevista: REAL, 1998).

¹³⁶ Com a primeira esposa Josefa (Zefa) teve três filhos: Paralecina, João e José; enviuvou e passou a viver conjugalmente com D. Esmênia, com a qual teve um filho, o Zacarias (Nilo). Sua terceira esposa chamava-se D. Julia, dessa União nasceu Isabel. Enviuvou mais uma vez e casou-se com D. Maria da Assunção (a Dinda), sua última esposa, mais tarde a viúva do finado Cocó. Com Assunção criaram a neta adotiva Lenira, (Elenilda Flora dos Anjos Costa) que desde 5 anos de idade dançava como Dama do Paço com Dona Joventina nas mãos. (BARBOSA, Cristina, 2001).

esposa. Além de dono e fundador do maracatu Estrela Brilhante em Recife, Cosme era um reconhecido líder espiritual na vizinhança. Sua casa também era a sede da agremiação carnavalesca e, nos fundos, mantinha um *estado*. No quartinho dos fundos da casa, mais reservado, ocorriam os trabalhos espirituais do *estado* ou *centro espírita*. As entidades guias desse *estado* eram Mestre Carlos e Mestre Cangarussu. (Cristina Barbosa, 2001). O termo *estado* é apresentado por Katarina Real como um termo nativo e particular para designar esses “cultos de catimbó”, particulares de alguns maracatus como o de Seu Cocó. A etnografia de Cristina também utiliza o termo na medida que seus entrevistados o fazem.

Katarina não conheceu pessoalmente o finado Cosme. Quando iniciou sua relação com esse maracatu, Maria Assunção já estava à frente da nação. Após a morte de Cosme, em 1955, Assunção assume tanto o maracatu quanto a liderança dos trabalhos espirituais do *estado*. Nem o trabalho das irmãs Barbosa¹³⁷, nem esse meu tampouco, contempla a curiosidade de se saber como e em que consistiam tais rituais que aconteciam no *estado* de Seu Cocó. Gostaria, no entanto, de sublinhar o nome dos “mestres do estado”: “Mestre Cangarussu” e “Mestre Carlos”. Mestre Cangarussu era o padrinho do maracatu, também conhecido como o “dindinho”. Ele ocupava a função de fundador, dono do “*conga*”. A designação “dindinho” é o diminutivo de padrinho ou expressão afetuosa para “avô”. Mestre Carlos, por sua vez, foi denominado como o “médico”; seu campo de atuação estava ligado a doenças e perturbações espirituais. (Cristina Barbosa). Dona Joventina saía acompanhando e protegendo o maracatu, mas era cultuada e ficava guardada no *estado* de Cosme. Quanto aos mestres, seus nomes e segredos não eram facilmente revelados. Ao menos não o foram para a pesquisadora estrangeira.

Cristina e Virgínia Barbosa realizaram uma entrevista com Katarina Real em 1997. E para a surpresa da norte americana, mencionaram o nome de tais entidades espirituais. Katarina ao ouvir o nome do Mestre Cangarussu, mostrou-se muito assustada com a tamanha inserção das meninas e com a facilidade com que divulgaram esse conhecimento. Katarina guardou o nome do mestre em segredo por anos e nunca falou disso com ninguém, pois não achava que Assunção iria

¹³⁷ As etnografias das etnomusicólogas são bastante ricas no aspecto “religioso” descrevendo práticas do culto. Enfatizam aspectos litúrgicos e religiosos do maracatu Estrela Brilhante. Principalmente o trabalho de Virgínia B. acompanhou a sequência cerimonial que o maracatu de Marivalda realiza durante o ano para a saída nas ruas do carnaval. A etnografia de ambas as irmãs é bastante rica no que se refere à descrição desses rituais religiosos.

aprovar. Julgava que o nome do “mestre padrinho” que falava pela nação e por Dona Joventina, aquele que possivelmente ordenou que a boneca fosse dada de presente a ela, não deveria ser divulgado e, por isso, nunca tinha dito a ninguém, nem mesmo à FJN, que queria o máximo de informações sobre a boneca já que a partir de 1996, ela passou a fazer parte de seu acervo. Segue o trecho da entrevista que revela tal estranhamento:

“K. R.: Dona Assunção teve um *estado*. Quer dizer o centro espírita lá na casa, não é um terreiro de Xangô. **E Dona Joventina não é um orixá, ela é um dos mestres.**

V. B.: Mestre Cangarussu, ou mestre Carlos?

K. R.: Gangurussu; mas quem lhe contou isso?

V. B.: eu tô pesquisando sobre esse maracatu.

K. R.: Lenira?

V. B.: Lenira e outras pessoas também.

K. R.: mas **acontece eu venho guardando esse segredo há trinta anos eu acho que eu não devia ter contado isso, eu nunca contei a ninguém até o pessoal do Joaquim Nabuco queriam me perguntar eu disse, ela não é um Orixá, mas eu não vou dizer (...), porque eu não sei se Dona Assunção iria aprovar isso...**” (REAL, 1998, registro em VHS-DVD, acervo CPF).

O pequeno confronto entre as pesquisadoras revela o nível de comprometimento e fidelidade que Katarina manteve com alguns dos grupos que estudou além de demonstrar a grande inserção e a seriedade da pesquisa realizada pelas irmãs Barbosa. Para Katarina, o nome do mestre era um segredo que não caberia a ela revelar. Ao mesmo tempo, era esse segredo que nomeava e localizava a entidade responsável pelo fato de uma estrangeira possuir uma boneca de madeira sagrada. Afinal, não era comum e nem sempre bem visto, que uma “gringa” de “classe rica” possuísse uma calunga de maracatu. Cristina e Virgínia, com um propósito diferente, buscaram conhecer, revelar e divulgar aos participantes do Estrela Brilhante de Marivalda suas origens, sentidos e significados. Elas também faziam parte do maracatu e realizaram a pesquisa, dentre outros objetivos, para melhor compreenderem sua própria história, ajudando a trazer coerência às narrativas sobre a “herança cultural” ou o “legado espiritual” que os uniria ao antigo Estrela Brilhante de Cosme Damião Tavares.

Dona Assunção não estava mais conseguindo lidar com as dissidências que ameaçavam seu maracatu. Em um trabalho espiritual no *estado*, um dos mestres, provavelmente o mestre Cangarussu, *baixou* e disse que Assunção já tinha cumprido sua função com o maracatu e que não precisava mais botar o Estrela Brilhante na rua. Disse que tudo poderia ser vendido menos a calunga Joentina, essa deveria ser dada de presente à antropóloga Katarina Real que saberia como protegê-la. O antigo Estrela Brilhante saiu às ruas pela última vez no carnaval 1964. No ano seguinte, Assunção foi à casa de Katarina com um embrulho nas mãos e entregou a boneca. A pesquisadora não achou justo simplesmente receber a calunga do maracatu sem dar nenhum tipo de retribuição que mostrasse sua gratidão pelo novo cargo. Não sendo possível pagar em dinheiro pela calunga, ofereceu pagar os estudos da jovem Lenira que não iria mais dançar com Joentina.

“Abriu e lá estava Dona Joentina e eu disse: mas isso não é possível! Isso não pode estar acontecendo! Essa boneca vale uma fortuna. Ela disse, não o espírito disse a senhora tem de ficar com Dona Joentina e eu não posso pedir um centavo por isso. (...) Então Lenira era uma menina muito inteligente. E ela tava entrando na escola secundária que no Brasil é muito caro vocês sabem muito bem. Eu disse então eu vou aceitar ser a guardiã de D. Joentina, mas será possível nós pagarmos as despesas da menina Lenira na escola secundária? (...) Conversamos e enfim ela concordou. Então eu fiquei com a Joentina durante 30 anos, levei ela para os EUA e pagamos as despesas da educação secundária de Lenira. Isso foi a última vez que vi Assunção.” (REAL, 1998).

Em uma das vindas a Recife (1996), cujo objetivo era atualizar suas informações para a exposição itinerante do museu do Novo México, Katarina trouxe a Boneca para devolvê-la. Mas devolvê-la a quem? Já que na atualidade existem dois maracatus com o mesmo nome, que se dizem os verdadeiros herdeiros da boneca. Katarina trouxe a boneca para devolvê-la ao Brasil, a Pernambuco. Entregou Joentina, em cerimônia solene, ao acervo do MHN-FJN.

*

Além de Katarina Real, da boneca Dona Joventina e do mestre do maracatu Leão Coroado, Seu Luís de França, estavam presentes na mesa da cerimônia de doação da boneca: Dr. Fernando de Mello Freyre (Presidente da FUNDAJ); Dr. Frederico Pernambucano de Mello (Historiador); Dinara Helena Pessoa (Secretária de Cultura da prefeitura do Recife que veio representar o prefeito Jarbas Vasconcelos) e Leda Alves (Assessora que veio representar o governador Miguel Arraes). Dr. Fernando de Mello Freyre apresenta os convidados e passa a palavra a Katarina Real. A pesquisadora, por sua vez, saúda os mestres e rainhas de maracatu que se encontram presentes e passa a palavra a Dona Joventina:

“Eu sou a calunga dona Joventina, do antigo Maracatu Estrela Brilhante (...) Durante muitas décadas, eu saí no carnaval e dancei nas mãos de diversas damas de paço sempre recebendo os aplausos e a admiração do povo pernambucano. Mas foi só em 1961 que cheguei a conhecer a antropóloga Katarina Real, quando ela apareceu na sede da Nação Estrela Brilhante (...) para entrevistar a dona Assunção, que era na época presidente da agremiação e viúva do fundador (...) O Estrela Brilhante saiu nos carnavais de 61 a 64, cada ano com mais dificuldade (...) Em 64, o antigo Estrela Brilhante apresentou-se pela última vez e com muita tristeza nos desfiles carnavalescos na Avenida Conde da Boa Vista (...) Durante muito tempo não vi mais Katarina, mas sei que ela lutou muito para impedir que o Estrela Brilhante acabasse. Num certo dia em 1966, exatamente há trinta anos, dona Assunção me enrolou numa toalha e me levou para o apartamento de Katarina, no 14 andar do Edifício Duarte Coelho, onde havia “A Torre do Frevo”. Ela contou a Katarina que durante uma sessão espírita, lá na casa dela, um mestre baixou para avisar que dona Assunção não precisava mais botar o maracatu na rua; que ela podia vender todas as alfaias da Nação com exceção de mim – a calunga dona Joventina – e que eu teria que ser dada de presente a Katarina...” (REAL, 1996 (vhs-dvd- acervo CPF); um folheto com o discurso: “Dona Joventina: calunga do maracatu Estrela Brilhante”, foi editado em 1997 pelo MHN-FJN).

A boneca na sua mudez fala através de Katarina, ou seria a pesquisadora que se defende das possíveis acusações através da antiga boneca de madeira? Ou será ainda que a pesquisadora e

a boneca mantinham efetivamente uma comunicação sutil? Katarina começa então a narrar uma história como se a boneca a contasse. Quem fala afinal? A boneca fala pela boca e com a lógica de Katarina. Se trocarmos os termos “ela ou Joventina” por “eu ou Katarina” e vice-versa, teremos o “verdadeiro” sujeito da narrativa em discussão. No entanto, a boneca também faz ouvir e ver outras vozes que aparecem nas reivindicações e desejos expressos pelos integrantes dos atuais maracatus de nome Estrela Brilhante como veremos mais adiante.

A relação de Katarina com Dona Joventina e com o maracatu Estrela Brilhante da década de 60 é mediada por uma série de trocas e finalizada por um presente. Um “dom” especial que implicou em uma verdadeira “obrigação” (MAUSS, 2003). Katarina recebeu um presente que não poderia recusar, uma oferta imposta pelo mestre espiritual da nação. Segundo a pesquisadora, foi o “avô” da *nação* quem determinou que ela se tornaria a guardiã de Joventina contra as dissidências e brigas que assolavam a comunidade de Campo Grande e que se agravavam desde a morte de seu Cocó.

Quando Katarina Real recebe Joventina de presente, uma dimensão quase total de sua inserção no universo do Estrela Brilhante fica aparente. A calunga constituía um verdadeiro motivo espiritual e cosmológico para o maracatu. A autora admirava a boneca, mas nunca poderia imaginar que seu próprio destino fosse virar a guardiã da escultura mágica. Por mais que tivesse se empenhado em propiciar condições para a nação continuar saindo às ruas, por exemplo, quando levou suas amigas para os ensaios, ela acabou recebendo um presente que efetivamente impediria que a nação continuasse com seus desfiles espetaculares assim como com seus rituais internos.

Katarina leva Joventina com a missão de protegê-la da destruição e do desaparecimento que sofriam as nações de maracatu na época. A imagem que ela cria em seu discurso é a de que a boneca foi para o exílio e iria esperar até que a situação da “cultura popular”, e em especial dos maracatus, melhorasse. Entre outros motivos, atribui a decadência dos maracatus ao golpe militar de 1964, afirmando que, nesse contexto, o destino de qualquer tipo de associação popular ligado à “comunidades”, parecia bastante incerto. Dona Joventina vai para o exílio tal quais alguns amigos folcloristas, intelectuais e artistas perseguidos como “comunistas”.

“Em 68, a situação dos maracatus nação era péssima! O Maracatu Elefante, da saudosíssima Dona Santa acabara com a morte da grande rainha em 62; o antigo Estrela Brilhante acabou-se em 64; e alguns outros maracatus estavam em condições muito precárias ameaçados de desaparecer.(...) Mas as coisas estavam muito erradas mesmo em 68! Tanto os maracatus nação quanto os maracatus rurais estavam em declínio; a Federação Carnavalesca Pernambucana encontrava-se nas mãos dos “cartolas” que pouco se interessavam pelos problemas do povo carnavalesco; havia uma falta de interesse alarmante pelo folclore pernambucano e pela preservação de nossas tradições regionais; e a situação política ainda pior com o movimento de Cultura Popular totalmente desmantelado e tantos bons amigos brasileiros presos, foragidos e até no exílio. Com muito pesar Katarina e eu deixamos o Brasil em fins de 68, e eu fui para aquele país chamado Estados Unidos, onde ninguém sabe o que é um maracatu, ou uma fanfarra de frevo ou estalido seco da preaca de um caboclinho. Katarina e eu decidimos que eu ficaria por lá, esperando que a situação melhorasse para as tradições populares e para o povo carnavalesco.” (REAL, 1996).

Katarina se tornou guardiã de um ‘patrimônio’ em exílio, cujos sentidos e experiências permaneciam perdidos em um Recife de “homens pretos” de outros carnavais. Em terras distantes, reparou e enfeitou Joventina, confeccionando novas vestimentas e enfeitando-a com jóias¹³⁸. Tanto Zenaide Pedrosa quanto Silvio Botelho, que estiveram nos EUA¹³⁹ visitando Katarina, comentaram informalmente que a antropóloga dava de comer à boneca, cumprindo uma obrigação religiosa, e que sempre conversava com a calunga.

No período de 65 até 96, a boneca apareceu em público três vezes: a primeira foi em 1967, na cerimônia realizada na Câmara dos Vereadores, na ocasião em que a antropóloga recebeu o título de “Cidadã de Recife”. Seu Luiz de França também estava presente, tocaram um baque virado no qual Lenira dançou com a boneca pela última vez. (ver fotos) A segunda foi em 1968,

¹³⁸ “Katarina queria que eu ficasse muito elegante, “numa luxuosidade” que eu bem merecia. Assim ela desmanchou o vestido que usara no baile Municipal de 64, e me fez este vestido bonito; mandou fazer uma capa de veludo com arminho, refez a minha peruca que estava um tanto estragada, colocou brincos de Toledo, na Espanha, em minhas orelhas furadas e me deu algumas jóias para os braços e pescoço” (Real, 1996; doação de Joventina ao MHN).

¹³⁹ Silvio Botelho, Olimpio Bonald e Zenaide Pedrosa estiveram no Novo México, em 1993, a propósito da festa de Santa Fé. Patrocinados pelo Museum of International Folk Art, levaram a Boneca Gigante de 4 m “a Lady Olinda” fabricada por Silvio Botelho e o Prof. Olimpio realizou conferências sobre os bonecos gigantes de Olinda.

no lançamento da primeira edição do livro *O Folclore no Carnaval de Recife*, no Teatro Popular do Nordeste. A terceira vez foi na exposição da coleção Katarina Real de Arte Popular Nordestina em um museu em San Diego, na Califórnia. A pesquisadora, que ficou alguns anos sem freqüentar o carnaval pernambucano, surpreendeu-se, em 1995, com o “ressurgimento, restauração e renovação” de tantas tradições do folclore da região. Empolgada, resolveu trazer de volta a boneca Joentina. Disse que em sonho, Joentina estava lhe pedindo para voltar. Assim, o patrimônio exilado volta à terra natal sendo deslocada da coleção particular da autora para o acervo da instituição que tanto incentivou o trabalho de Katarina no Brasil (MHN-FJN).

“... aqui estou finalmente com meu povo carnavalesco. (...) E aqui serei sempre uma força de resistência cultural contra tudo que possa prejudicar a integridade das nossas tradições carnavalescas. Para terminar, eu preciso lhes dizer porque Katarina não quis, que é com grande sacrifício que ela se separa de mim. Mas ela bem sabe que serei muito bem cuidada neste maravilhoso Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco(...) e vou ficar aguardando sempre com muita alegria as visitas de todo o povo carnavalesco nordestino aqui no museu. Muito obrigada pela atenção, Katarina Real e Dona Joentina.” (REAL, 1996)

Até onde pude constatar, Joentina não costuma ser visitada pelo “povo do seu carnaval”, ao menos pelos integrantes dos dois atuais maracatus Estrelas. Na cerimônia de entrega da calunga, muitos maracatuzeiros estavam presentes. Damas de paço do novo Elefante e do Leão Coroado exibiam suas calungas e os batuqueiros regidos por seu Luiz de França e por Roberto Pescocinho¹⁴⁰ tocaram os bombos do Leão Coroado.

Dona Marivalda foi ao evento, mas estava em período preparatório de “purificação” para sua coroação e manteve-se bastante discreta. Assistiu quieta a cerimônia, sem nada dizer. Foi a única vez que visitou o museu e acha que a boneca deveria ter sido devolvida a ela. Como ainda

¹⁴⁰ Conhecido como Pescocinho, Roberto é o atual mestre do Cambinda de Luanda, maracatu-nação sediado em Olinda e criado após as dissidências que assolaram o Maracatu Elefante nos anos 90. Roberto era mestre do Elefante e marido da rainha yalorixá Rosinete, a herdeira de Madalena (ver cap. III). Antes da morte de Rosinete, Roberto Pescocinho já estava se afastando da nação Elefante.

estava no período de “feitura de seu santo” e não tinha sido coroada, não teve coragem de brigar por Joventina.

Na ocasião, Lenira também apareceu de surpresa: ao ver os anúncios nos jornais sobre a volta de sua antiga calunga, resolveu comparecer à cerimônia. Chegou chorando, dizendo que queria Joventina de volta. Conversou muito com Katarina Real que teve de ser dura e ríspida para lidar com as lágrimas da mulher que reivindicava a sua boneca. Conversaram durante algumas horas e Katarina explicou os motivos que a fizeram decidir pela doação de Joventina ao museu e não a algum dos atuais maracatus Estrelas e nem tampouco à Lenira, pois não achava que ela teria condições de refazer o maracatu. Hoje a antiga dama do paço é uma mulher adulta que trabalha no comércio em Campo Grande.

Katarina passou a boneca a Lenira que dançou com Joventina pela última vez, iniciando a cerimônia de doação da calunga. É notável a discrepância entre essa e a última dança de Joventina em 67, quando a autora recebeu o título de “cidadã do Recife”: naquela ocasião, os tambores soaram enquanto a jovem de 13 anos dançava; em 1996, um silêncio tomou conta do auditório e após um singelo balançar e rodopiar, sem o vibrante som dos tambores, nem tampouco vestimentas e reverências apropriadas, a cerimônia solene e burocrática tomou conta da sala da FJN e Joventina foi oficialmente doada ao acervo da Instituição. Sílvia Brasileiro falou da frieza de Katarina, “típico de uma estrangeira”; se fosse ela a doar a boneca não teria tido a coragem de enfrentar as lágrimas da ex-dama do paço e, possivelmente, teria devolvido a boneca para Lenira. As duas (1967 e 1996) cerimônias em que a ex-dama do paço dançou pela “última vez” com Joventina foram registradas e fazem parte do acervo da CPF (1967- fotos. 1996-VHS).

O remexer na trajetória de Joventina, o evocar de seu nome após as três décadas de exílio, somados a sua viagem de volta a “terra natal” torna possível um encontro com outras narrativas que se manifestam, contrariando a “galega” dos EUA. O maracatu Estrela Brilhante não apenas não deixara de sair às ruas, mas se multiplicara existindo na atualidade duas nações que atendem por esse nome.

Dona Olga do Estrela Brilhante de Igarassu nunca foi ao MHN e me contou essa história de maneira bastante distinta. Para ela, a antropóloga roubou Joventina e, arrependida, veio devolvê-la. Mas achou que era do outro Estrela Brilhante e não quis devolver para Igarassu. Nas palavras de Olga, ela “matou o espírito” ao colocá-lo no museu, “ninguém pode mais tocar e usar o poder dela (da boneca)”. Olga gostaria de ter a boneca, já que reconhece nela sua origem ligada à Igarassu além de atributos mágicos poderosíssimos. Não se recorda de ter visto uma calunga Joventina no seu maracatu, mas sabe pelas histórias que sua mãe Dona Mariú contava que a boneca existiu e que foi roubada. Diz que “Katarina inventou tudo”.

O professor Carlos Sandroni (2001) chama atenção para o fato e para a contradição devido à existência de dois maracatus com o mesmo nome. Argumenta que se a boneca fosse devolvida a um maracatu criaria a dificuldade de saber para qual Estrela Brilhante deveria ocorrer a devolução. No final do texto declara seu desejo de ver Dona Joventina nas mãos de alguma dama do paço, dançando nas ruas do carnaval pernambucano. Com quem deveria ficar a boneca, acredito ser uma das principais questões nativas. Contudo, o destino da calunga Joventina já foi confinado a uma suposta ‘eternidade objetificada’ no Museu do Homem Nordeste. Katarina Real não apenas queria como doou a calunga para o museu, consagrando seu próprio nome e reputação de pesquisadora nessa história. De outro modo, teria “devolvido” Joventina a Lenira, ou a Marivalda ou até a Dona Olga.

O que significa um maracatu ir para o museu? E para quem? É uma das questões que recebem um olhar cuidadoso nesse trabalho. A partir da boneca Joventina e da experiência de Katarina com os maracatus-nação, eu pretendo iluminar diferentes imaginários sobre o que significa um maracatu no museu. Para Katarina, a presença de Joventina no MHN-FJN é justificada pela possibilidade de divulgar, preservar e valorizar a boneca, o maracatu e a sua própria história e inserção nesse universo carnavalesco-religioso. Para os integrantes de um maracatu, ir para o museu significa dizer que a nação “parou”, “recolheu”, “morreu”, “se aposentou”, já que seus desfiles e rituais deixam de existir para que outra forma de vida mais contemplativa fale para um outro público sobre aquele período em que o maracatu saía às ruas.

Nenhuma “calunga” em uso iria para o museu até porque o lugar delas é especialmente ritualizado. A calunga agrega segredos e práticas religiosas do grupo e por isso Joventina é tão desejada e reivindicada pelas pessoas ligadas aos maracatus de nome Estrela Brilhante. Dona Olga gostaria de ter a boneca, pois acha um enorme desperdício e saberia como fazer um bom proveito se o espírito fosse “ressuscitado” ou “solto” do museu. Marivalda, por sua vez, não tem esperanças de ver restituído o bem, mas se julga a legítima herdeira do maracatu e da entidade (“Mestre Cangarussu”) que hoje, de alguma forma distinta, é evocada por sua nova calunga Joventina. Não sabendo exatamente como cultuar a entidade, já que sua tradição religiosa é diferente da que ocorria no *estado* de seu Cosme, recria rituais e seus significados, adequando-os às suas crenças e práticas litúrgicas. O *preparo* realizado para a boneca Joventina no Estrela Brilhante do Alto José do Pinho é re-formulado conforme a realidade e as sabedorias do *centro* de Jorge de Ogunté. Assim, antigos fundamentos vão sendo ressignificados para que a nova boneca Joventina continue a ser cultuada de acordo com a tradição religiosa que sabem fazer.

Nessa trajetória, Joventina vai sendo passada, trocada, roubada, vendida e doada, realizando “deslocamentos” que seguidos de “reclassificações” permitem que ela concentre tamanha polissemia de significados. Joventina aparece nas narrativas contemporâneas ora como um patrimônio exilado, um presente do “mestre Cangarussu” que se tornou patrimônio cultural do MHN, ora como um orixá protetor da nação Estrela do Alto José do Pinho, ora como um antigo totem roubado de Igarassu.

*

Dona Joventina: “Iansã Gigan”, a protetora da nação Estrela Brilhante do Alto José do Pinho

“Dona Joventina, eu tenho aquele compromisso com ela do jeito que ela tem comigo, por ser uma madeira. O nome dela não é dona Joventina é dona Jovelina porque eu fui num lugar e teve um médium que recebeu ela e falou sobre a vida dela, entendeu o que era ela e o nome dela não é Joventina, mas Joventina ficou um apelido, (...) faltou só o nome de dona Erundina que ela ainda não deu eu preciso saber mas ela ainda vai me dizer, **e são duas bonecas vivas, não são mortas**, entendeu, o povo

pensa que são mortas mas não são, essas duas calungas que para muitos não significa nada, (...) **é um orixá vivo. (...)Então essas duas bonecas que estão aí estão vivas, tem vida igual a eu e você. (...) Katarina dizia que era da Oxum,** (se referindo à vestimenta que Katarina colocou na boneca) **mas não é, é Iansã.**” (Entrevista com Marivalda dos Santos, Alto José do Pinho, Recife, 31-03-07).

Marivalda Maria dos Santos sempre morou nas proximidades da comunidade do Alto José do Pinho. Costureira de mão cheia, até os anos 80 participava do “*Gigantes do Samba*”¹⁴¹, nas passarelas durante os desfiles e na confecção das fantasias. No *Gigantes*, conheceu Lourenço Lira Molla¹⁴², artista plástico da escola e responsável pela idealização das vestes e dos carros alegóricos. Molla desde 1986 ajudava o Maracatu Leão Coroado de seu Luís de França, sediado no Córrego do Cotó - Córrego Benedito Tavares de Souza -, nas redondezas do Alto José do Pinho. Nesta época, surge uma viagem para a Alemanha e Molla escolhe o Leão Coroado para representar a cultura pernambucana neste evento. Em face de alguns desentendimentos entre ele e Luís de França, Molla resolve levar o maracatu Elefante, que estava recém “saído do museu”.

Alguns anos mais tarde, Molla volta a ajudar o maracatu de Seu Luiz de França. Marivalda e Walter sempre acompanhavam o carnavalesco e convidaram muitas pessoas do Alto José do Pinho para participarem do maracatu Leão Coroado. Concomitante a essa aproximação do samba com o maracatu da região, Molla fundou outra escola de samba, a *Internacionais do Ritmo*. Desse novo grupo de samba misturado ao maracatu de Seu Luiz participaram pessoas-chave¹⁴³ para a organização do atual maracatu Estrela Brilhante do Alto José do Pinho.

As escolas de samba e os maracatus mantinham e ainda mantêm uma proximidade bastante grande nesses subúrbios recifenses. Suas sedes são localizadas em comunidades vizinhas tornando possível que pessoas participem de ambas as manifestações durante o carnaval¹⁴⁴. Além

¹⁴¹ Escola de Samba cuja sede fica em Água Fria, comunidade vizinha ao Alto José do Pinho.

¹⁴² Lourenço Molla além de manter as atividades com o *Gigantes do Samba*, era presidente-fundador de um grupo que tinha o nome de sua mãe, Grupo Artístico Zilda Molla. Com esse grupo, ele fazia parte de um instituto internacional, sediado na Alemanha, que levava grupos folclóricos pernambucanos para lá. Era uma espécie de “mediador cultural”, ligado a pessoas de influência em Recife. (Barbosa, V 2000)

¹⁴³ Entre essas, a “rainha Marivalda” e o “mestre Walter”.

¹⁴⁴ Como é o caso de Maurício Soares e do falecido costureiro Arnaldo, que junto com Marivalda costurava as ricas vestimentas que compõem a corte desse maracatu-nação.

da promiscuidade profunda entre maracatus e escolas de samba, também os maracatus se misturavam entre si. Marivalda e Walter, por exemplo, vieram de uma tradição de escola de samba e por meio desse interlocutor da classe média, Lourenço Molla, passaram pelo Leão Coroado, em seguida pela nova configuração do Elefante, depois voltaram para o Leão Coroado e finalmente, após a briga judicial entre Molla e Seu Luiz, assumiram o maracatu nação Estrela Brilhante.

Após a dissolução do maracatu de Campo Grande, passaram alguns anos sem que o Estrela Brilhante saísse no carnaval do Recife. No início dos anos 1970, a rainha do Leão Coroado, Maria Madalena, teve um desentendimento com o companheiro Luís de França e afastou-se do grupo. Em busca de um outro maracatu, aliou-se a Cabeleira, que exercia um papel semelhante ao de Molla: alguém com canais junto a autoridades municipais e junto à Federação Carnavalesca, capaz de conseguir subvenções e contatos para apresentações. Juntos, resolveram reconstruir o Estrela Brilhante. Segundo Marivalda, “eles não sabiam cuidar do maracatu”, eles não tinham o conhecimento necessário acerca do “mestre Cangarussu” e das práticas do “estado” de seu Cocó. Também não é certo se detinham alguma calunga¹⁴⁵. Marivalda argumenta que devido a essa falta de conhecimento na época de Cabeleira, foi acumulada uma série de *demandas* que fizeram o maracatu Estrela, nas mãos de Cabeleira e Maria Madalena, decair a ponto de quase parar no início de 1990.

Molla convenceu Cabeleira a vender os objetos e o nome da nação Estrela Brilhante para que ele e um grupo de dissidentes do Leão Coroado, que incluía Walter e Marivalda, e um conjunto com jovens percussionistas de outras regiões da cidade, pudessem reformular o Estrela Brilhante. Segundo Marivalda e de acordo com o argumento das Barbosa, Molla não deveria estar à frente de um maracatu, pois ele não era devidamente ligado à religião do *Xangô* e nem a nenhum tipo de *estado* ou *catimbó* que soubesse fazer os *trabalhos*, acumulando ainda mais *demandas* sobre o maracatu que pretendia reorganizar. Durante os primeiros anos em que o Estrela Brilhante esteve na casa de Molla, ele manteve uma briga judicial contra o renomado babalorixá e mestre do Leão Coroado. (BARBOSA, 2001.) Em 1995, Luiz de França com o apoio massivo de

¹⁴⁵ No artigo de Carlos Sandroni (2001).ele afirma que Madalena e Cabeleira teriam mandado fazer uma Joventina, contudo essa informação deve ser checada mais cautelosamente, pois Marivalda me disse que ela teria mandado fazer suas duas calungas em Campo Grande e nada consta acerca dessa Joventina de Cabeleira na etnografia das irmãs Barbosa. Além disso, também não descobri nada acerca desta possível quarta estatueta durante minha pesquisa.

intelectuais, inclusive o de Katarina Real, ganha a briga na justiça e Lourenço Molla recebe um mandado de prisão.

Em meio às brigas que chegaram à Justiça oficial, envolvendo pessoas¹⁴⁶, escolas de samba¹⁴⁷ e maracatus¹⁴⁸, o novo dono do Estrela Brilhante não poderia mais ficar à frente do maracatu que se preparava para sair no carnaval de 1995. Até então, Lourenço Molla era uma espécie de presidente-administrativo, pois quem organizava e dirigia a “corte do maracatu” e o “batuque” ou “orquestra de bombos” eram respectivamente Marivalda e Walter. Nesse contexto de conflitos jurídicos, a sede do maracatu foi transferida para a casa de Marivalda no Alto José do Pinho que passa a assumir, em parceria com seu *pai de santo* George de Ogunté, as obrigações religiosas para colocar novamente o maracatu Estrela Brilhante na rua.

Há nove anos que Marivalda freqüentava um *centro* (o *Ilê Omyr Ogunté*), do *babalorixá* Jorge José Ribeiro (Jorge de Ogunté). Contudo não tinha nenhum tipo de *obrigação* no *centro*, não era *filha da casa*, não tinha realizado sua *feitura*. Quando se viu com o maracatu em sua casa, tratou de “*fazer o santo*” para que pudesse cultuar devidamente as entidades espirituais e para ser coroada, tornando-se a “legítima” rainha do maracatu Estrela Brilhante.

Uma das condições consideradas pré-requisito é que a rainha de um maracatu, para ser coroada, deve ser uma mulher negra, com vínculos profundos com alguma religião afro-pernambucana, seja esta o “*nagô*” associada aos terreiros chamados de *Xangôs* ou às práticas de *catimbó* também chamados de *jurema*. Não pretendo adentrar por questões religiosas a que não tive acesso e que também não é o objeto dessa pesquisa. Resumindo, pretendo refletir sobre o entrelaçamento do *centro* - com o qual Marivalda mantinha um contato e com o qual, posteriormente, estreitou suas relações espirituais pessoais - com algumas práticas e disputas que estão em jogo entre os maracatus-nação e que envolvem a boneca Joventina.

¹⁴⁶ Principalmente Lourenço Molla e Seu Luiz de França, indiretamente Marivalda e Walter.

¹⁴⁷ *Gigantes do Samba e Internacionais do Ritmo*.

¹⁴⁸ Maracatu-nação Leão Coroado, Maracatu-nação Elefante, Maracatu-nação Estrela Brilhante.

“eu disse meu deus, eu não tenho condições de tá com esse maracatu (...) aí de lá pra cá Deus e os Orixás, na época eu não tinha dinheiro para dar obrigação o maracatu saía com pequenas coisas, aí que eu cuidava , aí que fui cuidar de fazer meu santo, cuidar me organizar e entrar nos preceitos de santo mesmo sério, com compromisso de fazer e viver para o santo mesmo para o orixá, ter aqueles cuidados aquele gosto aquele amor, pronto pra poder chegar onde eu to agora.”(Entrevista: SANTOS, Marivalda dos. 2007).

Não tive uma grande inserção nas práticas religiosas¹⁴⁹ do grupo, estou me retendo aqui a pontuar alguns aspectos que julguei necessários para compreender em que condições Joventina passa a ser cultuada no maracatu do Alto José do Pinho. A partir do que Marivalda me contou e da monografia de Virgínia Barbosa, pretendo realizar uma discussão colocando algumas questões referentes ao trabalho realizado por elas e por Jorge de Ogumté com as calungas da nação. Marivalda mandou fazer suas duas calungas com um santeiro de Campo Grande, que era conhecido de Molla e se lembrava da antiga nação Estrela de seu Cosme e da boneca Joventina levada para os EUA. Assim, o santeiro esculpiu duas bonecas em madeira escura (ébano), Joventina e Erundina.

Marivalda me explicou que o “*culto nagô*”, no *centro*, tem passado por “*cortes*”. Esses cortes podem ser compreendidos como uma justaposição dessas práticas com práticas de outras linhas de “divindades, mestres e caboclos”. Normalmente se diz que estas casas que realizam práticas associadas ao *culto nagô* em conjunto com práticas ligadas ao *catimbó* são chamadas de casas de *nagô traçado*. Segundo Marivalda “eles é que traçam, vão fazendo e vê que dá certo”. Tais práticas distintas são realizadas na mesma casa, mas nunca ao mesmo tempo. Por exemplo, no terreiro de Jorge de Ogumté, ocorrem rituais considerados de *nagô* e outros ligados a “*mestres e*

¹⁴⁹ Com relação às práticas religiosas do grupo, ver as monografias de Cristina e Virgínia (principalmente Virgínia Barbosa, 2001) que acompanharam o processo de feitura do santo da rainha Marivalda. Elas apresentam uma extensa etnografia com os rituais anuais de preparação para o carnaval. As irmãs batuqueiras e etnomusicólogas desse maracatu tiveram uma grande inserção no campo e fazem parte dos jovens percussionistas que ajudaram Molla e Marivalda com o Estrela Brilhante, desde 1993. Descrevem alguns rituais realizados no “centro”: “*O Culto aos antepassados (Egun) (...) no quarto de Balé (Ilé-ibo-aku, Casa dos mortos): um pequeno quarto fora da casa, no terreiro(...)*”; o “*Padé de Exu:Último Ritual para o Maracatu ir à rua*” e a *Obrigação à Iansã e aos Orixás* , assim como “*A obrigação dos caboclos*” realizada na casa de Marivalda. (BARBOSA, 2001).

caboclos”, que são realizados separadamente. Não é exatamente uma mistura de rituais, mas a prática de rituais ligados a linhas de religiosidades distintas que são executadas em diferentes momentos no mesmo espaço físico (o *centro*). Antes de o maracatu sair às ruas, além dos diversos preparativos rituais no centro, Marivalda realiza a “obrigação dos caboclos” na sua casa que também é a sede do maracatu.

Jorge de Ogunté é o sacerdote que iniciou Marivalda¹⁵⁰. Ele define que o “maracatu embora seja uma coisa de carnaval, é uma cerimônia que tem a ver com o *orixá*. “Porque são reisados, são reis e rainhas africanas do panteão africano”. Esse panteão africano seria um “local mítico”, expresso em narrativas e práticas do “povo de santo”. Para ele, Joventina e Erundina são “*eguns*”, foram princesas africanas, antigas *yalorixás*, que são *alimentadas* anualmente no “ritual de balé”, em companhia dos “*antepassados*”¹⁵¹. Joventina e Erundina também tomam parte nas oferendas para os “*orixás*” da casa. Assim, são duplamente evocadas, tanto como “*orixás*”, já que diz que as bonecas têm *assentamento*, quanto no *balé* para os *eguns*¹⁵² (BARBOSA, 2001). Marivalda, no entanto, afirmou enfaticamente que Joventina “é um *Orixá*”.

“...mas é um **orixá vivo** dá recado recebe recado, as coisas tem de ser feitas como ela quer e gosta, para tudo caminhar bem. **Quando eu to com muito problema eu recorro a ela, que ela resolva da maneira dela como ela quiser e como ela puder, para eu poder tomar né com a multidão (...) tomba o povo**, fofoca de um e fofoca de outro, pra ter aquele impulso. (...) então eu tenho aquelas duas calungas, pra muitos

¹⁵⁰Marivalda foi “feita” incumbida com o cargo de “*ekedi de Iemanjá*”. Iemanjá é o *orixá* patrono do “centro”. (BARBOSA, 2001).

¹⁵¹ Além dos nomes de Joventina e de mestre Cangarusse, foram evocados: “Da 1ª época seu Cosmo, dona Assunção, última dirigente do maracatu Estrela Brilhante, viúva de seu Cosmo, e seu Veludinho, antigo batuqueiro do Estrela Brilhante; da segunda época, Dona Madalena e seu Bira, rei do Estrela que praticou suicídio ateando fogo ao próprio corpo dentro do terreiro de dona Maria Madalena; e da terceira época, a irmã de Walter, Jacira, que saía na corte, um tocador de mineiro, chamado, pelo apelido de Maturi, Genival, tocador de tarol e um colaborador que confeccionava os estandartes, chamado Rubens, que era também diretor do clube Abanadores do Arruda, e também outras pessoas de maracatu que direta ou indiretamente tiveram relação com o Estrela, dentre esses nomes estavam os nomes de Rosinete, do Elefante e de Seu Luís de França, do Leão Coroado.” (BARBOSA, 2001)

¹⁵² “Anualmente, elas são ‘alimentadas’ enquanto *eguns*, no Balé (cerimônia para os *eguns*) e seus *orixás* também. Joventina e Erundina são consagradas à Iansã e à Oxum, respectivamente. “A Iansã de Joventina é Oiá Gigan, e a Oxum de Erundina é Oxum Panda.” (Jorge de Ogunté) Ele também nos revelou que elas ‘têm assentamento, o *ibá do santo*’ (BARBOSA, 2001)

aquilo é nada, um pedaço de pau, bota no chão, mas não é não...” (Entrevista: SANTOS, Marivalda dos. 2007).

Ao contrário de Katarina que disse que Joventina “não é um *Orixá*” e sim um dos “*mestres do estado*”, Marivalda afirma que suas duas calungas são “*orixás vivos*”. Por mais que o nome do “*mestre Cangarussu*” apareça no culto aos “*eguns*” em companhia dos nomes de Assunção e Cosme, além de nomes de falecidos do Alto José do Pinho e de outros maracatus, não se pode esquecer o de Joventina, evocada como uma falecida princesa africana, “filha de *Iansã Gigan*”; as bonecas também são cultuadas em outros trabalhos como representantes de “*orixás*”.

Iansã Gigan (Dona Joventina) e *Oxum Panda* (Dona Erundina) são *orixás* que protegem o maracatu Estrela Brilhante de Marivalda. As deusas africanas também são representadas pelas calungas, que podem ser compreendidas duplamente ora como *orixá* ora como *egum*, mas isso não aparece como uma contradição ou como uma questão propriamente dita nem para Jorge nem para Marivalda. A contradição aparece nas acusações dirigidas a eles que afirmam que seguindo a lógica desses “cultos afro-recifenses” existe um entrave, pois os rituais dirigidos aos *eguns* e aos *orixás* são distintos e claramente delimitados. Mas quando se trata de Joventina, algo parece se confundir e se sobrepor. Assim as várias entidades ligadas à boneca (*egum*: mestre Cangarusse e falecida princesa africana “filha de *Iansã*”; *Orixá*: *Iansã Gigan*) são evocadas nos seus devidos momentos.

Quando Katarina veio devolver Joventina, foi à casa de Marivalda conhecer o novo Estrela Brilhante de Recife e convidá-la para a cerimônia de entrega da boneca ao MHN.

“...ela veio aqui perguntar sobre o Estrela Brilhante, eu disse que o Estrela Brilhante já estava aqui comigo. Que já tava no meus poderes que eu era Marivalda e, ela perguntou para mim como é que eu vim parar no Estrela. Aí eu contei para ela que Cabeleira aí Madalena que ela não sabia mais também 20 anos no Estados Unidos. Ela não tava vindo aqui, aí eu falei para ela todos os procedimentos do Estrela Brilhante, que o Estrela Brilhante tinha parado aqui no Alto José do Pinho e estava no meu poder. Ela disse, não porque eu trouxe a Joventina. Aí eu disse para ela é **mais o**

maracatu não acabouse, o maracatu não acabouse, ela (Assunção) disse que não podia botar na rua mais depois botou o maracatu na frente sem a boneca aí eu mandei fazer outra.” (Entrevista: SANTOS, Marivalda dos. 2007).

Marivalda duvida que Katarina realmente pudesse falar com Joventina, diz que para isso, ela teria de freqüentar um *terreiro*, pois apenas um “*espírito*” poderia trazer o seu recado. Não pediu de volta a calunga que nunca possuiu; para ela a boneca que voltou do exílio para o museu, teria perdido os “*axés*” que foram transferidos para sua atual calunga Joventina, uma “verdadeira boneca viva”. Para Marivalda, a Joventina perde os “*axés*” ao ser colocada no museu, pois deixa de ser “*alimentada*” e então “morre a força”. Argumenta que os “*axés*” da antiga boneca de Cosme teriam sido transferidos para a sua boneca, que é anualmente preparada para sair no carnaval. Afirma que o “*axe*” está no Estrela Brilhante, na prática cotidiana de “cumprir as obrigações com amor e dedicação”. Entre outros motivos, como a sua “*feitura*” que ainda não estava terminada e a “fofoca” de que ela e seu maracatu teriam roubado o nome do Estrela Brilhante de Olga, Marivalda não reivindicou publicamente e nem tampouco para Katarina a posse da antiga Joventina.

“Porque não tem uma confusão, de Igarassu, uma história de Igarassu que eu não sei contar. Quando eu fiz a viagem, surgiu um comentário que quem era para ter ido era o Estrela Brilhante de Igarassu, entendeu, mas não foi não porque quem fez o convite foi um amigo meu Tiago que é da Alemanha que mora lá ele é paulistano mas eu conheci ele aqui. Trabalha no museu de Berlim então quando foi ter o tal festival de Hannover (...) ele já veio com meu nome. Aí quando eu voltei, teve uma fofoca que agente tinha roubado o nome, eu não roubei o nome, porque eu peguei o maracatu agora e se o maracatu tem cem anos, eu não posso ter roubado como que eu posso ter roubado o nome? entendeu né? **porque lá em Igarassu, acham que agente roubou o nome do maracatu de lá e fizemos um aqui, mas eu não; não foi eu que fiz o maracatu, eu já encontrei o maracatu pronto. Não tenho nada a ver com isso**”. (Entrevista: SANTOS, Marivalda dos. 2007).

*

Dona Joventina: o “pé de vidro” da boneca roubada

Dona Olga “não sai de rainha”, desfila à frente da orquestra percussiva cantando ou “puxando as toadas”, como costuma dizer. É filha de Dona Mariú, que foi a última rainha do Estrela Brilhante de Igarassu, coroada em cerimônia pública, promovida, em parte, pela CPF no início dos anos 90. Dona Mariú completava 100 anos quando, na entrada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Igarassu, foi coroada com a presença de padres, políticos, representantes da imprensa e pesquisadores, inclusive Katarina Real. Foi a primeira e única vez que Olga viu a pesquisadora estrangeira. A cerimônia foi transmitida pela Rede Globo e depois do acontecimento, a prefeitura da cidade passou a apoiar o grupo financeiramente.

A coroação da senhora que completava um século de vida serviu de vitrine para que olhares se voltassem para o antigo maracatu de Igarassu. Essa visibilidade aproximou ainda mais os maracatus homônimos. O “Traga a Vasilha” teve grande participação nesse processo, pois seus idealizadores são do Estrela Brilhante de Marivalda e se consideram tendo um parentesco com o Estrela Brilhante de Igarassu. Foram os batuqueiros do Estrela de Recife que buscaram uma aproximação com o maracatu de Igarassu, freqüentando o “coco de São João”¹⁵³ e incentivando a ida e a participação de integrantes do maracatu de Olga no “Traga a Vasilha”. Hoje o evento conta com a participação massiva de maracatuzeiros dos dois Estrela Brilhante e do Porto Rico do Oriente, além de turistas, jovens de classe média e alguns representantes de outras nações de maracatu.

Tenho pouco a dizer em relação ao Estrela Brilhante de Igarassu, já que apenas comecei a estabelecer um primeiro contato com eles nesses meses de trabalho em Recife. Realmente tive um acesso mais restrito e conseqüentemente adquirir menos informações acerca da família de Dona Olga e do maracatu de Igarassu. O pai de Olga, de quem sua mãe herdou o maracatu, também

¹⁵³ No nordeste em geral, a festa do São João é o forró e o coco. A capital de PE e redondezas fica repleta de “festas”, de “sambas e batidas de coco”. (ex: coquistas de Amaro Branco, Olinda; Coco de Umbigada, Olinda; Coco de Xambá, Olinda; no interior do Estado, Zé de Tété, Coco Raízes de Arcoverde, entre muitos outros.) O Coco de Dona Olga em Igarassu é uma tradição de família. Começa com uma caminhada com velas até a casa da pessoa que está com a bandeira, em seguida come-se e depois se toca coco com direito à fogueira e ao tradicional “banho” no final.

tinha um “cavalo marinho”¹⁵⁴ e um “coco de São João”. A família hoje mantém apenas o maracatu e a festa para o santo junino que é acompanhada do tradicional “banho” no riacho, que por conta da poluição, tem sido feito no chuveiro existente no quintal da casa.

O maracatu de Igarassu foge bastante “às regras” se comparado às nações do Recife. Não acho, no entanto, que podemos pensar na existência de regras e, sim, de uma arena de disputas variadas que clamam autenticidades baseadas em critérios particulares a cada nação maracatuzeira. O argumento principal da nação de Igarassu é que o “maracatu e o coco” são conhecimentos, saberes que envolvem uma prática familiar passada de geração em geração. Encontrei-me com a senhora algumas vezes no “Traga a Vasilha”, mas demorei bastante até chegar a sua casa no Sítio Histórico de Igarassu. Minhas dificuldades estavam principalmente ligadas à distância e ao transporte. Já me ocupavam demasiado, os afazeres de pesquisa na capital. Tudo o que pude conhecer sobre Dona Olga e seu maracatu foi narrado por ela no “Traga a Vasilha” e em sua residência durante as únicas três visitas que realizei em 2006 e 2007. A primeira foi no São João, 23 e 24 de junho de 2006, a segunda, em julho de 2006, durante a qual gravei uma entrevista, e a terceira foi em março de 2007. Para Olga, essas “tradições festeiras” vão sendo passadas e difundidas no seio da sua própria família.

“vai crescendo e vai nascendo e vai brincando já tocando dançando aí se um morrer, que nem meu pai, meus avô morreu passou para meu pai, meu pai morreu deixou para minha mãe, minha mãe já passou para mim. Aí vai andando tudo família. Aí menina o maracatu nosso que nós temos verdadeiro mesmo da gente é esse nosso. É por isso que muita gente corre atrás das histórias do maracatu, por causa disso, a menina mesmo Marivalda que tem o nome do nosso maracatu. O mesmo nome da boneca da gente ela botou no maracatu dela... a boneca que tá no museu que essa Katarina né pegou” (Entrevista : Olga Santana Batista, Igarassú, 15-07-2006).

Em junho de 2006, fui pela segunda vez ao coco de Olga. Cheguei bem cedo e acompanhada de meus pais¹⁵⁵. Nós acompanhamos a “saída da bandeira” e o cortejo à luz de velas

¹⁵⁴ “O cavalo marinho é uma brincadeira que acontece dentro do conjunto de reisados que acontecem no ciclo natalino, (...) em celebração aos santos católicos (...) as brincadeiras acontecem em meio ao complexo de manifestações culturais que envolvem procissões, jogos, comidas...” (Acseirad, 2002 : 44)

pelas antigas ruas do Sítio Histórico até a casa do “festeiro” do ano. O fato de antes de entrevistá-la ter ido a sua casa com meu pai e minha mãe, com certeza, foi fundamental para o desenrolar da minha relação com a senhora Olga. Quando retornei para realizar a entrevista primeiramente negada, mas em seguida concedida, estabeleci um compromisso mais sério e chegamos até a formalizar juntas um documento por escrito ao final do registro¹⁵⁶. Nas outras visitas¹⁵⁷, Olga perguntou sobre meu futuro e sobre a saúde de meus parentes que ela já tinha conhecido. Inclusive durante a festa de São João, meu pai foi um dos primeiros a ser servido do papelão de “buxada”, preparado especialmente para a ocasião. Por princípio, Olga não concede entrevistas. Não gosta de pesquisadores e gravações por receio de ser enganada. Concordei em realizar apenas uma conversa, na qual eu tomaria notas, mas no momento de iniciarmos as questões, ela se referiu aos meus pais, mudou de idéia e me permitiu a filmagem.

Dona Mariú andava atrás de uma antiga boneca que fora roubada ou vendida, talvez por integrantes da família que “não sabiam” e que estavam precisando de dinheiro. Mariú mantinha, em seus guardados, o “pé” da boneca, a prova da existência e da antiga posse. O “pé de vidro” foi dado de presente à Olga antes da rainha falecer. No entanto, o pé era de vidro e se quebrou. Mesmo despedaçado fora guardado pela matriarca da família. Estranho é pensar que a boneca era de madeira e o “pé” era de vidro. Eu teria de aprofundar a pesquisa junto a Olga em Igarassu e junto aos senhores da Vila Velha deste município, que conheceram ou fizeram parte do maracatu nos tempos de Dona Mariú, para dar conta de qualquer questão que tenha surgido nessa primeira entrevista.

¹⁵⁵ Meus pais foram me visitar durante os festejos de São João, em Recife, e fomos bem cedo para Igarassu ver a “saída da bandeira”, seguida do “coco de São João”. Minha mãe e meu pai têm, respectivamente, 62 e 57 anos e, de algum modo, inspiraram respeito e me situaram como alguém em quem Olga poderia confiar.

¹⁵⁶ Produzimos um termo de compromisso escrito à mão e assinado por nós duas. Discutimos sobre abusos de conhecimento e registros utilizados indevidamente com fins lucrativos e sobre os perigos para ambos os lados, no que se refere a uma ética entre pesquisadores e pesquisados, em pesquisas qualitativas em que se trabalha com pessoas e não com ‘leis da natureza’ e ‘objetos inanimados’. O termo de compromisso: “Termo referente à concessão de entrevista dada por Dona Olga Santana Batista no dia 15-07-06 em sua casa (Igarassu) para a aluna, mestranda do PPGSA-IFCS-UFRJ Clarisse Q. Kubrusly. Os dados adquiridos serão utilizados para a dissertação sem nenhuma intenção de obter lucro financeiro. Ass:...”. Nós pesquisadores devemos discutir sobre algum “código de ética” para pesquisas em ciências sociais que definitivamente não são divulgados ou não existem. Só encontrei código de ética para pesquisas em “ciências exatas e da natureza” que realmente não cabe para o nosso tipo de intromissão na vida particular das pessoas que pretendemos falar sobre.

¹⁵⁷ Para a realização da entrevista, em 15-07-2006; e na segunda quinzena de março de 2007, pela ocasião da exposição: “*Katarina: outros carnavais*” no MHN-FJN, que Dona Olga não assistiu devido ao nosso desencontro.

“A minha mãe era atrás dessa boneca, mas ninguém sabia, eu sei que **minha mãe tinha um pé da boneca**, porque o pezinho era de vidro né, é que meu menino não tá aí senão eu ia mandar buscar pra você vê. **Nós temos a prova né da boneca**. Mãe me deu esse pé, da boneca e disse; oh você tenha cuidado com o diabo do pé dessa boneca, eu, tá mãe. Mas só que aqui em casa é um mexe-mexe aí eu botei ele num isopor junto com outras coisas aí alguém derrubou aí ele quebrou, tu sabe aquele vidro que fica aqueles pedacinhos aí ficou né, aí eu disse vou jogar fora; aí falou não não joga não, bota numa mochilinha aí eu botei numa mochilinha (...) olhe eu não tenho leitura, leitura eu não tenho nada mas inteligência dada por deus eu tenho.” (Entrevista: BATISTA, Olga. 2006.)

Quando Katarina veio devolver Joventina, Zé Fernando, o secretário da CPF, referido por Olga como “doutor Fernandes”, ligou para avisar da devolução. Dona Mariú compreendeu que iriam devolvê-la para Igarassu. Arrumaram-se para receber a boneca e quando chegaram ao local combinado na Dantas Barreto, eles só queriam conversar e disseram que a boneca iria para o museu¹⁵⁸. Muitos maracatus foram convidados para a cerimônia de devolução de Joventina, mas a falecida rainha Mariú e sua filha Olga não compareceram na ocasião.

Segundo Olga, sua mãe dizia que esse maracatu de Cosme não existia. Que nação Estrela Brilhante só tinha mesmo a de Igarassu e que então essa deveria ser a boneca desaparecida. Para Olga, Katarina “inventou tudo”. Além disso, o maracatu de Igarassu ficou bastante sentido ao saber que a pesquisadora estabeleceu anteriormente um contato com o Estrela Brilhante de Recife, que para eles teria “roubado o nome” de sua antiga nação litorânea.

Dona Emilia é a calunga que protege a nação Estrela Brilhante de Igarassu e fica guardada com Olga em sua casa. **“Dona Emília é a dona do grupo né, que comanda tudo, a preta velha”**. Nas palavras de Olga, é Emília quem é convidada a sair nas ruas, no carnaval: “ela é convidada né,

¹⁵⁸ “só sei que agente recebeu aqui o telefonema do doutor Fernandes, pra gente receber essa boneca que vinha com ela, ela vinha entregar a minha mãe. Minha mãe até ficou contente. Ela disse é a gente recebe essa boneca, mas dona Emília não vai sair do lugar dela. Que sumiu a boneca né, a mais velha, e ficou só dona Emília. Pronto. Aí sei que a gente vai receber... se preparamos todinho para ir quando foi na hora ela disse que não ia entregar a boneca e iam colocar no museu, iam colocar no museu (...) a gente não foi no museu, a gente foi na cidade, na Dantas Barreto.” (Entrevista: OLGA BATISTA, 2006.)

ganha o cachê dela e ela vai”. Esta é a boneca “solta”, “viva”, que agencia junto às práticas variadas realizadas na casa de Olga e no “*terreiro de Iemanjá*” que frequenta, localizado na Vila Velha do município. Desconheço por completo qualquer coisa sobre esse “*terreiro*”.

“....Ela (Katarina) colocou no museu aí mãe (Mariú) disse é, deixa para lá, minha mãe, deixa pra lá nós temos Dona Emília fica dona Emilia. Agora se ela (Dona Joventina) viesse saía ela e Dona Emília, saía as duas, mas dona Emília ficava no lugar dela, dona Emília foi coroada também, Emília fica no lugar dela, **mas nossa boneca tá no museu e quem brinca com o nome de nossa boneca é essa menina de lá, Marivalda. Ela (Katarina) falou primeiro com Marivalda pensando que o Estrela Brilhante mais antigo era o dela, mas não era.**” (Entrevista: BATISTA, Olga, 2006.)

Seguindo a lógica de Olga, ao colocarem Joventina no museu, a boneca deixa de “fazer” e fica “que nem um lixo”, o “espírito ali morto”. Para ela, aqueles que hoje dizem estar preservando a boneca, não a conhecem. Não sabem sobre Joventina e, assim, a presença de espíritos em museus seria equivalente à “morte” ou ao “lixo”, pois seus usos e sentidos são transformados, reclassificados sob a ótica de seus novos donos (Katarina Real e o MHN-FJN), ignorantes em relação à “*seita*”.

“Mas só pra gente pegar essa boneca a gente tem de fazer o que? Agente tem de pagar um advogado (...) A boneca quando vai para o museu é porque ninguém quer mais atuar a brincadeira né quer deixar, porque se Dona Emília não brincar mais, se eu quiser colocar ela no museu eu coloco e se eu não quiser ela fica para sempre aqui, guardadinha. Quer dizer que o maracatu morreu, o maracatu morre né; mas o nosso nunca foi pro museu, nunca morreu e sempre foi vivo. (...) aquelas que tão no museu, ali... num tem mais nada, está o espírito ali morto para sempre né. Tá fazendo mais o que? ali preso né, num sai mais pra canto nenhum num tem vida né. Quem tem ela lá não sabe de nada. Tá lá que nem um lixo né, tá preservando pra mostrar o que é antigo e tal mas não tá fazendo nada né.” (Entrevista: BATISTA, Olga, 2006.)

Após 30 anos de exílio, Joventina retorna para o Brasil como parte do acervo do MHN-FJN. No entanto, dois outros maracatus homônimos reivindicam o direito sobre a escultura de madeira. Nessa pesquisa, três argumentos principais são apresentados: o primeiro é dado por Katarina Real, guardiã escolhida pelo “mestre Cangarussu” para cuidar de Dona Joventina. O segundo é apresentado pela rainha Marivalda que “fez tudo de novo” e que trabalhou muito para que o Estrela voltasse a sair às ruas com suas obrigações cumpridas. O terceiro é narrado por Dona Olga, a matriarca do Estrela Brilhante de Igarassu. Ela fala de sua boneca desaparecida, cujo “pé” era de vidro e se quebrou, cujas leis eram de outros e não foram devidamente seguidas e cujo nome - o de seu maracatu - foi roubado e se multiplicou.

As biografias de Joventina falam do MHN, de pessoas e de práticas e também das nações de maracatu, todas de nome Estrela Brilhante. O “museu” e nesse caso, o MHN-FJN, ocupa um papel distinto no imaginário das três senhoras. Em uma cosmologia maracatuzeira, esse seria o último lugar para onde deveria ir um objeto sagrado como uma calunga de maracatu, que é compreendida como um verdadeiro sujeito de ação. Interpretado como o paradeiro final, o museu significa uma “reclusão eterna”, tal como as covas e caixões para os seres humanos. Para Olga e Marivalda, o museu está associado à “morte”. Dona Olga também usa o termo “lixo”, argumentando que a boneca perde uma determinada utilidade “espiritual total”. Já a pesquisadora Katarina Real atribui ao museu um papel educativo, de divulgação de conhecimento e de contemplação estética. Ao colocar a boneca no MHN, pretende valorizar a escultura como um “patrimônio cultural” pernambucano, pontuando a sua própria experiência de pesquisa acerca do maracatu de nome Estrela Brilhante.

*

Considerações Finais

*“A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.”*

Carlos Drummond de Andrade

*

O objetivo desta dissertação consistiu em apresentar uma primeira reflexão do meu “trabalho de campo” sobre a produção etnográfica de Katarina Real com alguns dos maracatus de baque virado, em Recife; com o intuito de realizar um contraponto à visão apresentada pela autora, estabeleci um diálogo com os atuais “maracatus” que mantêm os mesmos nomes e se consideram, de alguma forma, as “mesmas” antigas nações (Estrela Brilhante, Porto Rico do Oriente, Leão Coroado), as quais Katarina pesquisara nas décadas de 60, 70 e 90.

Considerando que as representações etnográficas não são apenas o resultado de uma “observação”, mas, principalmente, de “alianças”, “trocas”, “mediações” estabelecidas entre “etnógrafos” e “nativos”, busquei apresentar parte dessas “negociações” e “contextos” que permitiram uma “real” aproximação entre Katarina Real, a CPF e os maracatus de baque virado em Recife. Katarina Real, Dona Santa, Dona Assunção, Eudes Chagas, Luiz de França, Roberto Benjamin, entre outros interlocutores (pesquisadores e nativos) participaram de discussões,

embates e realizações significativas sobre a “origem” e o “destino” dos maracatus-nação em Pernambuco.

Katarina Real e Roberto Benjamin podem ser pensados como “coleccionadores” da cultura popular de Pernambuco. Ambos receberam *calungas* de presente, o que mostra o envolvimento que mantiveram com as *nações* discutidas nesse trabalho. As “coleções” representam interpretações de formas de vida (“nativas” entre eles) nas categorias de outras formas de vidas (ou seja, na forma de vida do pesquisador). Nesse sentido, as narrativas etnográficas são tanto interpretativas, construídas ou imaginadas quanto textos de literaturas descompromissadas com uma determinada concepção de verdade. Dessa forma, as produções etnográficas falam mais do próprio pesquisador “autor” do que do grupo por ele estudado, como tentei discutir com o caso da boneca Joventina.

A calunga Dona Joventina doada pela pesquisadora despertou minha curiosidade e me fez “entrar no campo” para refletir sobre a relação entre Katarina, o maracatu Estrela Brilhante e o MHN. Nas galerias do museu, a boneca fazia falar mais de Katarina Real do que sobre o antigo maracatu de Campo Grande. No terceiro capítulo, pretendi mostrar como a trajetória biográfica da boneca Joventina é acompanhada por deslocamentos e reclassificações que lhe conferem a riqueza de concentrar possibilidades de crenças, igualmente verdadeiras e válidas; todas direcionadas a um “objeto” específico: uma boneca de madeira.

As “biografias de objetos” podem ajudar a salientar questões que, por ventura, ficam obscurecidas em narrativas oficiais (neste caso a “narrativa oficial” seria a de Katarina que ficou registrada no MHN e nos livros). Contudo, o que é significativo nessas trocas culturais não é o fato de objetos e idéias estranhas serem negociadas e importadas, mas sim, o fato de que tais “importações” são reclassificadas, resignificadas, reestruturadas em seus usos, tornando-se “próprias” do grupo que “faz”, “utiliza” de forma criativa e única a boneca Joventina. (KOPYTOFF, 1986: 67). A existência de dois atuais maracatus com o mesmo nome e que, de maneiras distintas, reivindicam a posse da boneca que está no MHNE complexifica ainda mais a questão. Dona Joventina estabelece diferentes intenções e desejos com os sujeitos envolvidos nas histórias dos maracatus que se denominam Estrela Brilhante. A riqueza das informações sobre a

boneca revelou-se interessante também pela abundância de possibilidades (mestre Cangarusse, Iansã Gigan, ou o totem roubado de Igarassu).

No primeiro capítulo, mostrei como Katarina Real se “auto-coleciona” subjetivamente como especialista no carnaval de Pernambuco. A “autoridade etnográfica” da autora é narrada de modo afetivo, lembrando seus anos de infância quando morou no Rio de Janeiro e em Recife acompanhando seu Pai. Mais tarde, a jovem estudante de artes na Stanford University, por meio da rádio *The University of the air*, estabeleceu contato com o jornalista Luiz Beltrão que foi fundamental para sua aceitação entre a intelectualidade ligada aos estudos do “folclore” em Recife. Seus livros e discursos mantinham um “comprometimento” com o povo que estudava e com o Brasil. Escrevia em português, em linguagem acessível; escrevia para o Brasil, para Recife e não para as academias norte-americanas. Manteve-se distante de instituições universitárias não conseguindo realizar seu doutorado. No entanto, estabeleceu-se como curadora e especialista em “arte folk” brasileira, organizando algumas exposições nos EUA.

As histórias sobre as nações de maracatu de baque virado apresentadas em minha dissertação dizem respeito a uma “família de santo” que tem Dona Santa como *madrinha* e agregados de outros *terreiros* ligados aos maracatus com os quais Katarina Real esteve envolvida em sua experiência etnográfica do carnaval pernambucano. As informações apresentadas por Katarina em suas “etnografias”, livros e exposições, abarcam um período de três décadas (60-90). Durante esses anos, acompanhou a “morte”, a “ressurreição” e a “criação” de muitas nações maracatuzeiras. Katarina Real testemunhou transformações importantes como a formalização da concepção de “patrimônio intangível ou imaterial”, assim como a implementação de políticas e práticas de patrimonização dirigidas aos “bens culturais” no Estado de Pernambuco.

Com a morte de sacerdotes espirituais que “conheciam da *alfaia* ao religioso” e que não deixaram herdeiros, como Dona Santa, mestre Cosme, Eudes Chagas, muitos maracatus foram “destinados ao recolhimento”. A “morte” ou “aposentadoria” de um maracatu gerava um vazio de significado, um sentimento de falta para os que realizavam os cortejos, criando a possibilidade de alternativas, outras vias para matar a “saúde” que os “maracatuzeiros” sentiam do carnaval.

Depois que Dona Santa deixou um documento escrito na federação carnavalesca, afirmando que queria doar o maracatu Elefante para o acervo do MHN, parecia que o destino de todos os maracatus seria as galerias de arte popular ou os museus etnográficos. No entanto, esses objetos, “alienados” ou não, em museus ou exílios distantes, assim como os nomes das antigas nações, das entidades e das pessoas envolvidas (maracatuzeiros e pesquisadores), circulam em um mercado de bens intangíveis, no qual os maracatus repartem seus “patrimônios”, refazem seus antepassados para continuarem saindo nas ruas do Recife.

O segundo capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, mostrei a ligação da autora com o *babalorixá* Eudes Chagas. Juntos fundaram o maracatu Porto Rico do Oriente (1967). Em seguida, expus o desenrolar da história após a morte do Rei Eudes (1979), já com o professor Roberto Benjamin na CPF. As calungas do maracatu foram doadas para a Universidade Federal Rural de Pernambuco, criando conflitos os quais deram origem a duas nações dissidentes que se dizem descendentes do maracatu de Eudes, ambas no bairro do Pina. O Porto Rico do Oriente de Dona Elda, que ficou com o nome da antiga nação, e o maracatu Encanto do Pina, ligado ao *terreiro* do falecido rei cuja herdeira foi a *afilhada* Maria de Sonia que dançava com as boneca no antigo maracatu Porto Rico do Oriente. Na segunda parte, mostrei como Roberto Benjamin, Katarina Real e Luiz de França conseguiram realizar a transferência de zeladores no maracatu Leão Coroado, evitando o destino pré-anunciado nas chamas da fogueira de Xangô.

Esse trabalho de maneira geral sublinhou o papel que os museus ocupam no imaginário maracatuzeiro que associa esta instituição à noção de “morte”, pois “recolhe”, “sem saída”. Por outro lado, o mesmo museu que mata e recolhe, marca e legitima, imortalizando numa “história oficial”. De todo modo, cria um vazio de significado, uma “saúde” nos que deixam de fazer, de preparar para sair às ruas, possibilitando a criação de novas nações refeitas e preparadas por pessoas que dizem “saber fazer”. O museu expropria, aliena aquilo que é palpável, que acaba e que pode ser refeito, mas não aquilo mesmo que é vital e, portanto, permanece na própria noção de *ancestralidade*¹⁵⁹, presente nas práticas e cultos aos *eguns*, *orixás* e *mestres*. A passagem e a

¹⁵⁹ “Ancestral é quem logra inscrever-se de maneira durável na memória dos vivos. É o morto ilustre recordado pelas gerações que desdobra sua descendência. A ancestralidade é uma espécie de eternidade. Não a eternidade dos tempos inesgotáveis, mas a da profundidade genealógica, das raízes que recuam no tempo, para se perderem nas eras da tradição e do mito.” (VOGEL, Arno; Marco Antônio da Silva Mello, José Flávio Pessoa de Barro; 2005:175)

permanência das bonecas no MHN evocam mitologias trazidas pelas atuais narrativas sobre as bonecas de madeira.

A imaterialidade das coisas que permanecem por natureza própria e duradoura como aquilo que se pretende eterno e “inalienável”, como o “ancestral”, não deixa de ser e se refazer no tempo e nas trajetórias de deslocamentos e re-elaborações de “crenças” e “objetos”. O vazio e a “saudade” gerada pelo “recolhimento” criam a alternativa de re-fabricar aquilo que é inalienável, aquilo que, embora se modifique, não deixa de “ser”. Os maracatus estão em um amplo mercado simbólico, sendo passados, vendidos, doados, comprados, roubados por pessoas e lugares, se fazendo em uma espiral que não separa os deuses das pessoas vivas e mortas. Além disso, os próprios pesquisadores e nativos se interpretam mutuamente e se constroem nesse diálogo que é um caminho, arena, onde as poucas pegadas são provas concretas, comprovações empíricas e certas, como o “pé da boneca roubada que era de vidro e se quebrou”.

*

Índice de siglas e abreviaturas usadas no texto:

APL- Academia Pernambucana de Letras

CDFB- Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

CNFL- Comissão Nacional de Folclore

COC- Comissão Organizadora do Carnaval

CPF- Comissão Pernambucana de Folclore

EUA- Estados Unidos da América do Norte

FC- Federação Carnavalesca

FJN - Fundação Joaquim Nabuco

FUNDAJ- Fundação Joaquim Nabuco antigo (IJN)

IFCS- Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

IJN- Instituto Joaquim Nabuco

INSR- Igreja de Nossa Senhora do Rosário

MHNE- Museu do Homem do Nordeste

PE- Estado de Pernambuco

PPGSA- Programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia

RJ- Estado do Rio de Janeiro

UNC-CH- University of North Califórnia- Chapel Hill.

UFPE- Universidade Federal de Pernambuco

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

Glossário: *Da seita e do maracatu de nação.*

(obs: Para a composição desse Glossário, além de minhas próprias explicações, foram consultadas principalmente as seguintes obras: BARROS, José Flávio Pessoa de, 1999. CASCUDO, Luís da Câmara, 1972. MAGGIE, Yvonne, 2001. PRANDI, Reginaldo, 2004; VOGEL, Arno; Marco Antônio da Silva Mello, José Flávio Pessoa de Barro; 2005.).

A

Africano- descendência africana, traços afro-descendentes, quando dizem que uma boneca recém feita é africana, querem evocar o ancestral que ela representa trazendo autenticidade e coerência ao discurso nativo que se pensa como descendente de africano.

Amassis- “ Abluções rituais ou banhos purificatórios feitos com líquido resultante da maceração de folhas frescas. Entram geralmente na sua composição as folhas votivas do òrisá do chefe do terreiro do iniciando e as assim chamadas “folhas de nação” vd.” (V. M. B. 2005 : 129).

Assentamento- “Objetos ou elementos da natureza(pedra, árvore, etc) cuja substância e configuração abrigam a força dinâmica de uma divindade. Consagrados, são depositados em recintos apropriados de uma casa-de-santo. A centralidade do conjunto é dada por um *òtá*, pedra-fetichê do òrisá.” (V. M. B., 2005 : 192).

Axé- “ Do *iorubá àse*, *força* dinâmica das divindades, poder de realização, objetos em locais sagrados, elementos da natureza (...) “ (Pessoa de Barros, 1999 :236). “Termo de múltiplas acepções no universo dos cultos: designa principalmente o poder e a força vital. Além disso, refere-se ao local sagrado da função do terreiro, tanto quanto a determinadas porções dos animais sacrificais, bem como ao lugar de recolhimento dos *neófitos* (vd. *runkó*) É usado ainda para designar na sua totalidade a casa-de-santo e sua linhagem” (V. M. B., 2005 : 192)

Axêxê - cerimônia de enterro de mortos.

B

Babalorixá- “Sacerdote chefe de uma casa-de-santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É o mediador por excelência entre o homem e o òrisá. O equivalente feminino é denominado *yalorixá*. Na linguagem popular são consagrados os termos pai e mãe-de-santo.” (V. M. B., 2005 : 193)

Banho- vd. *Amassis*.

Baque: batida sonora, musicalidade percussiva que designa o “toque” dos maracatus: **“baque virado”**: é o tipo de toque de bombos (tambores também conhecidos como alfaias), que acompanhados de gongé (uma grande campânula de ferro), taról (caixa) e mineiro (chocalho de metal) realizam a sonoridade particular e “virada” dos maracatus nação. O **“baque solto”** é executado pelo “terno” (pequena orquestra de percussão e metais: bombinho, tarol, mineiro e agongê duplo; trompetes e trombones que fazem soar o baque solto entre as exibições de uma tradição de poesia improvisada típica da Zona da Mata Norte de PE).

Boneca- vd. Calunga.

C

Calunga- cemitério, morto, *egum*, *ancestral*. Conhecida simplesmente como boneca, nos maracatus nação são as bonecas esculpidas em madeira escura e sobre as quais são atribuídos poderes mágico-religiosos. Desfilam nas cortes dos maracatus carregadas pela “dama do paço”. Segundo Câmara Cascudo: *“Nos maracatus do Recife, as calungas são duas bonecas, (às vezes uma única) Dom Henrique e Dona Clara que vão nas mãos dançantes das negras...”* (CASCUDO;1972 : 230). Cascudo nomeia apenas a calunga Dom Henrique da “nação Elefante” e Dona Clara que pertencia ao “maracatu Cambinda Velha” e hoje se encontra na “nação Leão Coroado”. Segundo Mário de Andrade: *“ Figura de grande importância técnica nos bailados dos maracatus, (...) é a Dama do Passo. (...) A Dama do passo tem como obrigação carregar uma boneca de sexo feminino ricamente enfeitada(...)ídolo, feitiço e apenas objeto de excitação mística, e ainda símbolo político religioso de reis-deuses: como a sua nomenclatura, o seu conceito também não está e nem nunca esteve perfeitamente delimitado dentro da mentalidade negra.”* (ANDRADE; 1959 : 131-154); e para Guerra Peixe: *“Entre as acepções publicadas sobre a calunga, é conhecida a explicada por Mário de Andrade, revelando os significados de “senhor”, “chefe”, ‘grande”. Engana-se, porém, quando afirma que a calunga dos maracatus nunca é um boneco de qualquer sexuação e sim fixamente do sexo feminino (...) As calungas podem ser de um e de outro sexo. A referência na voz popular, porém, é mais comum no feminino: “a calunga Dom Luiz” expressão tantas vezes por nós ouvida.”* (GUERRA PEIXE, 1981 : 38). Para maiores informações sobre algumas calungas particulares, ver Guerra Peixe.

Caboclos - “Espíritos ancestrais cultuados nos candomblés de angola, de caboclos e na umbanda. São representados, geralmente, como índios do Brasil ou de terreiros da África mítica.” (V. M. B., 2005 : 193)

Candomblés- “Designação genérica dos cultos afro-brasileiros. Costumam no entanto, distinguir-se pelas suas designações regionais: *candomblés* (leste- setentrional, especialmente Bahia), *xangôs* (nordeste oriental especialmente Pernambuco), *tambores* (nordeste ocidental, especialmente São Luiz do maranhão), *candomblés de caboclo* (faixa litorânea da Bahia ao maranhão), *catimbós* (nordeste), *batuques ou paras* (região meridional, Rio Grande do sul, Santa Catarina e Paraná), *macumba* (Rio de Janeiro e São Paulo).” (V. M. B., 2005 :194)

Catimbó- Centro espírita de Catimbó. vd. *Candomblé*.

Centro- vd. *Candomblé*. Vd. *Terreiro*

D

Dama do paço- Personagem que dança carregando a calunga do maracatu durante o cortejo. Vd. Calunga.

Demanda- Diz-se vencer demanda. É uma batalha entre orixás ou entre eguns e médiuns. Implica em um duelo que hierarquiza. “Guerra de *orixá*, batalha ou briga de *santo*.” (M, 2001: p.143).

E

Estado- (Estado de catimbó ou centro espírita) vd. *Candomblé*.

Egum- Nome para os espírito dos mortos, desencarnados. No maracatu também é chamando de *egum* o espírito do ancestral da nação presente em *assentamentos* do *terreiro* ou nas *calungas*.

Exu- (Èsú)- “Primogênito da criação. Também conhecido como Elégbára (jeje) é popularmente referido como compadre ou homem-de-rua. Susceptível, irritadiço, violento, malicioso, vaidoso e grosseiro. Dizem que provoca as calamidades públicas e privadas, os desentendimentos e as brigas. Mensageiro dos òrisá e portador das oferendas. Guardião dos mercados, templos, casas e cidades. Ensinou aos homens a arte divinatória. Costuma-se sincretizá-lo com o Diabo. Ocorre tanto em representações masculinas e femininas Nas casas angola é bombogira; nas casas angola-congo é (Exúlonã). Na umbanda tem múltiplas personagens entre elas, pombagira. Suas cores são vermelho e o preto. Saudação – “laró-ye!”” (V. M. B., 2005 :195).

Encantados- “...caboclos mestres e outras entidades conhecidos nas religiões afro-brasileiras pelo nome genérico de encantados, concebidos como espíritos de homens e mulheres que morreram ou então passaram diretamente deste mundo para um outro mundo mítico, invisível, sem ter conhecido a experiência de morrer: diz-se que se encantaram. No universo plural das religiões afro-brasileiras, ou afro-indio-brasileiras, essas entidades constituem o panteão especialmente

brasileiro, justaposto ao panteão de origem africana formado pelos orixás iorubanos, vuduns jejes e inquices bantos. Dos cultos aos encantados, certamente a umbanda é o mais conhecido..” (PRANDI, 2004 :7)

Eke-di- (*equede*) – “Cargo honorífico circunscritos às mulheres que servem os òrisá, sem entretanto, serem por eles possuídos. É o equivalente feminino de ogã.” (V. M. B., 2005 : p.195)

F

Feito- “O mesmo que *adóssúu* e *iaô*” (V. M.B., 2005 :195)

Feitura- “Processo de iniciação que implica em reclusão, catulagem, raspagem, pintura, instrução esotérica, imposição do vd. *osúu* e apresentação pública. vd. *òrúko*” (V. M.B., 2005 : p.195)

Filho-de santo – “Diz-se de todo aquele que é *afilhado* ao candomblé”. (vd Povo do santo). (V. M. B., 2005 : 195).

I

Iansã- (*Iyaànsan*) em alguns centros também conhecida como *Oiá* -“Divindade das tempestades e do Rio Neger, mulher de Ogum, e, depois, de *Sòngó*. Relacionada com os vendavais, os raios e os trovões. Sincretizada com Santa Bárbara. Seu dia de semana é a quarta feira. Suas insígnias são a espada e o espanta moscas de crinas de cavalo. Suas cores são vermelho escuro e marrom. Considerada mãe dos *egum*, que é a única a dominar. – Saudação – “*Eparrei*”. (V.M.B, 2005:197).

Iansã Gigan- Iansã Protetora do Maracatu Estrela Brilhante do Alto José do Pinho. Orixá representado por Dona Joventina a calunga “ancestral” da nação.

Iemanjá- “Orixá dos rios, especialmente do rio Ògun, na África. Filha de *Oxalá* e *Olocum* (Deusa do mar). Casada com *Oraniã* e algumas vezes considerada como esposa de *Oxalá*. Usa o *abebé* (leque) prateado. Seu dia é sábado. Seus colares são de contas brancas transparentes. Seu nome significa em ioruba, mãe dos peixinhos. Saudação, *Odoiá!*” (BARROS, 1999 : 237)

Ilé- vd *terreiro*, vd. *candomblé*

Ifá- “Deus dos oráculos e da adivinhação. Senhor do destino. Há quem afirme ser sua representação a cabeça envolvida por uma trama de fios de búzios. Sua cor é o branco. Seu dia é a quinta feira. Conhecido também como Òrúmilá, ‘somente-o-céu-sabe-quem-será-salvo’ . saudação – “*Eèpààbàbà!*”(V. M.B., 2005 : 196)

J

Jurema – Em Pernambuco o termo designa os cultos conhecidos como *umbanda*, *catimbó*, ou *candomblé de caboclo*. vd Candomblé. Também é o nome de uma entidade espiritual: a Cabocla Jurema e de uma folha com a qual se prepara uma bebida ritual utilizada em alguns cultos de caboclo. “Mata. Local dedicado aos caboclos” (M, 2001 : 147).

L

Luto- Recolhimento, resguardo: período em que o maracatu deixa de sair nas ruas

Livro da seita- Neste trabalho se refere ao caderno de anotações de Luiz de França emprestado à Katarina real. No caderno continha anotações com as diversas possibilidades dos odôs no jogo do *ifá*. vd *Babalaô (oluô)* vd. odos (odus). Vd. *òpelé*. Vd. *Ifá*. vd:(Real, 2001: 60).

M

Mãe-de-santo- vd. *Babalorixá*.

Maracatu- Os “**maracatus nação**” ou maracatus de “baque virado” também referidos como “nações africanas” são uma manifestação carnavalesca da cidade do Recife que tem como mito de origem as Instituições dos Reis do Congo ou Instituições Mestras, associada às Irmandades que prestavam assistência aos negros nos bairros portuários do Recife antigo (Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos bairros de Santo Antônio e São José). As narrativas históricas sobre os *terreiros* e “afro-descendentes” em Recife se remetem ao Mercado São José, ao Pátio do Terço e às casas dos sacerdotes da “seita” e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Atualmente as nações de maracatu realizam suas “saídas” (desfiles nas ruas) com uma grandiosa Corte Real (personagens: Rei, Rainha, Princesa, Dama do Paço, Calungas, Baianas Ricas, Vassalos, Caboclos de Lança ou Reiamar, Escravos e Catirinas ou Baianas etc.) De suas “sedes” e *terreiros* saem para as ruas acompanhados do soar de um intenso “baque virado” executado por um conjunto musical percussivo.(instrumentos: alfaias ou bombos, gonguê, caixas, mineiros e abes). Ostentam seus vínculos com alguma religião “afro” de Recife (o *Xangô*, *Catimbó* e *Jurema*) e se dizem “nações” devido à alegada descendência “africana”. “**maracatu de baque solto**”, Segundo Siba Veloso, mestre do maracatu Estrela Brilhante de Nazaré da Mata: “Maracatu de baque solto é uma tradição popular da região da Zona da Mata Norte de Pernambuco que representa uma nação guerreira em movimento. Entre vários personagens, o Caboclo de Lança se destaca como sua principal marca visual, seu “chapéu” (longa cabeleira colorida), o “surrão” (chocalhos de ferro nas costas), a “lança” pontuda e a “manta” colorida bordada em lantejoulas

que veste sobre o corpo. Realizam movimentos coreográficos embalados pelo ritmo do "terno" (a pequena orquestra de percussão e metais). Nos meses que antecedem o carnaval acontecem os “ensaios” e as “sambadas” nas quais ocorrem as disputas entre poetas de dois grupos rivais onde a poesia rimada é o ponto central das atenções e uma de suas particularidades mais marcantes” (Siba, 2007)

Maracatuzeiros- integrantes de nações de maracatus em geral. Os que tocam são batuqueiros e a corte real que sai dançando em cortejo.

Mestre- O termo serve para designar um espírito mestre do estado de catimbó ou uma pessoa viva, um “mestre do Povo”. No segundo caso, os “mestres” são “personalidades” individualizadas que falam por um determinado coletivo, são pessoas detentoras de saberes específicos, são as autoridades dos conhecimentos e dos segredos dessas “artes” e “folguedos” do que se denomina “folclore” ou “cultura popular”. Também designa o título que se adquire quando se defende uma dissertação de mestrado.

Mestre do estado- Espíritos mestres do Estado de *Catimbó*. Neste trabalho Mestre Carlos e Mestre Cangarussu eram os mestres guias do estado de Cosme Damião Tavares no estrela brilhante de campo grande até meados de 60.

N

Nação- (maracatu de **nação** ou de baque virado, ou *nação africana*); “nação” é categoria denominativa que sublinha a descendência que os ligam à nações africanas, à terreiros que são descendentes de nações e povos na África. O nome Maracatu de nação também os distingue dos maracatus de trombone, de baque solto ou rurais que na maioria das vezes, não são ligados à nações de candomblé e sim a terreiros de *Catimbó* e *Jurema*.

Nação – “Designa no Brasil, os grupos que cultuam divindades provenientes da mesma etnia africana, ou do mesmo subgrupo étnico. São exemplos do primeiro caso as “nações” congo, angola, jeje, ao passo que o segundo caso que o segundo caso é ilustrado por *ketú*, *ijes*, *òió* correspondentes ao subgrupo da etnia nagô. Trata-se na verdade, de categorias abrangentes às quais se reduziriam as múltiplas etnias que o tráfico negreiro fez representadas no país. O termo tem servido para circunscrever os traços diacríticos através dos quais se revela um mundo caracterizado por um notável conjunto de elementos comuns. Tem servido, além disso, para hierarquizar esse universo em termos de maior ou menor “pureza” atribuída a cada “nação” em virtude de uma suposta fidelidade e autenticidade litúrgicas.” (V. M.B., 2005 : 198).

“As nações expressam as idéias que cada grupo tem sobre as origens africanas desta região. Dependendo da nação, os rituais apresentam diferenças. São sete as nações do candomblé” queto, angola, omolocó, jeje, nagô, cambinda e guiné.” (M., 2001: 149).

Nagô- vd. Nação.

O

Obá- “terceira mulher de *Sòngò*, oba é a deusa nigeriana do Rio do mesmo nome. Muitas vezes confundida com *iyánsan*, pois, além de casada com *Sòngò* usa também espada de cobre. Na outra mão leva, seja um escudo, seja um leque com o qual esconde uma de suas orelhas em lembrança do episódio mítico que deu margem a sua rivalidade com *Osún* No Brasil é sincretizada com Santa Catarina e Satna Joana d’Arc. Seu dia é quarta feira. Seus colares são de contas alternadamente amarelas e vermelhas de tonalidade leitosa. É saudada com “ obachireê!” (V.M.B., 2005:198-199).

Obrigação- (ebó)- “Termo que designa, genericamente, Oferendas e sacrifícios. Usa-se também trabalho, despacho e, às vezes, feitiço.” (V.M.B, 2005 : 194)

Odus- (odu)- “Pronunciamento oracular resultante da prática advinhatória com o *òpelé* (vd)

Oiá- vd. *Iyansán*

Olorum- “Divindade suprema *yorùbá*, criador do céu e da terra. Deus do firmamento. É o *Eléeda*, “senhor-das-criaturas-vivas”; o *elèémí* “dono da vida” que criou o homem e a mulher a partir do barro encarregando seu filho *Obàtálá*, de moldá-los e animá-los com o sopro vivificante. De caráter inamovível, é numinoso, que permanece fora do alcance dos homens que não lhe podem render culto. Não tem insígnias. Sua cor é branco absoluto. É também chamado de *Olódumaré*.” (V.M.B., 2005 : 199).

Ogum-(ògún) “Divindade da forja e dos usuários de ferro; por extensão da guerra e da agricultura e, também, da caça ou de todas as demais atividades que envolvem a manipulação de instrumentos de ferro. É rei de *ire*, por isso chamado no Brasil de *Oniré*. Costuma a ser representado por um semi-círculo soldado à base por uma haste, no qual se encontram, pendurados no arco do semi-círculo, todo o tipo de instrumentos que como um conjunto todo, são de ferro. É filho de *Yemoja* e irmão de *Èsú* e *Osòòsi*. Por isso, tem a ver com os caminhos, a caça e a pesca. Pertence-lhe a faca sacrificial – o *obé* (vd). Os colares são de contas verdes ou azul-(escuro) (em angola). Seu dia é terça feira. Saudação- “Ògún yé!””. (V., M., B, 2005 p.199-200).

Oluô- (*Bàbàlàwo*) “Sacerdote encarregado dos procedimentos divinatórios mediante o *òpelé* de *ifá*, ou rosário-de-ifá.” (V., M., B., 2005 p.193)

Òpelé- “Colar aberto no qual se encadeiam oito metades de coquinhos de dendê, mediante um fio traçado de palha-da-costa. É o instrumento divinatório privativo dos autênticos sacerdotes de ifá” (V. M.B., 2005 : 200) vd. *Babalaô* ou *Oluô*.

Orixá – (òrisá) - “Qualquer divindade *yorùbá* com exceção de olóòrum (vd). Seus equivalentes *fón* (vd) são *vuduns*. A designação do culto angola-congo que lhes correspondem é *inkice*. Essas equivalências são imperfeitas pois ao passo que uns são forças da natureza, os outros são espíritos que retornam sob a representação de animais, enquanto que outros ainda são espíritos ancestrais.” (VM.B, 2005 : 200-201). “ Orixás- Divindades iorubá cultuadas nos candomblés, Xangôs, Batuques e umbandas (...) São antigos reis ou heróis divinizados e considerados como representações das forças da natureza. São também chamados de “santos”. ” (BARROS,1999 :239)

Otá – vd. *Pegí*

Oxum- (òsún) – “Divindade das águas em particular Rio Òsún na Nigéria. É a segunda esposa de Sòngó, mas foi casada também com Ogum e Osóòssi. Deste último casamento nasceu Lògúm-ede vd. Seus símbolos são o leque dourado e a espada. É pois ima iabá que se caracteriza pela coqueteria, gostando de enfeites e jóias de ouro (ou cobre amarelo). Tem título de Ialodê chefe das mulheres do mercado, sendo sincretizada no Brasil com diversas Nossas Senhoras(da Glória, da Conceição, do Carmo, das Candeias, da Candelária) e com Santa Luzia. Além disso é a rainha de Òsogbo e Òió. Seus colares usam contas amarelas-douradas-translúcidas. Saudação - “Rora yèyé o!” Seu dia é o sábado. ”(V. M.B, 2005 : 201).

P

Padrinho- vd *Babalorixá*, *Pai de Santo*.

Pegí- “Espécie de altar onde se encontram dispostos os diversos tipos de insígnias da divindade , com as pedras votivas (*otá*), armas e demais objetos simbólicos, e onde estão dispostos recipientes contendo as comidas ofertadas aos *oràsá*.” (V. M.B., 2005 : 202).

Pai-de-santo- vd. *Babalorixá*.

Pomba-gira- vd. *Exú*

Preto velho- “ Entidade que representa velhos e velhas pretas. São velhos ex-escravos vovô e vovó ou tios e tias) que andam curvados, algumas vezes apoiados em bengalas,(...) sempre fumando um cachimbo.”. (MAGGIE, 2001: 151) “Termo que designa um tipo de entidade característica dos cultos de umbanda. Representam os espíritos dos mortos que se notabilizaram por sua humildade sabedoria e magia. São conhecidos como vovô-vovó, tio-tia, e pai e mãe.” (V.M.B.,2005: 202)

Preta veia- vd Preto velho.

Povo-de-santo- “Design ação coletiva que abrange o conjunto dos filhos de santo de todos os candomblés.” (V.M.B.,2005 :202)

R

Rainha- Personagem de grande destaque nas cortes de maracatus. Muitas vezes assumido por respeitadas *yalorixás* que fundamentaram o “vínculo religioso” entre os maracatus e os Xangôs em Recife.

Recolhimento- vd Luto.

S

Saída- Desfiles nas ruas da cidade. Segundo Dona Elda, *yalorixá* e Rainha do Porto Rico do Oriente, existem dois tipos de saídas: as “oficiais” do carnaval, como o desfile na Dantas Barreto (domingo de Carnaval), a Noite dos Tambores Silenciosos (Segunda de Carnaval no pátio do terço bairro de São José) e para os primeiros lugares o desfile das campeãs que ocorre, no dia 12 de março, durante a cerimônia de aniversário da cidade do Recife, na torre Malakoff no Marco Zero do Recife Antigo; e, as saídas de “folclore”, desfiles contratados mediante ao pagamento de cacheês, que ocorrem durante todo o ano.

Sede- Local onde se realizam as reuniões e ensaios e onde ficam guardados os adereços, instrumentos e vestimentas do maracatu de baque virado. Em muitos casos a sede se sobrepõe à casa dos dirigentes da nação.

T

Terreiro – vd. *Candomblé*. “Casa de Culto, onde se realizam a maior parte dos rituais. Grupo sob a chefia de um pai de santo.” (M., 2001 : p.153). “Pode chamar-se também *ilê*, *Casa de Santo*, *Roça* e *Abacá*. (BARROS, 1999: 240).

Toque- Diz-se para ensaios da orquestra de bombos do maracatu e também para dia de culto litúrgico nos terreiros.

V

Vudum- vd. *Orixá*.

X

Xangô- “*Orixá* nacional ioruba. Deus do Raio e do trovão, filho de *Oxalá* e *Oranian*. Fundador mítico da cidade de *Oió*. No Brasil é considerado como filho de *Oxalá*. Suas esposas míticas são *Oxum*, *Oba* e *Iansã*./ *Oiá*. Seu dia consagrado é quarta feira é sua saudação é *Caô-Cabieci!*” (BARROS, 1999 : 240).

Xangôs - vd. *Candomblé*

Y

Yalorixá – (*Ialorixá*) – vd *Babalorixá*.

*

Bibliografia:

ABREU, Regina. “Subjetividade, Alteridade e Memória Social em Ruth Landes” artigo apresentado no encontro Anual da ANPOCS, outubro de 2000.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes Recife*: FJN ed Massangana, e Cortez, São Paulo 2001.

AMORIM, Maria Alice. “Patrimônio Vivo de Pernambuco Reconhecimento para arte e tradição cultural Barro, Xilo, Música e folguedos populares nas mãos de 12 mestres” in: Revista Continente Documento n.43/2006, março 2006.

ANDRADE, Mario de. “O maracatu” in *Danças Dramáticas do Brasil* (1959), editora Itatiaia, tomo 2 . São Paulo, Livraria Martinas, 1959.

ARAÚJO, Humberto, *Maracatu Leão Coroado* org. Raul Lody. Fundação da Cultura da Cidade do Recife, Recife, 1989.

ASCELRAD, Maria. “Viva Pareia” *A arte da brincadeira ou a beleza da safadeza uma abordagem antropológica da estética do Cavalo Marinho*. Dissertação de mestrado PPGSA-2002.

BARROS, José Flávio pessoa de *A fogueira de Xangô: o orixá do fogo uma introdução a música sacra afro-brasileira*. Rio de janeiro- UERJ, intercon, 1999.

BARBOSA, Cristina. *A Nação Maracatu Estrela brilhante de Campo Grande*, Recife, monografia de etnomusicologia UFPE, 2001.

BARBOSA, Virgínea, *A Nação Maracatu Estrela Brilhante do Alto José do Pinho, (1993-2001)*; monografia de etnomusicologia UFPE, 2001.

BENJAMIN, Roberto e AMORIM, Maria Alice; *Carnaval cortejos e improvisos*, Prefeitura do

Recife Secretaria de Cultura Fundação de Cultura cidade do Recife. Recife, 2002.

BENJAMIN, Roberto; *A África está em nós: História e Cultura Afro-Brasileira*; manual do professor, ensino fundamental, Livro 4 João Pessoa PB, ed. Grafset, 2006.

BENJAMIN, Walter; “O narrador Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica arte e política ensaios sobre literatura e História da cultura*. Obras escolhidas Vol I, Ed. Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre, “A ilusão biográfica” in: *Usos e abusos da História Oral*; VI edição, Fundação Getúlio Vargas. In: *La Illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales* juin 1986.

CARVALHO, José . Jorge de.; SEGATO, R. Lidia. . “A Tradição Religiosa do Xangô do Recife.” In: *Humanidade sem Revista, Brasília*, v.47, 1999.

CLIFFORD, J. “Collecting art and culture” In: *The predicament of culture: twentieth century ethnography, literature and art*. Harvard University Press, 1988. (:215-252). (Há uma tradução brasileira: “Colecionando arte e cultura” In: *Revista do Patrimônio*, no. 23, 1994)

_____; “Objects and selves” In: *Objects and others: essays on museums and material culture*. (:146-166) . The University of Wisconsin Press, 1985,

_____; “Sobre a Autoridade etnográfica” In: “A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.” (org. Gonçalves, J.R.) Ed. UFRJ, 1998.

_____; “Sobre a Alegoria Etnográfica” In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. (org. Gonçalves, J.R.) Ed. UFRJ, 1998.

CARNEIRO, Edison. *Folgedos tradicionais*. Ed. Conquista, Rio de Janeiro, 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara, *Dicionário do Folclore Brasileiro*: Ediouro, 1998.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e VILHENA, Luís Rdolfo Vilhena; *Traçado Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do Folclore*. In Estudos Históricos 1990.

COSTA, Pereira da. *Folk-lore Pernambucano; Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. Prefácio de Mauro Mota. Primeira edição autônoma. Recife, Arquivo Público Estadual, 1974. Publicado originalmente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 70, 1908.

CORRÊA, Mariza; “O mistério dos Orixás e das bonecas : raça e gênero na antropologia brasileira.” in: *Antropólogas e Antropologia* ed. UFMG, Minas Gerais, 2003.

DANTAS, Beatriz Góis; *Vovó Nagô e Papai Branco; usos e abusos da África no Brasil*, ed. Graal, Rio de Janeiro, 1988.

DOUGLAS, Mary; *Pureza e Perigo*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1976.

DURKEIM, Émile; *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

EVANS-PRITCHARD, E.E.. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande* (1937). Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FERREIRA, Ascenso. “O maracatu” in: MAIOR, Mario Souto e VALENTE, Waldemar. (org.) *Antologia Pernambucana de Folclore*. Recife. (:33-44). Ed. Massangana, 1988.

GEERTZ, Clifford; “A Descrição Densa” in: a *Interpretação das Culturas* , : LTC, Rio de janeiro, 1989.

_____, *Vidas e Obras o antropólogo como autor* ed. UFRJ, rio de janeiro, 2002.

GONÇALVES, Reginaldo; *A Retórica da Perda; os discursos do patrimônio cultural no Brasil*, ed: UFRJ 2002.

_____; “O patrimônio enquanto categoria de pensamento” In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*, (orgs. Abreu, R.; Chagas, M.), pp. 21-29, FAPERJ/DPA/UNIRIO, 2003;

_____; “Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade” In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 8. Rio e Janeiro, 2001.

_____; “Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios” , Rio de Janeiro, 2005.

_____; “Ressonância, materialidade e subjetividade as culturas como patrimônio” ; texto apresentado na ABA, 2004.

GUERRA PEIXE, *Maracatus do Recife*, São Paulo, Recife, Irmãos Vitale Secretaria de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

GENNEP, A. Van, *Os Ritos de Passagens: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, da gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.*; tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. Petrópolis, Vozes, 1978.

GUILLEN, Isabel; “Rainhas coroadas: história e polissemia nos rituais dos maracatus-nação no Recife” ; texto apresentado na ABA de 2004.

_____; “Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição: discutindo mediações culturais no Recife dos anos 1930 e 1940.” In: *Clio Revista de Pesquisa Histórica*- n.21. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

HANDLER, R. "On having a culture" In: *Objects and others: essays on museums and material culture*. (org. Stocking, G.) (:192-217). The Wisconsin University Press, , Madison, 1985.

JACKINS, Ira "Collecting" In: *The storage box of tradition: Kwakiutl art, anthropologists and museums, 1881-1981*. (:19-72). Smithsonian Institution Press. Washington, 2002.

KOPYTOFF, Igor; "The cultural biography of things: commoditization as process" in; *The social life of Things Commodities in a cultural perspective*. (Arjun Appadurai org.) Cambridge University press, 1986.

LIMA, Ivaldo Marciano de França-; *Maracatus-Nação Ressignificando Velhas Histórias*. Ed. Bagaço, Recife, 2005.

MAIOR, Mario Souto . *Dicionário dos Folcloristas Brasileiros*, Recife, 1999.

MAGGIE, Yvonne, *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*; ed. Jorge Zahar ed; 2001.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva. Formação e razão da troca nas sociedades arcaicas" (1925). In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naif, 2003.

_____, "Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e de eu".(1938). In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naif, 2003.

MENEZES, Lia, *As Yalorixás do Recife*; Funcultura, Recife 2005.

POMIAN, Krzysztof. "Entre o visível e o invisível: teoria geral das coleções" In: *A Coleção*, Enciclopedia EINAUDI, Lisboa, imprensa Nacional, casa da moeda, v. 1 (: 56-86) , 1984.

PRICE, Sally, *Arte primitiva em Centros Civilizados*; Tradução de Inês Alfano; revisão técnica de José Reginaldo Gonçalves. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2000.

PRANDI, Reginaldo, *Mitologia dos Orixás*; São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____; (org.) ; *Encantaria Brasileira : o livro dos Mestres, Caboclos e Encantados*. Rio de Janeiro, ed. Pallas, 2004.

REAL, Katarina *O folclore no Carnaval do Recife*. Recife (1966), Massangana, 1990.

_____; *Eudes o Rei do Maracatu*; Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana, 2001.

_____; “Folkways of Northern Brasil”, Folheto a exposição organizada pela autora na Universidade da Carolina do Norte, 1959.

_____, *Dona Joventina calunga do Maracatu Estrela Brilhante*, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

_____, “O Folclore e a Bondade Brasileira 1967”, discurso proferido pela autora na Câmara Municipal, ao receber o título de “Cidadã do Recife” em 22/11/1967.

REZENDE, Antonio Paulo, *O Recife: histórias de uma Cidade*. Fundação de Cultura cidade do Recife, 2005.

SANDRONI, Carlos, “O Destino de Joventina” comunicação apresentada no 36º Congresso do ICTM, Rio de Janeiro julho de 2001.

SANTOS, Climério de Oliveira e RESENDE, Tarcísio Soares, *Batuque Book Maracatu: baque virado e baque solto*; ed: do autor, Recife, 2005.

SILVA, Leonardo Dantas, “Ensaio de carnaval Quando o Maracatu era Caso de Polícia” in: www.revivendomusicas.com.br/curiosidades_01.asp?id=85 consultado dia 12/12/05.

SETTE, Mário, *Maxambombas e maracatus*, Recife Livraria universal, 1938.

SILVA, Vagner Gonçalves, *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras* ed. USP São Paulo, 2000.

SOUZA, marina de Mello, *Reis negros no Brasil Escravista história da festa de coroação de Rei Congo* , ed UFMG, 2002.

THOMAS, Nicholas “Objects, Exchange, anthropology” In: *Entangled objects: Exchange, material culture, and colonialism in the Pacific*. Harvard University Press, Cambridge, 1991.

TURNER, Victor. “Betwixt and Between: O Período Liminar nos Ritos de Passagem”, em *Floresta de Símbolos: Aspectos do ritual Ndembu*. apresentação Roberto Da Matta. EdUF, Niterói, RJ, 2005.

_____, Victor, “ Variations on a Theme of Liminality” ; in *Secular Rituals*, Eds. Sally F. Moore, Barbara G. Myerhoff. 1977.

VILHENA, Luis Rodolfo, “*PROJETO E MISSÃO, o movimento folclórico Brasileiro 1947-1964.*” – : ministério da cultura, FUNARTE, Rio de Janeiro; 1997.

_____; “O Popular Visto das Margens: Cultura Popular e Folclore em van Gennep e Bakhtin” in: *Ensaio de Antropologia*. ed UERJ, Rio de Janeiro, 1997.

VOGEL, Arno; Marco Antônio da Silva Mello, José Flávio Pessoa de Barro; prefácio de Antônio Olinto: *A galinha d'angola: Iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*, 3 ed.- Rio de Janeiro : pallas, 2005.

WEINER, Annette “Inalienable possessions: The forgotten dimension” In: *Inalienable possessions: the paradox of keeping-while-giving*. (: 23-43). University of California Press, 1992.

WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido* . Companhia das letras, São Paulo, 1989.

*

Decreto Estadual: Lei do Registro do Patrimônio Vivo, n. 12.196, de 02 de maio de 2002.

Decreto Federal: n. 5.520. de 24 de agosto de 2005.

*

Foram Consultadas as seguintes instituições:

Acervo de Iconografia da FJN.

Acervo da CPF

Acervo da INSR (registros de corações).

Arquivo Publico.

Biblioteca da UFPE.

Biblioteca do IFCS – UFRJ

Biblioteca do Museu do Folclore Édison Carneiro RJ

Laboratório de Etnomusicologia UFPE.

*

Anexos



Katarina Real ao lado das índias. (déc 60). Ocasão em que foi madrinha da tribo Tupi-Guarani e recebeu coroa de seu Perê, rei da tribo. (Iconografia - FUNDAJ).



Katarina e Bob na “Torre do Frevo”, Recife, Boa Vista, 1968. (iconografia - FUNDAJ).





Lenira a dama do paço do Estrela Brilhante, dançando com a calunga Dona Joventina, ocasião em que Katarina Real recebeu o título de Cidadã do Recife, em 24 de novembro de 1967. (Iconografia- FUNDAJ).



Autógrafos no lançamento da primeira edição de *O Folclore no Carnaval do Recife*, Recife 1967.



Acima: corte da nação Elefante com as três calungas: Dona Emília, Dom Luiz e Dona Leopoldina. Abaixo: Dona Santa. Fotos de Katarina Real, 1960. (Iconografia- FUNDAJ)





Katarina Real e Seu Luiz de
França no terreno recém comprado
em águas Compridas, Olinda,
1997. (Acervo CPF)



Roberto Benjamin e
Katarina Real, Tucson,
Novo México, EUA, 1983.
(Acervo CPF).



Dona Olga Santana Batista e
Dona Emília, a calunga do
maracatu nação Estrela
Brilhante de Igarassu. Julho de
2006.
(fotos de Marcelo Lyra)





Texto da foto 01

Acima: cerimônia de saída das calungas do Centro. Dona Erundina (Oxum Panda) carregada pela dama do paço. Terreiro Ilê Omyr Ogunté, Bomba do Hemetério, Recife, fevereiro 2006. (foto de Claqk.).

Abaixo: foto comemorativa dos cem anos da nação Estrela Brilhante do Recife. Dona Joventina e Dona Erundina.





Calunga do antigo maracatu nação Estrela Brilhante: Dona Joventina. Escultura em madeira com braços e pernas articulados, vestimenta em seda e bijuteria em plástico e metal. (altura: 65 cm).
Doação: Katarina Real, 1996.
Exposição "Katarina Real: outros carnavais" março de 2007.
(fotos de Marcelo Lyra)

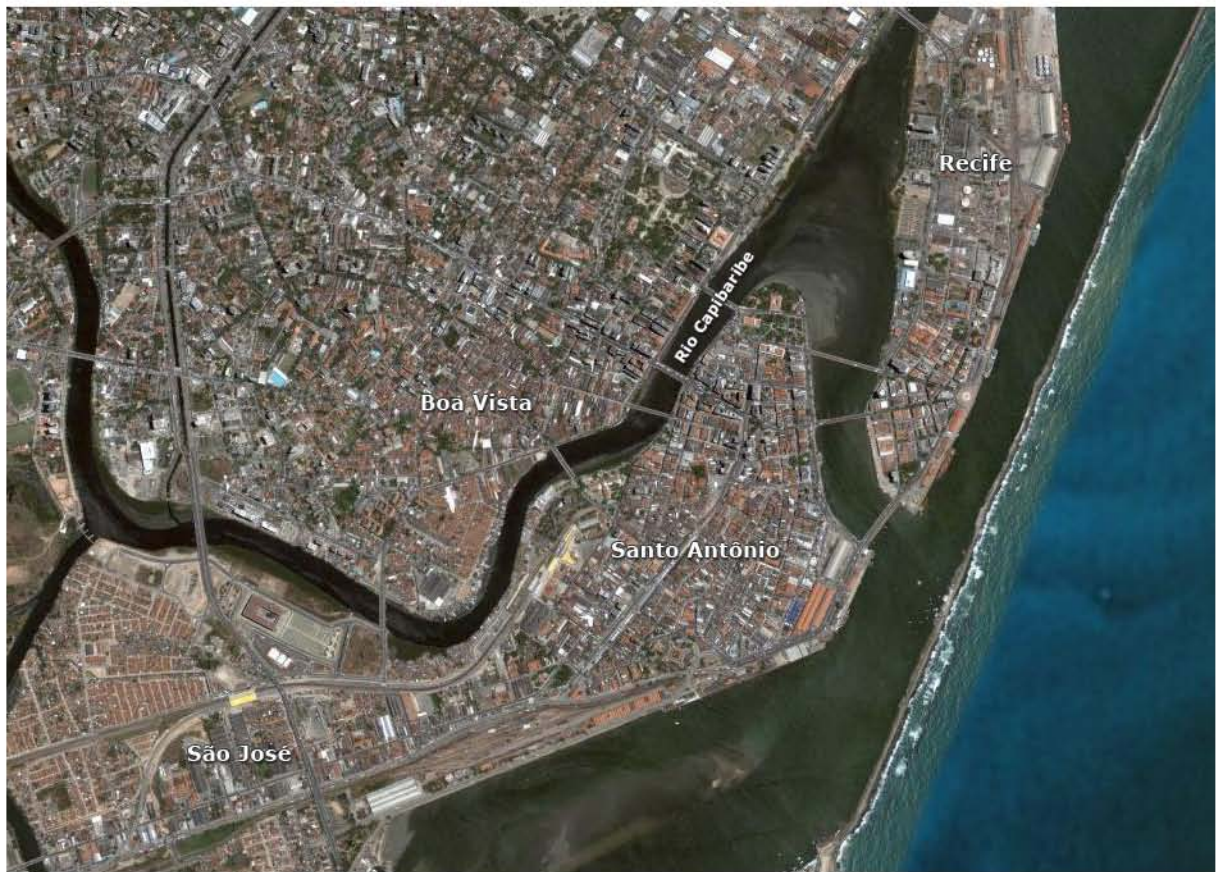




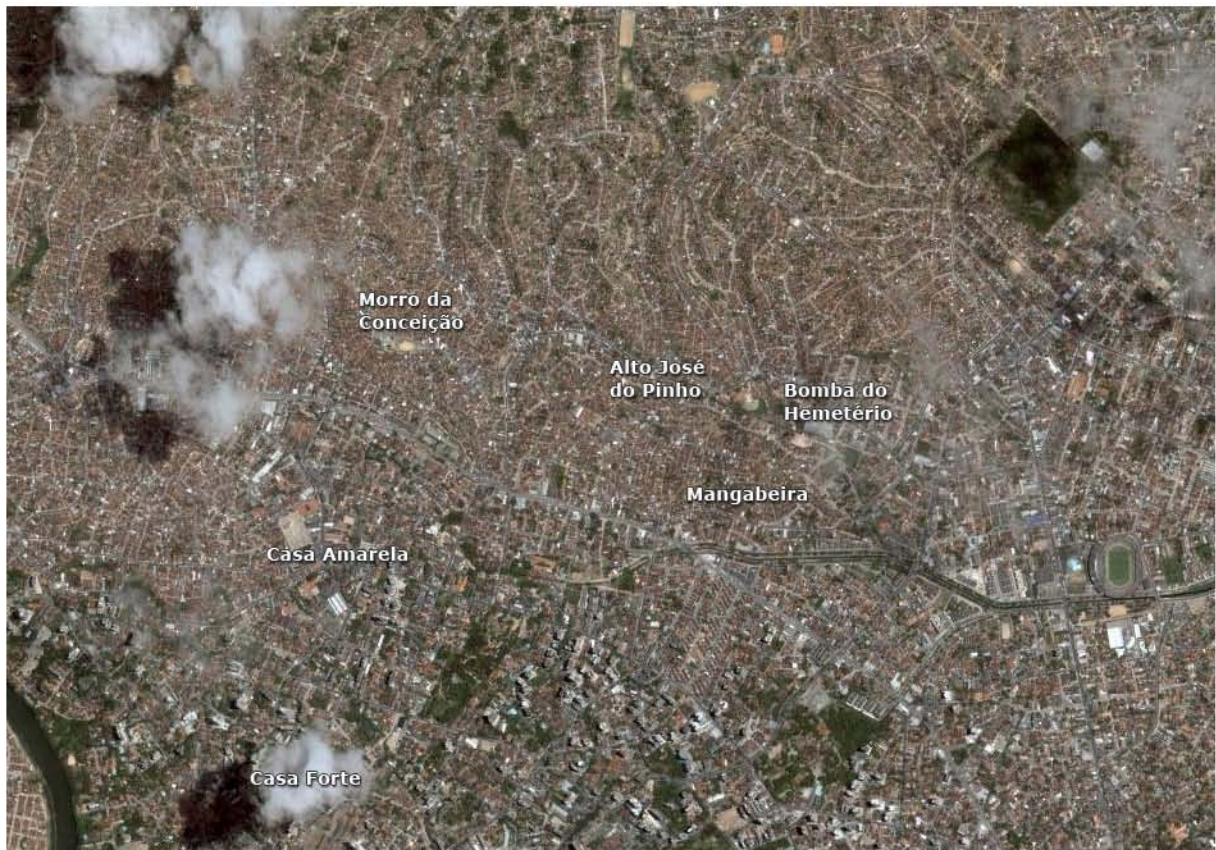
Silvio Botelho; Olímpio Bonald e Clarisse Kubrusly; Galeria Waldemar Valente, Casa Forte Recife, MHN-FJN.março de 2007. (foto de Claudio Santana.).

Marivalda Maria dos Santos, Dona Joventina e Maurício Soares, MHN-FJN, Março de 2007. (foto de Marcelo Lyra).

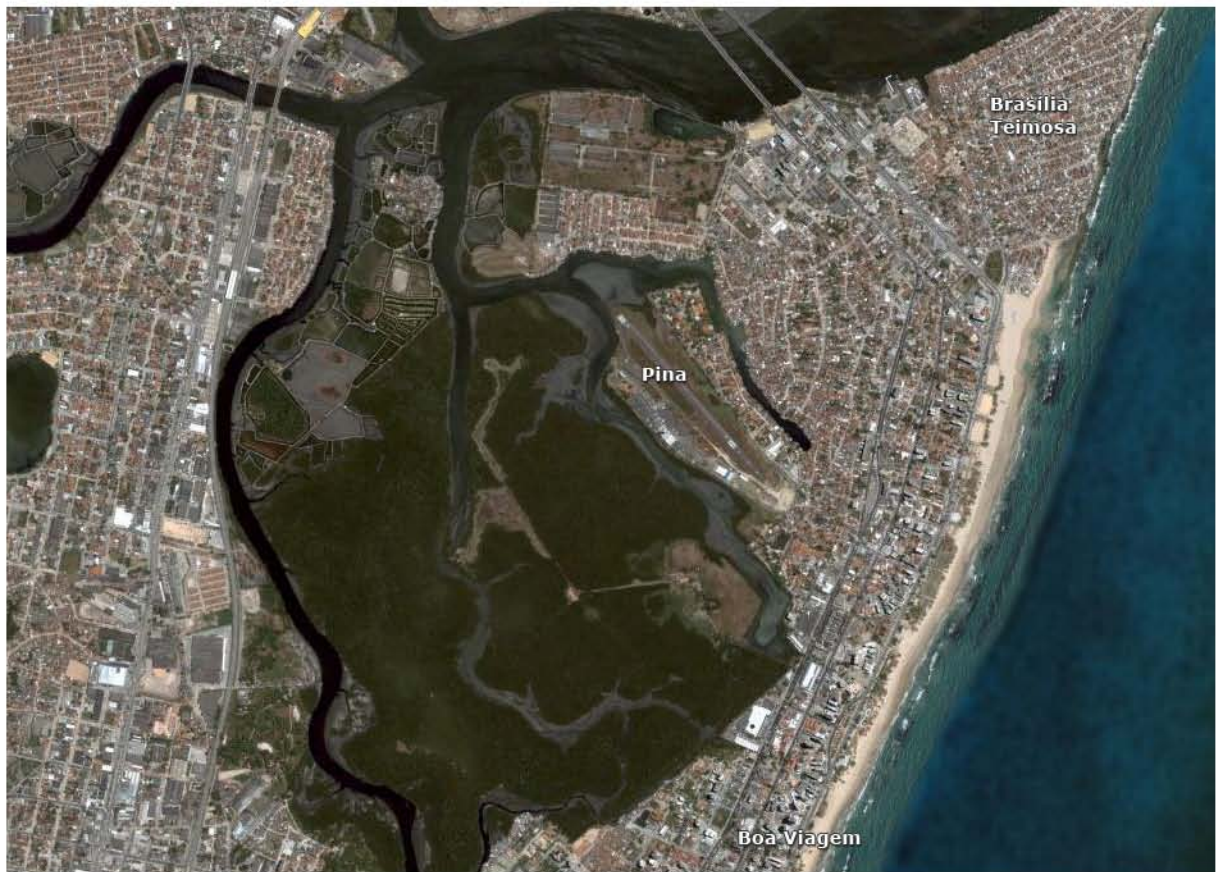




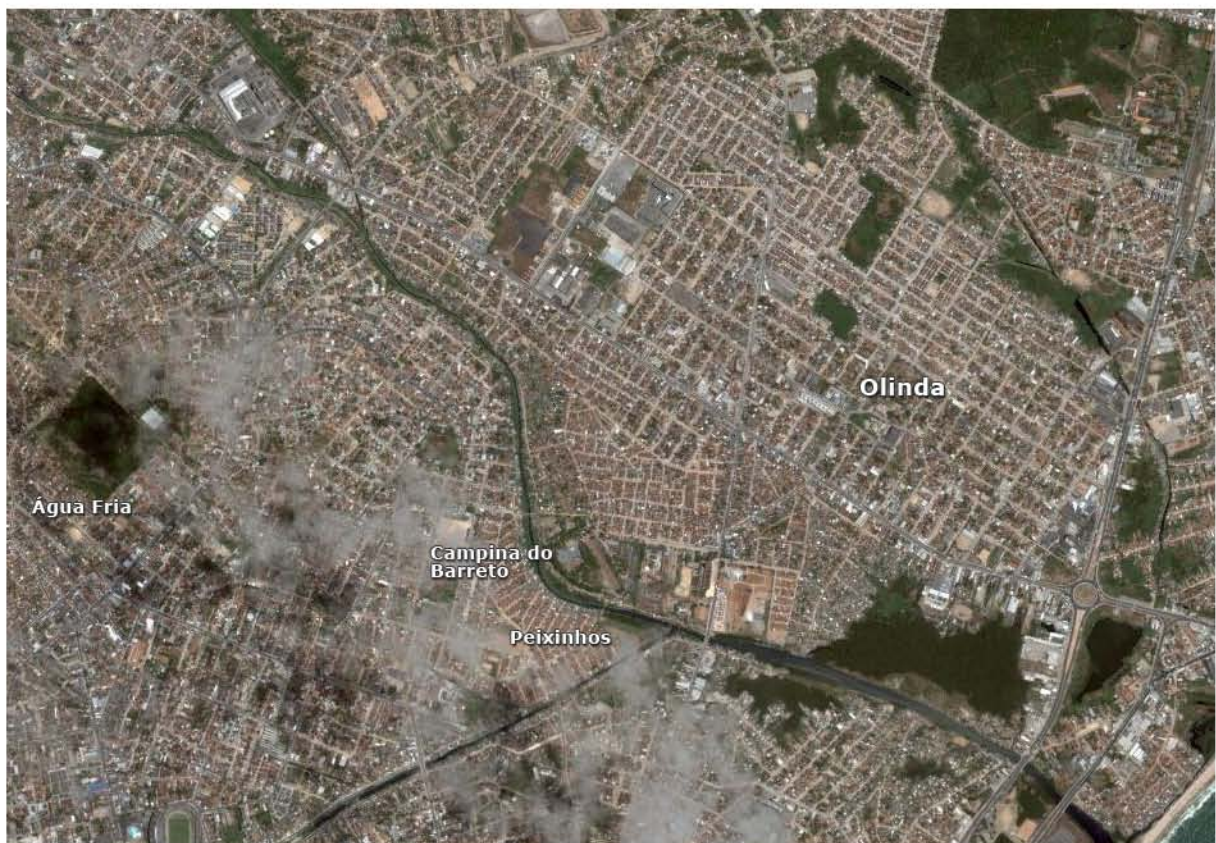
Zona Portuária do Recife Antigo, Santo Antônio
São José, Boa Vista e Bairro do Recife, Recife.
(googlemaps)



Região dos maracatus Estrela Brilhante(Alto José do Pinho - Mangabeira) e Elefante (Bomba do
Hemetério). (googlemaps).



Bairro do Pina, Recife. Maracatu
Porto Rico do Oriente e Maracatu
Encanto do Pina.



O maracatu Leão Coroado era de Água Fria, próximo ao Alto José do Pinho e foi transferido para Olinda, Aguas Compridas, Próximo de Peixinhos e Campina do Barreto. (googlemaps).

